

Antônio Carlos Guimarães

EVOC, 2019

Abigail

[Mediunidade e redenção]

Abigail

[Mediunidade e Redenção]



Estampa do *Pavilhão das Fontes*, Lambary, MG –
Início Século XX – Ed. Casa Viola

Antônio Carlos Guimarães

EVOC, 2019

ANTÔNIO CARLOS GUIMARÃES

Abigail

[Mediunidade e redenção]

Abigail: nome hebraico que significa *fonte de alegria*

EVOC, 2019

Abigail [Mediunidade e redenção]

Antônio Carlos Guimarães

Data da publicação: 19/07/2019

CAPA: José Carlos Saldanha e Antônio Carlos Guimarães

REVISÃO: Astolfo Olegário de Oliveira Filho

PUBLICAÇÃO: EVOC – Editora Virtual O Consolador

Rua Senador Souza Naves, 2245 – CEP

86015-430 Fone: (43) 3343-2000

<http://www.oconsolador.com.br>

Londrina – Estado do Paraná

Dados internacionais de catalogação na publicação

G963c	<p>Guimarães, Antônio Carlos</p> <p>Abigail : Mediunidade e redenção / Antônio Carlos Guimarães; revisão Astolfo Olegário de Oliveira Filho. - Londrina, PR : EVOC, 2019.</p> <p>202 p. ; il.</p> <p>1. Espiritismo. 2. Mediunidade. 3. Guimarães, Abigail, 1926-1944. 4. Guimarães, João, 1927-2015. I. Oliveira Filho, Astolfo Olegário. II. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDD 133.9 19.ed.</p>
-------	---

Bibliotecária responsável Maria Luiza Perez CRB9/703

Este livro está baseado em fatos reais da vida da biografada.
Projeto Gráfico e Diagramação (originais): José Carlos Saldanha

APRESENTAÇÃO

MORTE E VIDA

O mais triste dos funerais	10
----------------------------------	----

HISTÓRIAS DE AGUINHAS

Um contador de histórias	12
--------------------------------	----

PARTE 1 - A HISTÓRIA DE ABIGAIL

Capítulo I - Família

1 – Uma cidadezinha ao pé da serra	17
2 – A união e os rebentos	20

Capítulo II - Infância

3 – Os tenros anos	23
4 – Questões de família	26
5 – Necessário te é nascer de novo	29
6 – No Alto da Serra	35
7 – Remédio do além	39
8 – As Sete Voltas	42
9 – Os caminhos sinuosos da vida	45

Capítulo III - Obsessão

10 – O princípio das dores	49
11 – Um núcleo espírita	52
12 – Duras provações	55
13 – À procura de ajuda	59
14 – O Centro Espírita Vinte e Quatro de Junho.....	62
15 – Toma tua cruz e segue-me	64
16 – No esforço da fé	67

Capítulo IV - Cura

17 – Será longo o tempo das dores.....	70
18 – Legião é o meu nome	73
19 – Luzes sobre a hóstia	76
20 – Hotel Imperial	79
21 – Namoro e casamento	84

Capítulo V – Desencarnação	
22 – A maior de todas as dores	89
23 – O mais triste dos funerais	94
Capítulo VI – Missão	
24 – As lições do sofrimento	98
25 – Testemunhos da fé	102
NOTAS HISTÓRICAS	
1 – Notas biográficas, administrativas e geográficas	108
2 – Pequena memória do Centro Espírita Vinte e Quatro de Junho	115
ÁLBUM DE RECORDAÇÕES	
1 – Dados biográficos da família Guimarães	125
2 – Mensagens psicografadas	128
3 – Documentos	135
4 – Álbum de fotografias	138
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	
– História de Águas Virtuosas/Lambari, MG	140
PARTE 2 - BREVE ESTUDO DOUTRINÁRIO	
1 – Síntese doutrinária do Espiritismo	144
2 – Vida e morte – a dupla face da existência	146
3 – A Lei de Causa e Efeito na Codificação Espírita	155
4 – Terapia das obsessões	181
5 – Glossário de termos espíritas.....	188
INDICAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS	
– Mediunidade, obsessão, desobsessão	194
– Dicionários e glossários espíritas	201
– Autor.....	202

Para João Guimarães (Joãozinho), que viveu esta história, remanesceu para dar seu testemunho e pôde vê-la narrada em livro, para que os Guimarães descendentes jamais esqueçam A HISTÓRIA DE ABGAIL.

Esta história de Abigail que aqui se escreveu

E sede agradecidos.

(PAULO, Colossenses, cap. 3, v. 15)

Se escreveu como testemunho de uma crença espírita; se escreveu com a intenção de deixar registrado o agradecimento dos familiares de Abigail ao Centro Espírita Vinte e Quatro de Junho e aos seus abnegados trabalhadores, encarnados e desencarnados; se escreveu para os descendentes dos Guimarães, para que conheçam a história de sua estirpe.

Mas escreveu-se, também, para consignar ao Espírito de Francisco de Paula Vítor o reconhecimento pelas luzes e bênçãos que lançou sobre essa família.

Escreveu-se para, humildemente, nos ajoelharmos todos ao pé do Divino Amigo e beijar-Lhe as mãos suaves, as quais sempre à mantém estendida sobre os Seus irmãos menores.

Lambari, 23 de setembro de 2009. ¹

Antônio Carlos Guimarães

¹ 104 anos da desencarnação de Francisco de Paula Vítor (Padre Vítor).



Morte e Vida

*Uma vida efêmera que começou com o fim da noite e findou
com o chegar do dia. Uma gota de orvalho que os olhos
da noite verteram e o tocar do sol secou.*

(GIBRAN KHALIL GIBRAN. *Asas partidas*.
Trad. Mansour Chalita)

O Funeral

O mais triste dos funerais

Se o Cristo não ressuscitou, é vã a vossa fé.

(PAULO, I Coríntios, cap. 15, v. 14)

.....

Qual é o mais triste dos funerais?

.....

- Vem se despedir. O caixão já vai ser fechado.
- Já beijei em vida, não vou beijar na morte.



Algodão

Histórias de Aguinhas

*Contar é muito, muito difícil.
Não pelos anos que já se passaram.
Mas pela astúcia que têm certas coisas passadas — de fazer
balancê, de se remexerem dos lugares.*

(GUIMARÃES ROSA. *Grande sertão: veredas*)

Histórias de Aguiinhas

Um contador de histórias

(...) igualmente a mim me pareceu bem, depois de acurada investigação de tudo desde sua origem, dar-te por escrito ... uma exposição em ordem, para que tenhas certeza das verdades em que foste instruído. (LUCAS, cap. 1, vs. 3-4)

— Vô, conta uma história de Aguiinhas. Conta, vô! Como aquelas que ‘ocê contava quando a gente era criança.

O velho, sentado num alpendre, cercado de netos, foi que inventara aquela história das “Histórias de Aguiinhas”. Contara sim aos netos inúmeras histórias, e estórias também. Havia inventado umas, aumentado outras, mas todas se passavam em Aguiinhas — uma terra encantada que criara para diverti-los.

Ora, ele disse, agora ‘ocês tão crescidos demais para ouvirem histórias. Realmente, os netos, agora adolescentes, e alguns já adultos, queriam era matar as saudades da infância. Retornavam à casa dos avós em razão do aniversário daquele avô querido, a que tratavam com carinho de *Pai Véio*. Daí o pedido. E eles dispunham de uma tarde toda de domingo para conversar, disseram.

Mas o velho sabia o quanto aquelas histórias que ele contara fora importante para a formação de seus netos, o quanto aquela invenção de “Aguinhas e suas histórias” os divertira em criança. E ele também estava com saudades dos velhos tempos. Então disse: “Stá bem. Mas hoje vou contar uma história diferente. Uma história que também se passou em “Aguinhas”. Uma história linda, uma história de vida, que, sendo assim, é triste e é alegre. Vou contar, de um modo que nunca contei, a história de uma pessoa que ‘ocês não conheceram. Tragam pra mim aquele porta-retratos que ‘tá na sala sobre a cristaleira.”

Assim, ele fitou por longo tempo a foto, puxou o lenço do bolso traseiro da calça de brim surrada e limpou os olhos, que só a lembrança dessa história o emocionava. Acomodou-se na cadeira de vime, esticou as longas pernas cansadas das batalhas da vida, fechou os olhos durante algum tempo, respirou fundo, e começou a contar. E ele que cultivava a mania, antes de iniciar a contação, de nomear de forma pomposa as suas histórias, disse: esta que vou lhes contar chama-se simplesmente ABIGAIL.

E começou a narrar.

.....

Muitos anos se passaram desde então. Os avós se foram desta vida e esta história ficou na memória da família, contada e recontada para as novas gerações.

Agora, reaparece aqui escrita por um dos netos do “Pai Véio”, tal e qual ele a havia narrado num domingo de aniversário na década de 1970, e em notas das “Histórias de Aguinhas” que deixou em um baú de recordações. ()*

(*) Sobre as “Histórias de Aguinhas” ver: *Menino-Serelepe — um antigo menino levado contando vantagem* – Antônio Lobo Guimarães, Edição do Autor, 2009.

<http://www.guimaguinhas.prosaeverso.net/livros.php>

PARTE I

A história de Abigail

*Vidas que são firmeza e fé se apresentam como
mensagens de coragem e resignação.*

*Toda vida traz em si a sua mensagem, seja
desafortunada, seja luminosa e esplêndida.*

(FRANCISCO DE PAULA VÍTOR [Pe. Vitor]
Do livro *Vida e Mensagem*
Psicografado por J. Raul Teixeira)



Capítulo I - Família

1 – Uma cidadezinha ao pé da serra

*Ele me faz repousar em pastos verdejantes.
Leva-me para junto das águas de descanso.*

(SALMOS, cap. 23, v. 2)

A cidadezinha de Águas Virtuosas é vista como a mais bonita da região das estâncias hidrominerais do Sul de Minas. Situada no centro de um vale suntuoso, em forma de concha, é resguardada ao norte das fortes correntes de ar pela imponente e majestosa *Serra das Águas*, que se alteia a mais de mil e duzentos metros. Ao sopé da montanha, através do rio *Mumbuca*, que nessa serra tem sua cabeceira, águas cristalinas serpeiam e rolam ligeiras, borbulhando nas pequenas quedas e nos trechos mais sinuosos.

No centro da várzea em que manam as águas avigorantes, um casario modesto mas bem ordenado se distribui por ruas e avenidas largas e bem traçadas, que revelam adequado planejamento urbano. Ao derredor, como a emoldurar o vale, erguem-se colinas e montes. Uma longa encosta, denominada *Sertãozinho*, abriga em seu topo o cruzeiro; um outeiro mais sóbrio, a matriz de Nossa Senhora da Saúde. Ao Sul avista-se o pico do *Morro*

do Selado, a sudoeste a *Serra de Santa Catarina*, a nordeste as montanhas de Conceição do Rio Verde, próxima da qual se cortou o *Caminho Velho da Estrada Real*. Nuanças de verde pintam esse belo quadro montanhês: verdívivo nos morros mais próximos e tons verde-azulados que aos poucos se acinzentam nos montes mais ao fundo. De qualquer dos pontos elevados mais próximos, pode-se mirar obras do engenheiro Américo Werneck — o prédio do cassino, o lago, o farol, a cascata, o parque novo —, que acentuaram à cidadezinha o seu ar de estância europeia e a prepararam para vir a ser um grande centro de turismo. E assim também se avista a linha férrea, que corre ao entorno, e liga a aprazível vila aos principais centros urbanos do país.

A esse sítio montanhoso tão extraordinário, permanentemente exposto ao sol, a Natureza dotou ainda de vária vegetação e de clima suave, bem dosado entre o quente e o frio, no qual se goza de ar puríssimo e de atmosfera vivificante. São essas fontes de águas medicamentosas e o cenário encantador, tão nutritivos ao espírito quanto ao corpo, que atraem milhares de turistas nas estações de veraneio à busca de repouso, tranquilidade e saúde.

Corria o ano de 1925, quando um jovem alto, forte, desempenado, tez amorenada de quem lida ao sol, desceu a *Serra das Águas* ao trote seguro e macio de uma vistosa mula ruana, cuja toada seguia livre, que o cavaleiro deixara soltas as rédeas, com o pensamento vagando longe e a ponta de um sorriso

a vincar-lhe o canto dos lábios. Retornava ele da *Ressaca*, distrito de São Gonçalo do Sapucaí, onde fora pedir a mão de Margarida Augusta Fernandes, moça pequena e formosa que lhe tomara, de um só golpe, o coração e a alma, há dois meses passados. O sorriso que ensaiava nascer tinha como origem a cena do primeiro encontro. Numa visita inesperada ao sítio em que morava, Margarida e sua mãe Francisca Finalda surpreenderam-no a espojar-se pelo chão da sala, brincando com Guiomar e outros sobrinhos, que entre gritarias haviam-lhe enfeitado os cabelos negros e fartos, penteados para trás, com flores campestres, e se divertiam com as momices daquele tio de mais de vinte anos a comportar-se como um menino. Recordava-se bem do rubor que lhe cobrira o rosto e do desacocho que passou para cumprimentar as recém-chegadas. Agora fazia planos de ter com Margarida uma casinha repleta de alegria das suas próprias crianças.

Ao aproximar-se do pé da serra, o sol esbatia os últimos traços da leve bruma que a madrugada úmida trouxera. Mal entra na rua principal, e Guaraciaba, toda ajazada, sela de couro trabalhado e laço de oito braças, já chama a atenção. Quanto quer pela mula, moço? Esta não tem preço. Vai morrer comigo, vai respondendo a quantos perguntam, com sua fala fácil e cadenciada, entremeada com risadas fartas e sonoras. E o jovem, a quem chamavam por José Batista, mas que fora registrado por José Guimarães Silva, ruma em direção à gleba situada ao sopé do *Morro do Selado*. Vai narrar aos familiares as novidades do casamento.

2 – A união e os rebentos

*Deus mudou o teu caminho, até juntares com o meu.
E guardou a tua vida, separando-a para mim.
Para onde fores, irei. Onde tu
repousares, repousarei. Teu Deus
será meu Deus, teu caminho o meu
será.*

(RUTE, cap. 1, vs. 16-17)

Fora no dia 28 de fevereiro de 1925, três meses antes de se casarem, que José Batista havia conhecido Margarida, na visita que essa fizera a sua futura sogra. E nesse mesmo dia, quando a ouviu dizer que fazia planos de ir para um convento, seguir os passos de uma tia que era freira do Sion, José disse para si mesmo: Se eu deixar... E, de fato, não deixou. E, assim, no segundo encontro, pediu-a em namoro. No quinto, numa festa na capela de *Santa Cruz*, deu-lhe em papel acetinado os versos de um fado que lhe recitara no encontro anterior: *Margarida vai à fonte, vai encher a cantarinha/Brotam lírios pelo monte/vai à fonte e vem sozinha*. O sexto encontro foi para pedi-la em casamento. Quando se viram pela sétima vez, no dia 30 de maio de 1925, foi já na modesta cerimônia de núpcias, realizada em São Gonçalo do Sapucaí.

A primeira morada deu-se numa casinha localizada nas fraldas do *Morro do Selado*, em terras dos familiares de João Batista Guimarães e Francisca de Salles Ribeiro, seus pais. Algum tempo depois se mudaram para uma propriedade rural localizada nas

Três Barras, a três léguas da cidade, que mais tarde lhes veio a caber por herança.

A partir do ano seguinte, começaram a chegar os filhos. Na primeira gravidez, ao beirar dos nove meses, José, então, disse: — Margarida, é mais seguro irmos pra *Colônia*, pra casa de Terezinha. Lá, a pouco mais de légua da cidade, caso precise, é mais fácil achar recurso pro neném que vai chegar. E assim foi que, no dia 4 de março de 1926, na colônia de *Nova Baden*, uma menina belíssima e cheia de vida, batizada Abigail Guimarães, e que viria a ser chamada pelos futuros irmãos por Gaí, chegou ao mundo, numa casa próxima à capelinha de São José, pertencente a Terezinha, viúva de Juvenal, ela uma das irmãs do pai da criança.

No verão de 1927, outra vez às voltas com um nascituro, o casal retorna a *Nova Baden*, dessa feita com destino a moradia alugada a um alemão de nome Buck. Tratava-se de uma casinha de sapê, sem janelas, de chão batido, com um só cômodo, em cujos cantos José Batista improvisou, à direita, as tarimbas de dormir da família, e, à esquerda, um fogão: quatro estacas de pau-mulato servindo de apoio a uma estiva de madeira recoberta de argila sobre a qual se assentou uma trempe de pedras. Foi nessa casinha que, em 2 de março de 1927, nasceu João Guimarães, o Joãozinho, o segundo filho do casal, um meninão esperto e robusto. Essa estação foi muito chuvosa no Sul de Minas Gerais, e olhos d'água começaram a minar por sob o fogão de lenha da pequena morada, e Margarida passou a

quarentena a socar o chão em vários pontos, a fim de inibir as nascentes.

E no verão seguinte, nas *Três Barras*, Margarida disse: José, as dores aumentaram muito. Acho que agora vem. Em três tempos, o marido fora e voltara trazendo Sinhá Catarina, parteira que morava lá pelas bandas do *Trinta Alqueires*. Logo mais chegou também Dolores, irmã de José Batista, cujo sítio, meia légua acima, na direção do *Imbirizal*, lhe fazia vizinhança.

E foi pelas mãos dessa senhora que no dia 6 de março de 1929 veio à luz outra menina, que se chamou Maria Vênus, depois tratada por Zita. De saúde frágil, foi, todavia, uma criança linda, de cabelos negros, com muitos pequenos cachos, que ela balançava sorrindo quando o pai lhe perguntava: Zita, cadê meus cachinhos?

E, ainda nas *Três Barras*, sobrevieram mais dois filhos: o segundo menino, José Guimarães Filho, o Dé, em 30 de janeiro de 1931, e Irene Guimarães, a Nena, em 13 de março de 1933. Essas duas crianças já nasceram em novo município, visto que um inesperado e controvertido decreto estadual de 27 de dezembro de 1930 estabeleceu que “a cidade de Águas Virtuosas da Campanha passa a denominar-se Lambari”.

E assim, com três meninas e dois meninos, estava formada a família de José Guimarães Silva e Margarida Augusta Guimarães.



Capítulo II - Infância

3 – Os tenros anos

O menino crescia e se fortalecia em espírito. E viveu nos desertos até ao dia em que havia de manifestar-se a Israel.

(LUCAS, 1: 80)

A casa nas *Três Barras* era pequena, pintada de branco, alegre e acolhedora. Composta em dois níveis, na parte de cima havia dois quartinhos, e um lanço de três degraus dava acesso a outro quarto e à cozinha na parte de baixo. No terreiro, árvores de frutas e uma pequena horta. Mais acima, uma rocinha de milho e feijão. No espinhaço de um pequeno monte, um arvoredor, o bananal e, em meio a pedras, a nascente de água do córrego que recortava a propriedade. Do lado esquerdo, um mangueiro apertado e um paiol menor ainda, que servia de abrigo aos galináceos. Do outro lado, um curral cercado de paus e arame farpado.

A mãe e alguns familiares de José viviam na propriedade ao pé do *Selado*, e suas irmãs Dolores e Ibiapina habitavam sítios próximos ao seu. Os parentes mais chegados de Margarida moravam em São Gonçalo do Sapucaí, a maioria na *Ressaca*, e as visitas eram escassas. Sua mãe, dona Chiquinha, que ficara cega logo após se casar, costumava, nessa

fase de sua vida, passar temporadas nas casas dos filhos.

Sua presença em casa de Margarida era motivo de festa para as crianças e de alegria para o casal, que prezava muito os laços familiares. E o genro, atencioso, costumava trazer fumo de boa qualidade para a sogra, e essa ficava boa parte do dia sentada à sombra da goiabeira, com uma manta sobre as pernas, cachimbando, conversando, aninhando as crianças, contando-lhes histórias.

Por essa época, à busca de solução para problemas de saúde do filho, e seguindo prática comum da cultura popular, José deixou as crianças com a irmã Dolores e numa romaria foi com Margarida e o Dé, então com quatro meses, até localidade situada acima de Carrancas, a fim de visitar uma milagreira, conhecida por Manoelina, que fazia curas e receitava remédios. Foram e voltaram a cavalo, mas José não procurou qualquer dos parentes que moravam naquela região, que a família há tempos se desentendera.

Margarida fizera seus primeiros estudos no Colégio Sion, em Campanha, levada por uma tia freira, e ali se alfabetizou e tornou-se católica fervorosa. Mas na *Ressaca*, onde foi criada, ela conhecera também a cultura do meio rural, a rotina dos trabalhos domésticos, a lida dura da vida na roça. Fizera-se, assim, uma mulher prática que, com a mesma desenvoltura, lidava com a criação, com os roçados, com as tarefas do lar. Plantava, colhia, cuidava dos animais e os abatia quando necessário, além de

cozinhar, lavar, passar, costurar e cortar os cabelos do marido e dos filhos. Desse modo, para facilitar a defecação dos meninos, fez-lhes calções abertos por baixo de ponta a ponta. E quando Zita apanhou piolhos, Margarida logo lhe tosou os cachos. Quando viu, José se espantou com aquela menina de cabeça raspada fazendo beicinhos. E seus olhos se encheram de lágrimas quando Zita, indagada sobre os cachinhos, começou a chorar e respondeu, balançando a cabeça e abrindo os bracinhos: Abooooouuu!

E na vidinha sem pressa do sítio nas *Três Barras*, José e Margarida trabalhavam e as crianças “cresciam e se fortaleciam em espírito” e oravam na fé da mãe, que lhes dava também as primeiras letras e o catecismo católico. Foram batizadas e crismadas na capelinha do *Imbirizal*, pelos padres das missões. José, de família católica, não frequentava nenhuma confissão religiosa, mas respeitava a crença da esposa e estimulava a evangelização das crianças. Possuía, sim, uma fé própria no Criador — e dignidade e retidão como normas de vida. Foi essa fé que ajudou o casal a superar a perda de Zita, que, enfraquecida por longa verminose, veio a falecer, ainda muito menina, acometida por bronquite.

4 – Questões de família

*Filho meu, se ficaste por fiador do teu companheiro
estás preso com as palavras da tua boca.*

(PROVÉRBIOS, cap. 6, vs. 1-2)

Certo dia, durante uma visita que parecia ser de afeição, pois trouxera toda a família, um parente chegado de José, a quem tratavam por Silva, saca uma letra de um conto e duzentos — uma pequena fortuna! Meu caro José Batista, diz Silva nuns modos ensaiados, preciso de sua ajuda, um abono, um dinheiro urgente para cobrir uns compromissos referentes àqueles negócios de café que me apareceram. Oportunidade de ouro, você sabe, eu não podia perder, pois o futuro está no café. O dinheiro é pra isso. E discorreu com todas as letras sobre as supostas vantagens do “ouro verde”, sobre o mercado de terra roxa, sobre a bolsa de café em Santos, e ao final concluiu dizendo a minha parte na herança do papai vai ficar em garantia, caso ocorra algum imprevisto na data do vencimento. Margarida se retraiu diante da proposta constrangedora, à vista do fingido da visita e do gênio esbanjador do sujeito. José, zeloso de seus negócios, ainda que parcos, pediu uns dias para pensar no caso e conversar com a esposa. Quando discutiram o assunto, ela não concordou, com independência de espírito expôs com firmeza seus pontos de vista, mas à luz do seu coração de fiel esposa deixou claro que respeitaria sua decisão, porque a questão era delicada e envolvia familiares dele. Ele acabou por afiançar a letra, e ela por compreender que fora antes a nobreza de caráter, e não a ingenuidade de uma boa alma, o

conselheiro que levou o marido a assumir aquele compromisso.

Meses depois, quando José lhe contou, Margarida chorou escondida. Ora, ele não ignorava que o Silva dilapidara um quinhão da herança em aventuras da mocidade. Até um carro de passeio — uma coisa tão rara naqueles tempos nas cidadezinhas do interior — até isso o desmiolado comprara e pusera fora! O José, uma pessoa que lutou desde cedo, com tanta experiência de vida! Como pôde dar esse passo em falso! E agora, como seria? Teriam de dispor de boa parte do acanhado patrimônio, sacrificar todos os seus, para não ver o nome da família “metido em embrulhos”. Mergulhada nesses pensamentos tomada de maus presságios, continuou recolhida, e uma súbita tristeza inundou-lhe os olhos, que eram tão alegres de natural.

José passou longos dias calado, abatido, atormentado, e a dedicada Margarida sempre por perto, sem se intrometer muito, adivinhando seus pensamentos, que ela o conhecia bem e sabia que nome, honra e família lhe eram crenças soberanas. “O fio do bigode...”, ela se lembrou com orgulho do modo de pensar do marido. Depois de refletir bastante, José disse: Ele não tem mais crédito, se eu não honrar já a letra, vai acabar sendo morto pelos credores... ou acabar na cadeia, e aí fazer uma besteira maior ainda. E rematou: Margarida, a gente recomeça tudo outra vez. E ela concordou, mesmo sabendo o quanto lhes custara arrumar a vida na pequena propriedade, naqueles tempos penosos das

décadas de 1920 e 1930. Anos de sacrifício, e o cabeça-de-vento do Silva botara tudo por água abaixo! Abraçou os filhos ainda tão pequenos com os olhos merejando fez uma longa prece tentando antever as dificuldades por que família haveria de passar a partir daquele dia.

— É José Batista, a mula 'stá cara, mas vale o que você pediu. Mas só fecho negócio se o laço vier junto com o arreio. Pois bem, meu amigo, leva o laço, sem essa mula ele não vai ter mesmo serventia pra mim, respondeu sem conseguir esconder o travo na garganta e a amargura que lhe apuava o peito. Com a venda de Guaraciaba, José completou o montante com que honrou o abono. Além da mula, se foram também as cabeças de gado, os porcos (menos uma porca prenha), o arreamento, o arado, carros de milho e uma pequena economia do casal.



5 – Necessário te é nascer de novo

*Pergunta às gerações passadas e examina a memória
de nossos pais; pois somos de ontem e o ignoramos.*

(JÓ, cap. 8, vs. 8-9)

E a vida seguiu, mas uma tristeza velada e uma certa desesperança se instalaram naquele sítio das *Três Barras*. Além das perdas materiais, havia alguma coisa no ar, alguma coisa desconhecida que tornava a atmosfera da casa sobrecarregada, oprimida.

Como as poucas atividades do sítio mal dessem para a subsistência, José arranhou um emprego nas terras de Rafael Gonçalves, que ficava no *Piripau*, a légua e meia acima do seu sítio, e foi tirar leite de manhãzinha e cortar e puxar lenha no restante do dia. Como manejava com destreza o carro de bois, botou o Joãozinho como candeeiro, para ir aprendendo o ofício. E juntos inúmeras vezes rasgaram mais de quatro léguas, do *Piripau* até a *Volta do Lago*, com o carro carregado de lenhas para a fábrica de garrafas da Empresa de Águas.

Em casa, sem animais de leite, o alimento das crianças passou a ser buscado ao sítio de Dolores, por Abigail e Joãozinho. Um dia, quando retornavam carregando o pote de leite, Elza, filha de Dolores, brinca: —‘Ocês vórta logo. Não para no córguinho, que vai passá ‘sombração hoje por aqui. Sem que soubessem, Elza se referia a um dedicado padre que uma vez por mês vinha, a pé, da cidade para dizer missa na capelinha do *Imbirizal* e em *Santa Izabel*, e almoçava na casa de Dolores. Na travessia do

córrego, as crianças arriaram o pote ao chão e se puseram a caçar borboletas. Olha, Joãozinho, a azulona! Uma amarelona, ‘ocê viu? Mas Joãozinho se distraíra perseguindo uma borboleta escura, meio avermelhada. Peguei uma 88, vê bem, Gaí! De repente, Abigail apanha o pote e entra no mato a correr pelo leito do córrego, gritando: a’sombração! a’sombração! Joãozinho se virou assustado e viu um padre alto, de batina preta, que lhe sorria e se refrescava no riacho. E o padre, brincando, disse: Joãozinho, cadê Maria? A Maria correu prá lá — disse Joãozinho — apontando córrego acima.

Depois desse episódio, do susto por que passara, Abigail ficou muito nervosa e começou a ver “assombrações” que lhe falavam, que a cutucavam, que perturbavam seu sono. E, conquanto o catolicismo, Margarida, seguindo tradição de sua família, orou, benzeu a menina com galhos de arruda e ministrou-lhe um chá calmante.

Numa manhã de domingo, ouvem-se alaridos de cachorros e tiros ao fundo do sítio. É o Bibiano e os companheiros caçando a veada, diz José. Mais tarde, o caçador passa pelo sítio e pergunta dona Margarida, podemos descarnar a veada aqui? Claro, seu Bibiano, desde que me deixem o couro. Mas o caçador deixou metade do animal, que Margarida salgou e pôs no fumeiro por cima do fogão de lenha, que por aquela época andava meio vazio.

Com os cuidados de Margarida, algum tempo depois, a horta verdejou, a rocinha de milho deu frutos, a porca pejada deu cria, as galinhas se multiplicaram.

As coisas vão melhorando, graças a Deus! — Margarida pensava. Mas um dia, Abigail, que estava então com oito anos, disse: — Mãe, amanhã vai amanhecer leitãozinho morto. Não joga fora, dá a carne pros'outros, não é doença. Tá bem, minha filha, mas o porquinho num vai morrer não, viu? E o animal morreu, e Margarida se assustou. Na semana seguinte, a menina disse o mesmo de um determinado frango. E o frango morreu. Margarida contou o caso a José. E o fato se repetiu mais três ou quatro vezes.

Após isso, a menina começou a ficar irritadiça, emburrada, ela que era tão dócil passou a teimar com tudo e a desobedecer qualquer ordem. Certa feita, por não querer comer abóbora, acabou apanhando do pai, que este também andava muito nervoso com o arrastar da vida e dos negócios. Um inventário na família de José veio a complicar mais as coisas, com os irmãos brigando por questões de somenos. Até Dolores se estranhou com José — e José com Dolores. Ele chegara mesmo a disparar uns tiros contra uma rês que lhe arrombou a cerca e invadiu a roça de milho. Mas eles são tão bons pra gente, ela e o marido Raul, Margarida observou. Eles têm lá o seu orgulho, eu tenho cá o meu, respondeu secamente o marido. Margarida orava, pedia proteção, tomada de pressentimentos e de medos difusos.

E no ano de 1934, as intuições de Margarida se confirmam, pois José resolve deixar as *Três Barras*, aborrecido com os desentendimentos na família, em particular com a irmã, que era sua vizinha. Ir pra

onde, José, se aqui as coisas já'stão tão difíceis? — Margarida perguntava. Pra qualquer lugar, aqui não fico mais. Margarida percebia uma perturbação de espírito no marido e também em Abigail, que continuava ensimesmada pelos cantos da casa — já não era a menina alegre e plena de vida que sempre fora.

Quando José expôs o negócio que estava entabulando com o compadre Alberto Franco, padrinho de batismo do Dé, Margarida não se conteve: — Que'é isso, José?! Que negócio sem pé nem cabeça é este? Nosso prejuízo vai ser muito grande. Deus do Céu! Não faça isso! Mas José estava obcecado com a ideia de deixar as *Três Barras*.

Margarida começou a sondar o seu íntimo, o de sua família, o da família Guimarães — o gênio altivo daqueles Guimarães! E aqueles assuntos murmurados, aquela saída repentina dos sogros da fazenda de Carrancas, tudo tão mal explicado, abafado mesmo, que só eram comentados pelos cantos, a surda voz, começaram a martelar em sua mente. Ela sabia pouco, mas o pouco que sabia talvez a ajudasse a entender as reações daquele marido tão bom, tão desprendido, mas teimoso, orgulhoso, que não engolia desaforos, que não aceitava desfeitas. E começou a recordar: *Carrancas, a Capela do Saco, a fazenda grande, João Batista, Raul e Juvenal, o fogo no campo, o desentendimento com os familiares, a briga, as bordoadas, as foiçadas, ferimentos, um ferido que quase morreu afogado no próprio sangue! As discussões violentas, o terrível acidente!!! O rompimento, a ida para Luminárias, daí*

para Volta Grande, perto de São Gonçalo do Sapucaí, depois para Águas Virtuosas... Até o uso do nome de família haviam abandonado!

E o pensamento de Margarida voou e voou, e ela entrou numa espécie de transe parecia estar vendo terras desconhecidas: *Um rio imenso... Rio Grande, escutou. Uma serra... Serra das Carrancas, escutou novamente... uma fazenda gigantesca, um casarão enorme, amarelo, muito antigo... Fazenda do Saco, escutou ainda uma vez... Capões de mato... Plantações... Pastos... Rebanhos... Alferes Pedro Custódio Guimarães, gritaram em seu ouvido!* E ela se assustou, tentou despertar, mas sentiu-se outra vez envolta por um sono e começou então a ver pessoas estranhas, vestidas com roupas antigas, que recordavam estampas de livros do Colégio Sion. *Homens a cavalo, soldados com armas ao ombro e espadas à cinta... Caleças puxadas por belíssimos cavalos... Homens de casacas e chapéus... Mulheres elegantes com longos vestidos... Festas, música, cantos, risos... (...) Porto do Rio de Janeiro... Mercadorias... Estrada Real... Porto Real... São João Del Rey... Escravos... Ah! quanto sofrimento... Castigos, gritos, choros, lamentos, desespero...*

E foi despertada por Abigail, que puxava sua mão, dizendo: Mãe, mãe, acorda! Nena tá chorando muito, vem ver o que é. E ela acompanhou a filha, ainda meio tonta, com a fisionomia muito pálida, m compreender bem o que havia se passado, mas com uma incompreensível certeza íntima, que não externou a ninguém, de que seria demorado o tempo das provações, e que as raízes das dores haviam sido

fincadas próximas da *Capela de Nossa Senhora da Conceição do Porto do Saco*, na longa e brumosa noite do tempo, que tudo cobre, como as cinzas que cobrem um campo queimado, cujo fogo, que parece morto, uma leve brisa pode despertar...

6 – No Alto da Serra

*Nisso exultais, embora, no presente, por breve tempo,
sejais contristados por várias provações.*

(I PEDRO, cap. 1, v. 6)

Para onde fores, irei. Onde tu repousares, repousarei... — os versos do livro de Rute, que conhecia de cor, pois há muito se encontravam assinalados na pequena Bíblia, Margarida ia repetindo para si mesma, acomodada com os filhos num carro de bois alugado que José conduzia ao topo da *Serra das Águas*. Precisava ser forte, pensava, precisava apoiar o marido, criar e educar as crianças... Não ia esmorecer, não ia se lamentar, pois de algum modo estava se cumprindo a vontade de Deus, assim sua fé religiosa a consolava... Ia trabalhar muito, como sempre fizera, ia dar todo o amor aos filhos e ao marido — essa era a sua missão! E, enquanto firmava seu pensamento nesses propósitos, envolveu as crianças num amplexo longo e demorado. Depois estreitou Abigail apertadamente em seus braços, porque ela sabia — coração de mãe sabe! — que sua filha ia necessitar muito do seu amor. E o carro seguia lento, manhoso, subindo e descendo ao sabor dos contornos do chão cheio de sulcos e poças d'água.

Margarida precisou de grande resignação para encarar a realidade da nova morada — uma tapera de pau a pique, à beira de uma trilha, cercada de mato por todos os lados. Dois cômodos, com uma pequena janela naquele que servia de cozinha, e era só isso o seu novo lar. Calma, Margarida. Essa

tapera já existia, era de um mateiro que lenhava por aqui. Nossa casa vamos construir mais abaixo, perto do veio d'água. Conforme prometido, algum tempo depois passaram a habitar uma nova casinha, de três cômodos, numa pequena clareira que José abriu a machado e enxadão.

Naquele lugar isolado, a diversão das crianças eram os casos e histórias contados pelos pais, esses habilidosos na arte de narrar os fatos da parentalha e as façanhas dos personagens infantis da época. De dia, elas não viam quase ninguém, a não ser alguns passantes que usavam o trilho pelo meio da mata, mas inventaram logo suas brincadeiras e se divertiam agora a correr pelos matos com os cachorros Lacuíra e Tarzan, que ganharam do Alberto Franco, e a montar as éguas Bainha e Baiona, a primeira entrara no negócio da permuta das terras, a segunda, presente que o Dé ganhou do padrinho. A Baiona, de um amarelo tirante a castanho, era tão mansa que, certa feita, cavalgada por Abigail, com a Nena na garupa, ela pisou um pau podre, lotado de mamangavas, que a picaram, e a égua tremia toda por causa das ferroadas, mas não saltou, ou escoiceou, ou disparou, como é natural que os animais façam numa situação dessas.

Os meninos logo se interessaram em acompanhar o pai pelos matos, nas caçadas de passarinhos, e a ajuda-lo, sob a luz tênue da lamparina, na preparação dos cartuchos, brincando com as esferinhas do chumbo mostardinha e do paula-souza, ou examinando, olhos arregalados, a figura da onça que ilustrava a embalagem da pólvora. E

Abigail reclamava, ao comer um naco de jacu, de nambu, de pomba-do-ar, daquelas “pedrinhas” que quase lhe quebravam os dentes. Mas a menina vivia a distribuir sua graça por cada canto que andasse, por cada coisa que tocasse. Alegrava-se com enfeitar a pequena casa com cariciosos arranjos de flores silvestres e distribuir paninhos bordados por sobre os móveis lavrados em madeira bruta.

Certa feita, Abigail e Joãozinho saíram à cata de lenha para fazer a janta, e o menino se empanturrrou de maracujá verde, e voltou para casa com uma dor de cabeça de arrebentar. Abigail preparou-lhe um copo d’água e disse: É só beber que ocê vai sarar. Joãozinho bebeu, e a dor cessou miraculosamente. Mas pesadelos andavam a agitar o sono de Abigail, e, às vezes, ela amanhecia com singular estranheza no olhar, como se fitasse algo longínquo, indefinível.

Com poucos meses de trabalho, José começou a perceber o mau negócio que fizera. A lenha boa já rareava e não ia demorar muito para se acabar. Para cortar e serrar a madeira de lei, ele ia carecer de ajuda, e o negócio mal dava para um. Havia muita lenha metrada e cortada, e parte dela fora aprontada pelo lenheiro anterior, mas o transporte, na lonjura daqueles morros, era difícil e ele estava sem meios de adquirir um carro de bois. Além disso, José também vinha sentindo um incômodo nas costas, uma formigação, um peso que chegava quase a prostrá-lo ao chão. Imaginou que fosse antiga contusão na pleura, causada pelo baque de uma tora de madeira. E nada dizia a Margarida, não queria aborrecê-la ainda mais. Então, parou de cortar lenha

e foi tirar leite para o Adolfo Borges, um fazendeiro de grande coração que possuía um retiro no *Campo Grande*, situado um pouco abaixo das terras de José Batista.

7 – Remédio do além

Daí de graça o que de graça recebestes.

(MATEUS, cap. 10, v. 8)

No *Alto da Serra*, José Batista foi tocando a vida enquanto deu, mas o problema nas costas se agravou e ele entregou os pontos e caiu de cama. Dias e dias passando muito mal, até que Abigail e Joãozinho desceram à cidade para procurar um médico. Com grande dificuldade o doutor José dos Santos subiu a serra a cavalo, mas ainda teve de caminhar longo trecho a pé pelos trilhos do mato para atender ao doente. Estávamos então no ano de 1935, e os recursos médicos eram poucos: preparados de arnica, angu quente e ventosa. E se ele não melhorar logo, você deve levá-lo para a cidade, disse o médico à Margarida. Com as costas bastante queimada pelo uso da medicação e sem acusar nenhuma melhora, José Batista foi levado para a cidade, gemendo mais do que o cocão de paud'óleo do carro de bois que fez o transporte. Com ele, vieram a mudança e a família, e foram se instalar na parte de cima de uma casinha assobradada, na encosta de um barranco, que alugaram a dona Cota de Melo, e que se situava à beira da linha férrea, após a Parada Mello, no comecinho da *Volta do Ó*.

Só com os escassos recursos da medicina, José não conseguia melhorar. Do jeito que a coisa vai — disse à Margarida um José desanimado, de rosto lívido e muito magro —, logo, logo 'ocês vão ter que me enterrar. Vamos procurar outro recurso. E os

olhinhos de Abigail se umedeceram, e ela disse papai, não se vá. Eu ainda preciso muito do senhor!

E um curandeiro de nome Joaquim do Bartolomeu foi chamado. Ele veio de muito boa vontade, entrou no quarto e começou a conversar com o doente. Quanto o senhor cobra, Margarida perguntou. Não posso cobrar pelo que não tenho, ele respondeu. Esse poder não é meu, é um dom de nascimento. Eu só faço distribuir a quem merece. E o curandeiro se sentou numa banqueta, resmungou devagar umas preces, concentrou-se e tomou de um rosário. Segurou-o com ambas as mãos e passou a balançá-lo. Em minutos, suas feições se alteraram, mudou o timbre da sua voz e ele disse: Há um trabalho feito, meu filho. Um boneco de pano, toda sexta-feira enfiam um espinho no boneco e 'ocê piora um tanto. Mas vai receber ajuda, confie em Deus.

Joaquim do Bartolomeu disse à Margarida mande o menino comprar um vinho *Catu*, que eu vou preparar uma garrafada pro seu marido. Joãozinho correu à venda, trouxe o vinho e botou sobre a mesa da cozinha. Dali a pouco, sem se levantar de seu assento, o curandeiro disse: O vinho que estava na cozinha quebrou. Pode mandar o menino comprar outra garrafa. E, de fato, a garrafa se espatifara sozinha. E Margarida desconsolada disse seu Joaquim, o último dois mil réis que tinha em casa se foi com a compra do vinho. E o curandeiro respondeu não se preocupe, tome aqui o dinheiro. Eu vou emprestar, que sem isso o seu marido não sai dessa ingrisia.

Com o vinho mais umas ervas que retirou de um embornal, o curador orava e preparava o remédio. Findo os trabalhos, José, com um laivo de desforra no semblante, num tom de voz magoado, perguntou ao homem o nome de quem encomendara o tal “trabalho feito”, e o curador respondeu: Isso não importa, meu filho. Saber quem foi só vai aumentar sua dor e prejudicar a cura. Faz uma prece pela pessoa — seja quem for — e esquece o assunto.

E a vida seguiu, até que certa tarde, Abigail chega a casa, assustada. Que aconteceu, Gaí? Joãozinho perguntou. E ela disse: Vinha vindo da estação do trem e quando cheguei na curva, no barrancão antes da Parada Mello, vi um homem em pé, no meio da linha, balançando um relôjão e com o peito manchado de sangue. Aí saí correndo!... Depois contaram o caso aos pais, e esses apuraram com os vizinhos que naquele local havia sido assassinado com uma facada no peito o feitor da linha férrea, e que de fato possuía um relógio enorme que costumava ficar balançando numa correntinha.

O tratamento prescrito pelo curandeiro em pouco tempo começou a fazer efeito, José Batista passou a se sentir melhor, as dores desapareceram, mas estava muito desgastado fisicamente, sem energias para retomar o trabalho. E a dificuldade financeira logo se insinuou outra vez na vida do casal.

8 – As Sete Voltas

Ditoso o homem que se compadece e empresta.

(SALMOS, cap. 112, v. 5)

Joãozinho — disse José Batista —, seu pai não ‘stá podendo trabalhar, e o único meio que temos é vender a lenha que tá na serra. E é ‘ocê que vai fazer isso pra mim. ‘Você mais o Antônio Carreiro, que já combinei tudo com ele. O carro, eu vou dar um jeito de apanhar um.

José, então, procurou Antônio da Mota, conversou e expôs suas dificuldades, e o homem, mesmo não o conhecendo, confiou-lhe um empréstimo, com o qual comprou um carro e oito bois, os melhores que pôde encontrar. Os bois foram distribuídos com mestria por quem conhecia muito bem do ofício: na guia, Lembrado e Castelo. O primeiro não era grande coisa, um boi amarelo, meio fraco, mas Castelo tirava a diferença e equilibrava a parelha: um boi vermelho retinto, que, embora fosse feio de corpo, barrigudo, de chifre baixo, era extremamente forte e inteligente. Sete de Ouros e Brinquedo, no pé de guia. No coice, Bem-feito, um boi vermelho, e Meia Lua, inteirinho chumbado. No pé de coice, Almirante e Marinheiro, os dois também vermelhos, ambos muito possantes: pescoço curto, cangote curto e reforçado.

José Batista passou a Joãozinho as instruções da difícil empreitada: — Meu filho, o Antônio é carreiro experiente, mas quero qu’ocê preste atenção:

comprei os bois de gente de confiança, de gente que sabe tratar animal com jeito, sem judiação. Estudei e experimentei os bois, são disciplinados, obedientes, e dispus eles no modo apropriado de descer terreno inclinado, sustentando grande peso. Mas, de qualquer modo, muito cuidado com a *Volta Brava*, que naquele trecho já teve muito acidente. Compadre Alberto mesmo perdeu lá o Despacho, boi de primeira, conforme já lhe contei. Assim, um pouco antes das pedras, ‘ocês me solta o Almirante e o Marinheiro e bota os dois na corda, que são eles que vão segurar todo o peso do carro; caso contrário, ocês despencam pedreira abaixo.

Na verdade, José Batista cuidava de prevenir o menino dos perigos da viagem. A subida da *Serra das Águas* se fazia por um caminho antigo, que mais tarde foi abandonado. Uma estradinha carreira chamada *Sete Voltas*, que descia contornando as encostas e saía no Quinzinho Borges, no morro do bairro da *Vargem*, nas proximidades do *Jacu*. E havia um trecho de pedra — uma enorme laje em declive, cheia de baques, que se projetava para uma ribanceira, lugar de muito risco para um carro de bois — a *Volta Brava*. Nesse ponto, botavam-se os bois de corda: retiravam-se os bois do pé de coice e esses eram postos atrás para ir segurando o carro, refreando as rodas, por meio de um correião de couro cru ligado a uma argola presa à retaguarda do carro de bois.

O menino, então com nove anos, saiu da escola para, em companhia de Antônio Carreiro, apelidado de Facão, carrear a lenha que estava lá na crista da

Serra das Águas. Enquanto José convalesceu, Joãozinho e o carreiro fizeram duas viagens por dia, duas léguas de distância, com o carro sobrelotado, transportando as achas de lenha pelas *Sete Voltas*, caminho traiçoeiro que impunha respeito a todo viajante.

9 – Os caminhos sinuosos da vida

*Sobrevieram-me pavores. (...) como
nuvem passou a minha felicidade
(...) os dias de aflição se apoderaram de mim.*

(JÓ, cap. 30, vs. 15-16)

O ano de 1935 já se aproximava do fim, as crianças na escola, e José e Margarida resolveram vender as terras do *Alto da Serra* e continuar morando na cidade. Assim, com os dez contos dessa venda pagaram o empréstimo ao Antônio da Mota, quitaram as pequenas dívidas e adquiriram alguns animais. A seguir, arrendaram ao Antônio Fernandes um pasto e uma casinha, ainda na *Volta do Ó*, nas proximidades do pontilhão do trem, que se lançava férreo por sobre as águas do *Mumbuca*. Para ganhar a vida, José continuou carreando, puxando lenha, fazendo transportes, arando terras, comprando e vendendo animais, tirando crias. Abigail, que crescia em tamanho e beleza — morena clara, cabelos pretos e longos, olhinhos castanhos e profundos, cheios de mistérios — ficava ainda mais encantadora com o uniforme do grupo escolar: saia azul, blusa branca, singelos sapatinhos pretos nos pés. Seo Zé Batista, esta menina vai lhe dar trabalho... vai ficando muito bonita! — comentavam, às vezes, para um pai todo inchado da formosura da filha.

No ano seguinte, uma nova mudança levou a família para o *Pinhão Roxo*, na saída da cidade, em direção da capelinha do *Imbirizal*. Havia alugado um pasto e uma casa ao Tônico Fachardo, que ficava à margem

da estrada. Por essa época, Alberto Franco passava muitas vezes a cavalo por esse caminho rumando às Três Barras, e fazia paradas na casa dos compadres, para tomar café, prosear e abençoar o afilhado.

A fama de carreiro exímio que ostentava, José Batista fazia por merecer. Seus carros eram lavrados em cerne de madeira de lei; as juntas de bois, escolhidas a dedo, e os animais treinados com carinho (que ele, a custo, aprendera que pancada amedronta e pouco ensina); os cães eram adestrados e decoravam os nomes dos bois e os comandos do carreiro, para auxiliarem no serviço; e Margarida preparava o óleo de mamona para untar os chumaços e fazer o carro cantar. Se Joãozinho se esforçava por dominar as técnicas do manejo dos bois e do carro e fazer o trabalho puxado, Abigail queria o contato com os animais, tocar-lhes, cochichar-lhes aos ouvidos, curar suas feridas. Aquelas mãos tão pequenas, dedos delicados, ajudando a sacar os bernes, a retirar os carrapatos, a sarar as bicheiras e os gabarros — mãos de que os animais pareciam gostar mais, como se pudessem sentir saindo delas um fluido salutar.

Alguns meses se passaram e, para ficarem mais próximos da escola das crianças e diversificar os negócios, mudaram-se uma vez mais. José Batista vendeu uns bois de carro, parte da boiada, comprou ao João de Deus um fundo de comércio e alugou a morada do lado, que fazia fundo com o *Córrego das Flores*. Estavam agora *Atrás do Morro*, próximos do *Lago Guanabara* e do *Cassino*, mais perto também

do *Grupo Escolar João Bráulio Júnior* — a escola das crianças. Entrava o ano de 1937.

José Batista era habilidoso quer carreando quer comerciando, e assim carreava e arava, e plantava milho e feijão, e comprava gado e vendia, e a família a pouco e pouco voltou a prosperar. As crianças cresciam e estudavam, à exceção dos menorezinhos, Dé e Nena. Margarida tocava a venda, que era bastante sortida — gêneros, toucinho, utensílios, bebidas, ferramentas —, e a freguesia só fazia aumentar.

As festas de 1937 foram as melhores daqueles anos no lar de José Batista e Margarida. Alguns parentes vieram, o clima na família Guimarães já não estava tão pesado, as crianças estavam com saúde, nos estudos Abigail apresentava excelentes notas e um diploma de mérito pela letra mais caprichada da classe.

No primeiro dia do ano de 1938, pela madrugada, Abigail acordou aterrorizada, banhada em álgido suor, experimentando indefinível angústia, e disse à mãe que vultos negros, como sombras, a todo custo queriam apanhá-la. Não é nada, minha filha, foi só um sonho ruim. Vem com a mãe, vamos fazer um pai-nosso pro'seu anjo-da-guarda. E rezaram juntas, a menina soluçando muito, até que se acalmou, mas ficou ainda dilatado tempo com os olhos esgazeados, e por fim conseguiu readormecer.

Na tarde do dia seguinte, no jardim da casa, a escorar uns galhos que pendiam sobrecarregados de rosas brancas, Margarida teve a impressão de um ser invisível ao seu lado, e as rosas pareceram exalar um perfume mais intenso do que o de costume. E ela conteve aquela doce emoção por largo tempo, e sentiu-a como se fora uma graça que recebesse, visto que, morando na cidade, voltara a frequentar os cultos católicos, fizera a iniciação, tornara-se zelada e ostentava a fita e a medalha características dos membros do *Apostolado da Oração*.

Naquela noite, uma tempestade se armou, ventos fortes começaram a uivar, a atmosfera tornou-se opressiva e grossas nuvens negras vieram sobre a cidade. E Margarida experimentou dessa vez uma sensação estranha... Um prenúncio de novos tormentos morais? Foi com amargas apreensões lhe oprimindo o coração que ela fez as preces da noite.



Capítulo III - Obsessão

10 – O princípio das dores

O Espírito começou a agitá-lo [ao menino] com violência, e ele caiu por terra contorcendo-se no chão e espumando.

(MARCOS, cap. 9, v. 18)

O ano de 1938 já ia quase ao meio e Abigail contava, então, com doze anos. Era uma manhãzinha fria de maio quando ela e Joãozinho saíram para o grupo escolar, arrumados e penteados com desvelo pela mãe. Na primeira oportunidade, o menino — misto de adulto e moleque — sacou as botinas, que essas apertavam o seu pé, e saiu pulando serelepe, chutando o capinzal orvalhado que se debruçava sobre a estradinha que havia em derredor do lago.

A aula transcorria em sua rotina, pequenas vozes sussurrando na sala, enquanto Ceci Pinto anotava uma lição no quadro-negro. De súbito, um baque, gritos, alguém caíra ao chão! A professora correu — era Abigail. Parecia um ataque, uma crise nervosa, com a menina em convulsões, olhos fora da órbita, a boca espumando. A professora saiu esbaforida e voltou trazendo os serventes, e ela foi carregada ao gabinete da diretora. Um lenço, uma água, um chá, e a menina — piorando — começou a esbravejar ruidosamente. Tentaram segurá-la, acalmá-la, mas

ela não obedecia e parecia ter a força de dois homens. “Vamos correr com essa menina pro médico, pelo amor de Deus!”, gritaram em desespero, que a menina agora rolava e se estrebuchava pelo chão, e ninguém conseguia contê-la, e a crise aumentando, aumentando. Na confusão, alguém se lembrou que próximo do grupo escolar morava um comerciante que praticava espiritismo nos fundos de sua casa. Chamado às pressas, Elias Bacha entrou pelo grupo escolar afora, abriu espaço na pequena multidão que se formara, debruçou-se sobre Abigail, amparou-a, impôs a mão sobre sua testa e orou num português enviesado que lembrava o que os emigrantes libaneses praticavam. Lentamente, ao influxo de poderosa energia, a menina parou de se debater, foi se acalmando, recuperando as feições, e abriu os olhos e perguntou: Oonde’stou...? Que’aconteceu...?

Quando crise semelhante ocorreu uma segunda vez, os professores do Grupo Escolar conseguiram eles mesmos resolver o caso. Mas alguns cacoetes e manias começaram a despontar na menina, e ela passou a ser alvo de ironias e afronta dos colegas. Certo dia, retornava para casa com uma colega de nome Zinha, e uma turma de meninos as seguiam fazendo provocações e gritando: Lá vai a louquinha! Lá vai a louquinha! Quando chegaram à casa de Zinha, que ficava defronte da venda de José Batista, Abigail foi tomada pelo Espírito de um padre que repreendeu com dureza os meninos, censurando aquele procedimento anticristão. A manifestação chamou a atenção da vizinhança, que se acercou. Então o Espírito fez uma prece longa e muito bonita,

que foi acompanhada pela plateia que se aproximara e se extasiava com o fenômeno.

Diante de novas crises, Abigail foi obrigada a deixar a escola. Recolhida ao lar, os ataques, a espaços, continuaram se sucedendo, sem terapêuticas ou remédios a que pudessem seus pais recorrer. O que est'acontecendo comigo? Por que tô sofrendo tanto? a menina em desespero perguntava. Mas Margarida e José, desorientados, não obtinham resposta. Meu Deus, uma menina tão inocente, tão pura, tão meiga! Pai Todo Poderoso, protege minha filha! em lágrimas, pedia a mãe com fervor.



11 – Um núcleo espírita

Deus é espírito; e importa que os seus adoradores o adorem em espírito e em verdade.

(JOÃO, cap. 4, v. 24)

Alberto Moreira Franco há tempos viera da cidade de Luminárias e morava com a família numerosa numa bela fazenda que começava na borda da *Serra das Águas* e subia encosta acima. Ele provinha de família católica, e sua mulher, Ana Moreira da Silva, era católica praticante. Assim, quando o filho Geraldo, ainda rapazote, comentou sobre umas sessões a que vinha assistindo num centro espírita que se formara no bairro do *Campinho*, Alberto levantou a ponta da sobancelha e perguntou do que se tratava. Ouviu as explicações do filho, mas foi conferir se de fato elas correspondiam à verdade.

Desse modo foi que, em meados da década de 1930, Alberto conheceu o Espiritismo. Antônio da Silva Vidal, juntamente com seu irmão Manoel Vidal Júnior, fundara pequeno núcleo espírita de orientação kardecista. As sessões se davam num cômodo existente na propriedade de Manoel, comerciante português que residia numa casa grande e antiga, onde também possuía um comércio, situada no bairro do *Campinho*, no *Ponto Chic*. Esse era um local de comércio de grande movimento, visto que ali confluem ruas que dão acesso ao centro da cidade de Lambari, para os viajantes oriundos de Cambuquira, Conceição do Rio Verde e Campanha.

As sessões eram dirigidas por Antônio Vidal e atuavam como médiuns Agustinho da Costa Pinto e Armando Vieira da Silva, ambos modestos operários, também portugueses, que trabalhavam no calçamento das ruas da cidade. O terceiro médium era o garçom Osiris de Melo, conhecido por Dudu.

Alberto estudou as obras de Allan Kardec, mas não desenvolveu nenhuma mediunidade, e passou a frequentar e colaborar com as atividades do centro. Eram duas reuniões semanais, ambas abertas ao público. A assistência era pequena e as pessoas se assentavam nas cadeiras e caixotes de mercadorias tomados à venda de Manoel Vidal. Apresentavam-se como guias os Espíritos João de Azevedo, no médium Agustinho, e Artur Barbosa por intermédio de Dudu. Outras entidades também se manifestavam, e o Espírito de um indígena atuava por meio de Armando Vieira. O presidente abria a sessão com uma prece, um trecho do *Evangelho Segundo o Espiritismo* era lido e comentado, e a seguir havia as comunicações mediúnicas dos guias e de Espíritos necessitados, que eram esclarecidos e assistidos nos seus padecimentos.

Esses portugueses, os Vidal, pioneiros do Espiritismo em Lambari, tinham vindo da cidade de Barra Mansa, no Estado do Rio de Janeiro, para explorar o ramo de extração de pedras e calçamento das ruas centrais da cidade. Os trabalhos espíritas que realizavam eram singelas sessões de que participavam pessoas humildes e esforçadas, de corações sinceros e ardorosos. Mas, por essa época, principalmente nas cidades do interior do País, havia

muita ignorância e incompreensão com relação ao Espiritismo, e os seus praticantes eram com frequência objeto de perseguições, chacotas e preconceitos.

Muito embora essas dificuldades, o limitado núcleo se desenvolvia: chegavam novos frequentadores, formavam-se novos adeptos, pessoas e Espíritos necessitados eram ajudados, e todos iam bebendo comovidos os simples, lógicos e consoladores postulados da doutrina espírita: *Deus, Espírito, Matéria, Pluralidade dos Mundos, Evolução, Encarnação, Reencarnação, Livre-Arbitrio, Causa e Efeito, Intervenção dos Espíritos no Mundo Corporal, Mediunidade.*



12 – Duras provações

*Jesus perguntou ao pai do menino: Quanto tempo há que lhe sucede isso?
— Desde a infância, disse o pai. — E o Espírito muitas vezes o tem
lançado no fogo, ou na água, para fazê-lo morrer.*

(MARCOS, cap. 9, vs. 21-22)

Eliza Gonçalves era uma viúva de alma boníssima, amiga de Margarida e sua confreira em atividades da igreja católica. Assim que soube que as crises da menina se acentuaram, foi visitar Abigail, na companhia dos filhos Afonso e Olavo. Naquele dia encontrou-a trancada no quarto em estado lamentável: magra, sem viço, olhos vidrados, carregados de sombra, que pareciam fitar o vazio.

Margarida, agradecida pelo apoio dos amigos, mas chorosa, conduziu as visitas para a cozinha, e, enquanto fervia a água para o café, retirou do forno a broa de fubá. E um grito lancinante feriu-lhes o ouvido. É Abigail! disse a mãe, ao mesmo passo em que corria para acudir a filha. A menina pulara a janela do quarto e saíra correndo rua afora, gritando desesperada: Quero pular no lago! Quero morrer no lago! José não estava em casa, e Afonso e Olavo, que eram dois moços fortes, correram para socorrer Abigail. Mas eles não a puderam conter, pois que ela os jogava contra as paredes das casas como se tivesse tomada de força descomunal. Tiveram de travar grande luta para segurá-la, até que a crise, finalmente, passou.

Uma, duas vezes por semana, Alberto Franco, de passagem para as *Três Barras*, apeava do cavalo e

dizia para o José Batista: — Compadre, leva a menina no centro. Leva que lá ela pode receber ajuda. Mas Margarida não queria ouvir tais conselhos, que ela não aceitava o espiritismo.

E as crises de Abigail foram se agravando, e os pais, muitas vezes, tinham de amarrá-la à cama. Afonso passou a dormir na casa para vigiar a menina e ajudar José e Margarida a controlá-la quando fosse preciso, que um homem só não dava conta de segurar aquela garota franzina.

Num certo dia, sem que ninguém visse como fizera, Abigail apareceu em cima do telhado da casa. A casa era alta, não havia nenhuma escada nem nada em que pudesse se firmar, e ninguém entendeu como ela fora parar naquela altura. Tiveram de chamar o pai, que arava terras numa rocinha próxima, para tirá-la de cima da casa.

A menina começou, então, a cultivar manias estranhas, como a de embrulhar e dar aos fregueses mercadorias da venda. Quando alguém recusava o “presente”, Margarida assentia com a cabeça para que a pessoa levasse o embrulho, que depois era devolvido, visto que os clientes sabiam dos “problemas” da filha de Margarida. E meses e meses se foram passando, e José e Margarida vendo sua filha ser tachada de louca, de possessa. Uma vez mais, o clima espiritual da casa tornava-se pesado, o casal aflito, os filhos malcuidados. José já não trabalhava com tanto empenho, os negócios foram minguando, repontavam aqui e ali dificuldades de dinheiro.

De uma feita, a menina apanhou uma garrafa de aguardente e bebeu-a quase toda no bico, enquanto gargalhava e dançava sobre o balcão da venda. Quando voltou a si, era só uma criança com cerca de treze anos! E Alberto Franco continuava insistindo: — Compadre, leva esta menina no centro, antes que aconteça alguma coisa sem remédio.

Então, Abigail começou a antever a chegada de Alberto Franco, e, antes que ele apontasse na curva da estrada, transtornada e violenta, dizia: — Lá vem o diabo! Não deixa ele entrar! Não vão me fazer o que ele anda dizendo!

E, muitas vezes, na venda, Abigail subia pelas paredes, sem se apoiar em nada, unhando os tijolos como se fora um gato, e passava a andar se equilibrando por sobre o vigamento que sustentava a cobertura de telhas vãs.

Numa tarde-noite, Margarida diz para Abigail: — Vem filha, vem ajudar a mãe a fazer a janta. Abigail sentou-se num banquinho, próximo do fogão, enquanto Margarida ficava lá circundada por fumaça e nuvens de vapor de comida. Ela olhava para a filha, que, sentada tranquila, segurando o queixo com as mãos, também olhava para a mãe. E Margarida refletia. Acho que o jeito é fazer o que o compadre Alberto recomendou, e levar essa menina no centro espírita. E continuou imersa naqueles pensamentos, cozinhando e namorando a menina com os olhos.

Num abrir e fechar de olhos, Abigail se transfigurou, subiu no banquinho e com voz alterada fez um longo sermão contra aqueles planos de Margarida: que não levassem a menina ao centro, que o centro era do diabo, se levassem iam se arrepender...

E Margarida assustou-se ainda mais e num átimo tirou a ideia da cabeça, dizendo em voz alta: É bem capaz mesmo que eu vou levar ela no centro!
É bem capaz!



13 – À procura de ajuda

E, quando Jesus entrou em casa, os discípulos lhe perguntaram à parte: Por que motivo não pudemos expulsar aquele demônio? — Ele lhes respondeu: Esta casta de demônios não pode ser expulsa por nenhum outro meio a não ser pela oração e pelo jejum.

(MARCOS, cap. 9, vs. 28-29)

Após aquele episódio, Abigail passou bem por alguns dias, mas logo adveio uma nova crise. Então, José e Margarida sentaram-se para discutir os problemas. A doença da menina estava afetando a vida de todos, brigas e desentendimentos ocorriam por tudo e por nada, a família estava se desestruturando, os negócios dando para trás — já começavam a vender animais e pequenos bens para ir controlando as contas. E como a simples menção à hipótese de encaminhar a menina ao centro espírita já enervava Margarida, decidiram, então, levá-la ao Joaquim do Bartolomeu, que curara o mal das costas de José.

E, assim, seguiram até o bairro rural *São Bartolomeu*, no município de Lambari, onde Joaquim do Bartolomeu atendia. Concentrando-se, o curandeiro disse que o caso era muito grave, que havia sido feito um trabalho de magia para destruir a família e que a menina era alvo de muitas entidades maléficas. Afirmou que a cura estava difícil, mas que um trabalho de contramagia talvez desse algum resultado. José retornou com a família, e na semana seguinte o curandeiro veio à cidade, para uma nova sessão, dessa feita no *Pinhão Roxo*, na casa de um filho, que atuava como seu cambono. Então, o curandeiro riscou pontos, queimou pólvora,

fez oferendas, e, ao final, chamou José Batista e falou com humilde sinceridade: Meu filho, isso não é caso pra mim. É preciso trabalho mais forte, que minhas forças já se enfraquecem. E, mais uma vez, nada cobrou pelo seu trabalho.

E a vida continuou, Abigail passava bem um, dois dias, mas seguidamente as crises voltavam. Então, sem que a família soubesse de nada, José Batista marcou uma viagem para Freitas, mas Abigail, com um risinho irônico, disse a ele: O senhor vai me levar para outro curador, eu sei. Mas não vai adiantar nada! E, na semana seguinte, José Batista e Margarida, conduzindo Abigail, tomaram o trem para Freitas, em demanda de Antônio Valero, um curador que já ficara famoso na região.

Valero era um homem educado, recebeu muito bem o casal e mandou que preparassem o almoço. Durante a refeição, Abigail se recusou a comer o bife, dizendo Mãe, lá em casa faz tempo que estamos sem carne. Joãozinho, Dé e Nena não vão comer, eu também não vou. Embrulha, mãe, que eu vou levar pra eles.

Após o almoço, conversaram bastante sobre o caso de Abigail, e José fez minucioso relato dos acontecimentos. Valero, então, orou, examinou a menina, e foi taxativo: Pode levar de volta. Esse caso não é pra mim sozinho. ‘Ocês têm que levá num centro espírita que tenha mais médium. Não sou *capais* de curar sua filha. O caso é muito difícil.

Após mais esse insucesso, retornavam convencidos de que procurar ajuda no centro espírita, atendendo, enfim, aos reiterados avisos de Alberto Franco, era a melhor solução. Mas ainda não foi dessa vez que o fizeram, pois ouviram, então, falar de dona Bêta Gesualdi, uma senhora que atendia em casa, e marcaram uma consulta. Tratava-se de uma médium muito boa e sensata, que lhes indicou o caminho mais seguro: É um trabalho que tem que ser feito por um grupo, não por um médium sozinho. É só num bom centro espírita que vocês vão poder curar a menina.



14 – O Centro Espírita Vinte e Quatro de Junho

Ora, os dons são diversos, mas o Espírito é o mesmo. E também há diversidade nos serviços, mas o Senhor é o mesmo. E há diversidade nas realizações, mas o mesmo Deus é quem opera tudo em todos.

(PAULO, I Coríntios, cap. 12, vs. 4-6)

Numa noite memorável, no centro fundado pelos irmãos portugueses no bairro *Campinho*, em Lambari, revelou-se o Espírito de Francisco de Paula Vítor.

Na humildade do pequeno núcleo, o iluminado Espírito daquele que em vida fora conhecido como Padre Vítor, cuja memória, por essa época, já era objeto de culto por milhares de pessoas, ressurgiu dos mortos para provar a existência da Verdadeira Vida e para conclamar os trabalhadores de todas as Searas do Cristo a tomar da charrua e ceifar a parte que lhes cabe na fundação do Reino de Deus na Terra.

E Francisco de Paula Vítor esclarece que, atuando do Mundo Maior, já se tornara pastor e educador não apenas dos irmãos de confissão católica, e sim também de todos aqueles que buscam o Reino de Deus pela senda que seja, visto que Jesus ensinara que nenhuma das Suas ovelhas se perderia. E informa que, além dos seus compromissos espirituais com a Igreja de Roma, a que dedicara sua última vida na Terra, e à qual continuava assistindo do Plano Espiritual, entre outras missões, recebera também a de guiar uma equipe responsável por

fundar e orientar inúmeros centros espíritas, e em especial no Sul do Estado de Minas Gerais, em face de seus laços espirituais com a região em que estivera recentemente encarnado.

O irmão de luz prosseguiu dizendo que também aquele núcleo espírita de Lambari, cidadezinha tão ligada a sua Campanha, a terra em que nascera, estava entre aqueles que receberiam proteção de sua equipe espiritual. E acrescentou que acerbos lutas viriam para todos os trabalhadores da casa, que grandes desafios teriam de ser vencidos, fosse no plano material, fosse no plano espiritual, mas que ele estaria sempre presente nos momentos de maior dificuldade.

Despediu-se orando ao Pai e pedindo Sua proteção para todos os irmãos presentes. Antônio Vidal, Manoel Vidal, José da Cunha Dutra, Alberto Franco, o menino Armandinho Vidal, filho de Manoel, os médiuns Agustinho, Armando e Dudu, e uma dezena de pessoas anônimas, emocionaram-se às lágrimas, contemplados com a palavra extraordinária de Padre Vítor, pelas doces vibrações magnéticas que caíram sobre suas cabeças, pela energia invulgar que lhes vibrou os corações tocados de fé.

E, algum tempo depois, no dia vinte e quatro de junho de 1938 realizou-se a reunião de fundação daquele núcleo espírita, que tomou como nome o dia de sua fundação, e como protetor o Espírito de Francisco de Paula Vítor.

15 – Toma tua cruz e segue-me

Jesus lhe respondeu: Se podes crer, tudo é possível àquele que crê. — E logo o pai do menino exclamando, em lágrimas, lhe disse: Eu creio, Senhor! Ajudai-me na minha incredulidade.

(MARCOS, cap. 9, vs. 23-24)

Após aquelas peregrinações, por fim Margarida e José decidiram levar a filha ao centro espírita. Mas, em outra crise, Abigail atuada repetiu o longo sermão de tempos atrás: Não é pra levar no centro, esqueçam disso. Parem com essa conversa. E, assim, uma vez mais adiaram o que poderia vir a ser a cura da filha.

Outro grave problema, então, ergueu-se imenso: aqueles meses de perturbação e desespero haviam consumido os recursos da família. O rebanho acabara-se aos poucos, e José devolveu o pasto que alugara. A seguir, foram-se o carro de bois e os bois carreiros. A venda encontrava-se desmantelada, e tiveram que se desfazer dela. Quando tomaram pé da situação, não tinham onde morar nem meios de sobreviver. Tudo se fora, tudo se consumira, restaram apenas a roupa do corpo, a espingarda 32, a égua Jardineira, pela qual Abigail nutria grande afeição, e a letra do abono, com a assinatura do Silva, que José guardou de “lembrança”, mas nunca tentou receber.

E o primeiro grande teste veio. O teste do orgulho, o teste da humildade: não querendo buscar ajuda com os parentes, que, aliás, por esses tempos de doença

e de crise andavam meio afastados, José e Margarida aceitaram um convite de Afonso e foram, com os filhos, “morar de favor” na casa de um anjo que a Providência pusera em suas vidas: Dona Eliza Gonçalves, que à época morava numa casa antiga e grande, no alto do bairro *Sertãozinho*. E essa casa se encheu de agregados, acolhidos pelo coração generoso de sua proprietária.

José passou a viver num misto de dor e vergonha — sem meios de ganhar o pão, tendo de viver a expensas dos outros. Essa situação o humilhava e entristecia, mas naquela quadra da vida todo o seu futuro estava embaçado, nenhum outro horizonte se lhe descortinava. A desonra acicatava sua alma, moía o seu íntimo. Duro golpe no gênio de José Guimarães Silva, um daqueles “Guimarães” que os mistérios de Carrancas, há tempos passados, levaram a que passasse a se assinar como José Batista Guimarães — sem o sobrenome “Silva”.

Por sua parte, Margarida, apesar de se sentir em casa amiga, ia encobrendo seus acanhamentos e se encontrava muito desgastada no lado emocional. Em razão disso, por qualquer me dá cá essa palha, batia nos filhos, e até mesmo em Abigail, que a menina, sob má influência espiritual, andava muito birrenta. E Afonso, que vinha acompanhando de perto todos os acontecimentos da vida de Abigail, dizia não bata na menina, Margarida! ‘tadinha dela.

Aproximava-se o final de 1939, e fora longa e penosa a jornada de José e Margarida para vencerem a própria incredulidade. Estavam esgotados física e

moralmente, quando conduziram a filha Abigail ao Centro Espírita Vinte e Quatro de Junho. Mas se o caminho da cura lhes fora, de certo modo, insistentemente mostrado, o processo da cura estava na dependência de vários fatores, que as provas da fé exigem paciência e perseverança inquebrantáveis.

16 – No esforço da fé

*E eis que uma mulher cananeia, que viera daquelas regiões,
clamava: Senhor, Filho de Davi, tem compaixão de mim!
Minha filha está horrivelmente endemoninhada.*

(MATEUS, cap. 15, v. 22)

Com algumas semanas de frequência às sessões espíritas, Abigail começou a apresentar pequena melhora, e isso deu tempo a que José e Margarida voltassem os olhos para a vida material, pois que, não obstante a nobreza do gesto de Eliza Gonçalves, a situação estava muito constrangedora.

E uma porta se abriu: foram morar na casa de um irmão de Margarida, Otávio, casado com América, que por esse tempo residia numa pequena chácara, na entrada da estradinha que leva a *Nova Baden*, de propriedade de Djalma Almeida. Mas ainda era uma moradia “de favor”.

Na semana seguinte, José voltou a trabalhar — e como modesto lavrador foi plantar milho e feijão para ganhar o sustento da família. As crianças já não mais estudavam, mas frequentavam o catecismo. Após o catecismo, o menino Joãozinho, que durante a semana ajudava o pai no cultivo das roças, ganhava quatro cartuchos carregados com chumbo mostardinha, e se dirigia para as vargens à busca de saracuras e paturis.

Estávamos em 1940, quando um padre, oriundo das missões que percorriam o sul do Estado de Minas, tomou uma charrete no centro da cidade e se dirigiu

para o sítio do Djalma Almeida, portando um recipiente com água benta, para, “atendendo a pedidos de parentes”, benzer uma “menina possessa” e “afastar o demônio que não lhe dava tréguas”. Chegou, apresentou-se, puxou a batina e se acomodou num banco existente no alpendre da casa de Otávio, e, falando com sotaque, se disse informado sobre o caso da menina e soubera que ela não vinha passando bem naqueles dias. Surpresos, mas esperançosos, os familiares aceitaram de bom grado a ajuda que surgira, e trouxeram Abigail.

O padre, então, começou a orar em latim preces incompreensíveis e, com as pontas dos dedos, a salpicar água benta por sobre a menina. Abigail, a princípio, estava calma, mas, de repente, pareceu se incomodar com aquilo, e recuou, e seu rosto foi se desmudando, suas mãos se crisparam, ela como que aumentou de tamanho, e, transtornada, a menina se atirou sobre o padre e agarrou-lhe a vasilha de água benta e ameaçou lançá-la contra o bem-intencionado sacerdote. O padre correu, no que foi seguido pelo charreteiro, e Abigail, tomada, rosto desfigurado por esgares assustadores, olhos em chispas e gritando alucinada saiu-lhes no encalço, até que subissem na charrete e deixassem o local. Tudo foi tão rápido e aterrador que José e Margarida, até certo ponto pasmados, demoraram a reagir, mas logo acorreram atrapalhados e seguraram a filha. E a mãe, a clamar pelo nome de Jesus, orava e chorava, quase em choque...

E Abigail continuou a ser levada às sessões espíritas, as crises se espaçaram um pouco, mas persistiam, como a experimentar a fé daquela família, que vinha já recebendo esclarecimentos sobre mediunidade, obsessão, compromissos de vidas passadas, reencarnação.

Mas o casal sentia ainda a cabeça desgovernada e o ânimo abatido — a situação financeira, o não ter onde morar, a vida de agregados na casa de amigos e parentes, tudo isso lhes oprimia, desgastava e angustiava mais e mais.





Capítulo IV - Cura

17 – Será longo o tempo das dores

*E eis que gritaram: Que temos nós contigo, Ó Filho de Deus!
Vieste aqui atormentar-nos antes de tempo?*

(MATEUS, cap. 8, v. 28-29)

No entardecer de um domingo, o sol no poente e o lusco-fusco puxando preguiçosamente a manta da noite, a família retornava da cidade para a entrada de *Nova Baden*, caminhando, em fila indiana pelo leito da estrada de ferro, as crianças à frente, e o casal atrás, a patentear nos semblantes e nas conversas um desfalecimento moral que lhes pesava enormemente. E caminhavam, e conversavam sobre a filha que não se curava, naquele vaivém desesperante, sobre o não ter meios de dar sustento à família, sobre a humilhação de morar em casas alheias, sobre a tristeza imensa de ir sobrevivendo daquele jeito... Então, pra que viver? Viver em desespero? Ir morrendo aos pouquinhos? Pois não é assim que a gente anda vivendo? Essas ideias tomam de assalto a mente de José. Pra quê? Aquilo não era vida, aquilo era sofrimento sem fim... A pena dos filhos sofrendo, a dor de ver os olhos de Margarida sem brilho, a desonra, o ultraje de não ser capaz de manter a família com que tanto sonhou... Esta é uma vida indigna, ele falou, pra que continuar

vivendo assim, Margarida? Preferível morrer. O melhor que a gente faz é preparar um formicida bem forte, tomar eu e 'ocê e dar também pras crianças!... E aquelas duas almas atormentadas sentiam-se presas de uma tentação que arrebatava, inebriados pela sugestão mental venenosa chegaram a sentir um alívio... Ah!... Como seria doce terminar de vez com tudo isso... O descanso... o sossego... dormir... dormir... dormir... E foram acalentando a ideia, dando-lhe expansão mental, agasalhando-a no coração. Ah, seria a solução de tudo... de tudo...

Mas, inopinadamente, foram despertados por um fato espantoso: Abigail afigurou-se-lhes que voava em sua direção, planando no ar, seu vestidinho domingueiro de chita barata parecia brilhar, ela passou por sobre os irmãos volitando sobre eles, e uma voz estranha falou pela boca da menina: — Não falem isso, nem pensem isso. Sou uma mãe que se suicidou e levei comigo meus cinco filhos. Acreditem na bondade de Deus... Pronunciando essas palavras, Abigail atirou-se desacordada nos braços do pai.

José e Margarida, ao mesmo tempo admirados do fenômeno e envergonhados da fraqueza que os arrastava, chegaram à casa, afoitos, com a filha no colo, que dormia serena, e não acordou mais naquela noite. No dia seguinte o coração do casal batia descompassado quando se preparavam para ir à sessão espírita. Havia algo estranho no ar, havia inquietude em seu íntimo. Começaram a se aprontar, e quando Margarida foi apanhar a roupa de Abigail, que secava numa pequena corda por sobre o calor do fogão de lenhas, o varal de roupas

começou a balançar, as roupas mudavam de lugar, como se brincassem. Assustada, Margarida chamou o marido, eles se olharam, os olhos de José entristecidos, e ele, num movimento vagaroso, mas determinado, levou as mãos com confiança e segurou a roupa da menina.

Naquela noite de segunda-feira, no Centro Espírita Vinte e Quatro de Junho, comunicou-se o Espírito de Terezinha de Aragão, que contou sua história: *Eu era pobre, fiquei viúva com cinco filhos, passava fome, enormes dificuldades. Me entreguei à saída mais fácil do suicídio. Dei veneno aos meus filhos e em seguida tomei a minha porção. E eu que imaginava o nada, o alívio, só encontrei maior padecimento. Sofri enormemente e fiz sofrer cinco almas inocentes. Mas o Bom Deus me amparou. E ontem eu tive a oportunidade de pagar-Lhe um pouco da graça que Ele me concedeu. Meus caros irmãos, nunca atentem contra a própria vida, por mais difícil e dura que ela possa parecer. Deus está sempre presente. Confiem. Orem a Jesus, orem a Padre Vítor. Persistam na Fé.*



18 – Legião é o meu nome

*E perguntou-lhe Jesus, dizendo: Qual é o teu nome?
E ele disse: Legião, porque tinham entrado
nele muitos demônios.*

(LUCAS, cap. 8, v. 30)

Algum tempo passou, José e Margarida deixaram a casa dos parentes e alugaram a Joaquim Cremeiro uma casinha no bairro da *Vila Nova*, na rua do Arame, com quintal e uma mina no fundo da horta. O tratamento de Abigail progredia, mas a diminutos sucessos, vagaroso demais, mas ela vinha passando bem nos últimos dias.

A sessão daquela quarta-feira no Vinte e Quatro de Junho havia sido altamente desgastante. Apresentaram-se para doutrinação um elevado número de Espíritos perturbados e alguns se mostraram turbulentos além da conta, evidenciando que a corrente mediúnica estava insegura. Um dos obsessores de Abigail mostrou-se desafiador a tal ponto, que, naquela noite, sua doutrinação, que vinha sendo lenta e trabalhosa, pareceu até mesmo regredir. E só a custo, com a intervenção firme do dirigente, o Espírito pôde ser contido.

Era sobre esses acontecimentos que José e Margarida, com a mente descuidada, teciam comentários quando retornavam para a casa, caminhando pelo trilho que margeava a linha férrea, conduzindo a filha, que se mostrava muito abatida naquela oportunidade. Dali a pouco, Abigail passou a dar saltos, pulando de um para outro lado da linha

férrea; de repente entrou correndo num matinho que havia ao lado dos trilhos. Só bem depois foi que os pais conseguiram encontrar a menina e tiveram que levá-la à força para casa, onde a prenderam à cama. Estava alterada, nervosa, violenta, lembrando as crises dos piores dias. José teve de sair altas horas da noite para buscar Agustinho Pinto, que a filha não se acalmava. Com o magnetismo do médium, a crise foi superada, mas ele advertiu ao casal que não mais fizessem comentários sobre o que ocorria nas sessões, ainda mais com a mente invigilante e fora do ambiente espiritual protegido da casa espírita.

José e Margarida tomaram mais uma lição de como lidar com o problema de Abigail. Mas esse episódio também se refletiu no Vinte e Quatro de Junho, pois os trabalhadores daquela casa vinham percebendo que não estavam suficientemente fortes, coesos e preparados para missão tão extraordinária — aquele caso da obsessão de Abigail transformara-se num desafio enorme, numa luta gigantesca, e o adversário parecia-lhes poderoso demais. Uma reunião privativa, da qual participaram a direção da casa e a equipe mediúnica, foi realizada por Antônio Vidal, pois era preciso avaliar a situação, discutir pontos de dificuldades, verificar as possibilidades dos membros do grupo e do próprio núcleo em si. Cada participante teve a oportunidade de expressar seus pensamentos, dar sugestões, confessar suas fraquezas, avaliar sua conduta.

E oraram pedindo a Jesus a iluminação e a energia para continuarem suas tarefas. E a resposta do Alto

se fez presente na figura excelsa de Francisco de Paula Vitor, que lhes falou:

Caros Irmãos: Não me dirijo hoje somente aos trabalhadores desta casa que se encontram encarnados; falo também aos companheiros desencarnados que assumiram tarefas no Plano Invisível em face desses trabalhos. Pois, se as forças do Bem são incansáveis, as do Mal não são menos determinadas. Se querem prosseguir com seus trabalhos, se querem dar conta dos compromissos que assumiram, caros irmãos da carne e do Espaço, vocês têm de reafirmar a profissão de Fé Espírita que um dia fizeram, pois somente ela pode ser capaz de lhes insuflar a força, a paciência e a resignação necessárias para dar cumprimento à árdua e espinhosa missão da mediunidade.

Relembro que esse núcleo modesto tem compromissos elevados, seja à vista dos necessitados que aqui buscam ajuda, seja à vista dos cidadãos dessa cidade mineira, seja à vista da divulgação da doutrina espírita.

“Ide, pregai o Evangelho, curai os enfermos, expulsai os demônios”, não foi assim que Jesus nos exortou a todos? Pois é do mesmo modo que eu lhes recordo o mandamento do Divino Amigo e peço ao Pai que lhes sustente a fé. Que a paz do Senhor seja convosco. O amigo e irmão, Vitor.

19 – Luzes sobre a hóstia

Declarou-lhes, pois, Jesus: Eu sou o pão da vida; o quem vem a mim, jamais terá fome.

(JOÃO, cap. 6, v. 35)

Após essa manifestação do seu guia espiritual, as atividades mediúnicas e de desobsessão do Centro Espírita Vinte e Quatro de Junho se revigoraram, e o tratamento de Abigail prosseguiu num quadro de maior segurança e de melhores resultados. E quando pequenos incidentes mediúnicos ocorriam, a família de Abigail aprendera a lidar com eles. Certa ocasião, em casa, Abigail tomou um pote de barro, fez uma rodilha, botou o pote sobre a cabeça e foi apanhar água na mina. No que retornava, uma entidade tomou-a; seu pescoço foi inchando, inchando, inchando, até igualar-se ao queixo, formando enorme papo. A menina se transfigurara. O pote, que estava à cabeça, estourou sozinho e caiu ao chão. Acudida por Margarida, que fez uma prece, a menina logo se recuperou.

Com o passar do tempo, um a um dos inúmeros Espíritos da extensa cadeia obsessiva de Abigail foram sendo doutrinados no Vinte e Quatro de Junho e assistidos no Plano Espiritual. Alguns malévolos, outros embrutecidos, e outros ainda apenas carentes de luz, de orientação, de consolo, todos eles atraídos pelo psiquismo descontrolado da juvenzinha. Um desses se identificou como Benedito José Coelho e contou como se dera sua desencarnação: *Fora, na última encarnação, um fazendeiro muito bruto e mau. Um dia, por um queijo*

que lhe furtou um menino, soltou em cima da criança os cães famintos, que acabaram por matá-lo. Jogou o corpo no Ribeirão Palmela, próximo da cidade de Varginha. Tempos passaram; um dia, durante uma cheia, no lombo de uma mula, foi atravessar o mesmo ribeirão. O animal se assustou, derrubou-o e o matou com um par de coices fulminante. E ele ficou boiando — como o menino — nas águas barrentas do Ribeirão Palmela.

E a menina melhorava, se equilibrava, se energizava, e crescia, cada vez mais bonita. Sua vidência se desenvolveu e num domingo foi participar de uma missa na paróquia de Nossa Senhora da Saúde, para pagar promessa de Margarida e agradecer à padroeira pela sua cura. Então, emocionada, às lágrimas, Abigail descreveu para Joãozinho como se dava, no Plano Invisível, a consagração da hóstia: anjos de luz espargiam sobre o cálice e a cabeça de Padre Barbosa pétalas de rosas e pequeninas estrelas brilhantes. E ela encantada repetia para o irmão: Oh! Joãozinho, são milhares de estrelas, milhares! E não param de cair...

No início de 1941, passados quase três anos da primeira crise, depois de sofrimentos morais e materiais indescritíveis, a Providência respondera ao apelo desesperado que, em algum tempo, à semelhança da mulher cananeia, a menina e seus familiares lançaram: *Senhor, socorre-nos!* E, se Jesus ali estivesse, talvez pudesse dizer: *Ó meus irmãos, grande foi a vossa fé! Faça-se convosco como quereis. E desde aquele momento a menina ficou sã.* Mas Jesus estava ali presente, sim, vivo, pulsando nos

corações agradecidos de José, de Margarida, de Joãozinho, de Dé, de Nena — sobretudo de Abigail.

Abigail contava com quinze anos quando, curada, iniciou a educação de sua mediunidade; por essa época, toda a família passou a frequentar o Centro Espírita Vinte e Quatro de Junho. Por diferenças de religião, alguns parentes se distanciaram, mas José e Margarida já possuíam compreensão bastante para entender que a Voz de Deus fala por muitos profetas. Se eles e os filhos não mais retornaram à religião católica, souberam, no entanto, guardar pela antiga crença profundo respeito.



20 – Hotel Imperial

Do trabalho de tuas mãos comerás, feliz serás, e tudo te irá bem.

(SALMOS, cap. 128, v. 2)

Tudo agora se normalizara no lado espiritual, mas a vida material cobrou uma vez mais urgentes providências de José e Margarida. Eram os tempos da Segunda Guerra, e ganhar o sustento da família no interior ficara muito difícil. Somente José e Joãozinho trabalhavam, que o menino, algum tempo atrás, fora admitido como aprendiz na Farmácia da Empresa, da família Lisboa — vassourar, lavar vidros, arranjar prateleiras de remédios — e também levava seus trocados para ajudar nas despesas. Tiveram de vender a égua Jardineira para quitar um restante de dívidas dos tempos da venda de *Atrás do Morro*; para saldar uns meses de aluguel da casa da rua do Arame, José vendeu sua espingarda 32 de estimação.

Corriam, então, os últimos meses de 1941, quando, com José meio adoentado por conta da recidiva de dores decorrentes da velha lesão na pleura, e sem poder trabalhar, a família se viu obrigada a retornar para a casa de Dona Cota de Melo, casa que já haviam alugado anos antes, quando vieram do *Alto da Serra*. Mas dessa feita foram “morar de graça” no porão do imóvel, e foi um período difícil, pois se tratava de um porão mofado, de um só cômodo, de chão batido, com um esteio carunchoso ao centro. Na hora de dormir, amarravam-se barbantes estendidos do barranco ao esteio, e neles se penduravam alguns sacos para separar os

ambientes. Como não podiam cozinhar, os filhos menores, Dé e Irene, almoçavam no *Sertãozinho*, na casa de Estela, uma irmã de José; retornavam com um litro de comida para o restante da família: feijão, angu, canjiquinha; às vezes, pelo meio, um pouco de torresmo. Margarida raspava com as pontas dos dedos as sobras do litro de comida, que era com que se alimentava... No jantar, mastigavam sobras de pão.

Um pouco mais à frente, Margarida conseguiu emprego como arrumadeira no Hotel Imperial, e a família pôde alugar a parte de cima da casa e sair daquele porão sufocante. Algum tempo depois, também Abigail foi trabalhar no mesmo hotel: com sua letra bonita conquistou vaga na portaria, onde era responsável pelo cofre, setor no qual se registravam e guardavam os objetos de valor dos hóspedes. José melhorou, mas não podia pegar serviço pesado. Experimentou, então, trabalhar de empregado. Foi ser guarda-noturno no Hotel Imperial. Rondava os fundos do prédio, na Parada Mello, e precisava, a cada hora, de descer à portaria para registro do horário. Esse controle rigoroso e o intenso frio da cidade, que lhe afetava o pulmão enfraquecido, fizeram-no desistir: Se não querem acreditar em mim, se tenho de vir aqui, de noite, com frio, de hora em hora, eu não preciso ficar. E pediu as contas.

Tendo deixado o Imperial, José foi tentar a sorte na Empresa de Águas, trabalhando no conserto de engradados de madeira. Esse emprego durou até o dia em que foi chamado à atenção pelo Olavo Krauss,

gerente do setor. Foi só uma vez, pegou seu martelo e retornou para casa. Não nascera para ser admoestado por ninguém — essa era a realidade.

Mas era preciso ganhar algum dinheiro; assim, durante a temporada, foi readmitido no Hotel Imperial. Nessa oportunidade, para trabalhar na cambusa, onde auxiliava no preparo das sobremesas: descascava mamões e abacaxis, fatiava doces e queijos, deitava compotas e sorvetes às taças — e soltava para os garçons servirem. Sentia-se meio estranho, num trabalho leve, usando avental e gorro, mas procurava se esforçar, pois dependia daquele salário. Porém, acabou por se desentender com o *maitre* do hotel, por causa de uma pergunta, visto que não haviam lhe informado o número de hóspedes do dia, e ele não sabia quantas sobremesas preparar. Quantos hóspedes tem hoje no hotel, seu Paulo? — José indagou. E o *maitre*, que não vira sentido na pergunta, respondeu-lhe em fala característica: — Óra, isso não é de seu conta! Parra que querr saberr? — Se não é da minha conta, qué'que eu tô fazendo aqui? e pediu as contas de vez.

De fato, José Batista não poderia trabalhar de empregado para ninguém. Um homem como ele, que sempre lidara na roça, prezava sua independência: trabalhar ao ar livre, contratar ele próprio os seus serviços com quem bem entendesse, ir e vir sem receber ordens. Recuperado, foi então fazer aquilo de que gostava e sabia como poucos: plantar e colher roça de milho, cortar mato e vender lenha, carrear e arar terras, comprar e vender animais. Foi arar terras nas redondezas de Lambari para o Alberto

Franco, para os Melos, para o Vital Brasil, de quem ganhou o cachorro Nero, que se tornou o melhor cão carreiro que José Batista jamais possuiu, e um boi carreiro para substituir o Labareda, que havia morrido afogado num riacho.

Como, por esse tempo, muitos da família trabalhassem, as coisas melhoraram e eles se mudaram para o *Campinho*, para uma casa alugada ao Joaquim Lobo: dez mil réis por mês.

Na seca, Joãozinho ia carrear com o pai; nas temporadas, trabalhava de comi no Hotel Imperial, e, nessas ocasiões, o Dé, então com dez para onze anos, é quem lhe cobria as faltas na farmácia dos Lisboa. Estando Joãozinho no Imperial, certa vez, Abigail queixou-se com ele que sua merenda, preparada com tanto carinho pela mãe, estava, como por encanto, desaparecendo do armário. Será, Joãozinho, que é arte de Espíritos? Ai, meu Deus! Joãozinho, resolvido, disse: Deixa comigo. No dia seguinte, duas colegas de Abigail, Natércia e Estela, começaram a vomitar sem parar, logo depois do intervalo para o lanche. Ah, isso é coisa do Joãozinho, Abigail logo desconfiou. E era mesmo, pois o irmão, sem que Abigail soubesse, havia botado na merenda dela um tanto de tártaro emético, que apanhara na farmácia. Abigail disse: — No final das contas, é melhor que tenha sido travessura de gente encarnada do que de Espíritos zombeteiros. E as colegas, uma delas da família, ficaram muito tempo de cara virada, achando que a culpa havia sido de Abigail. Mas tudo acabou bem, e, mais à frente,

Abigail veio a ser madrinha de batismo de Ivone, filha de Estela.

21 – Namoro e casamento

Quem ama a sua esposa, a si mesmo se ama.

(PAULO, Efésios, cap. 5, v. 28)

Quando ficou curada, Abigail não voltou aos estudos, que interrompera por quase três anos, passando a levar a vida comum de toda menina-moça de cidade do interior, nos anos 1940. Possuía amigas, saía, passeava e era grande o número de seus admiradores, porque sem favor algum sua beleza chamava a atenção. Um deles chegou mesmo a prometer-lhe uma serenata. E ela disse: Duvido, pois meu pai é muito bravo. No fim da semana, no entanto, ouvem-se vozes e violões na porta de sua casa. Abigail acordou assustada, abriu a janela, e viu, então, o jovem vir cumprir sua promessa. Fernando Krauss, seu irmão e alguns amigos passaram a cantar valsas dolentes sob sua janela. José Batista aturou o arroubo dos moços por algum tempo, mas depois saiu à porta e falou-lhes que já estava de bom tamanho, que eles poderiam parar agora. E um deles disse: Ah, mas nós temos autorização do delegado Zequinha Martins pra fazer esta serenata. José respondeu-lhes num tom acima: Ora, esse delegado sabe se em minha casa tem alguém doente? Sabe se eu não ‘tou cansado? Sabe que hora eu tenho que levantar? Podem chispar daqui agora, seus moleques! E, com isso, acabou com a serenata e quase matou de vergonha a pobre da Abigail.

Abigail seguiu sua vida, voltara a ser aquela menina alegre, cheia de entusiasmo. E agora estava ficando

mocinha, conquistara seu trabalho, ganhava o próprio dinheiro, podia ajudar os pais. Era imensa sua felicidade. Continuou seus estudos espíritas, desenvolveu belos dons mediúnicos e dedicava-se ao extremo às atividades do Vinte e Quatro de Junho. Deslumbrou-se quando pôde compreender que a Codificação Espírita era a chave que explicava inúmeras passagens bíblicas e evangélicas, que antes lhe eram tão enigmáticas. E se emocionou quando lhe ensinaram que os problemas por que passara — os fenômenos espíritas e obsessivos — eram da mesma espécie dos que os tratados pelo magnetismo de Jesus e de seus apóstolos, conforme está anotado no Novo Testamento e no Livro de Atos.

Por essa época, Abigail já se integrara à vida social da cidade, e no Imperial teve oportunidade de conhecer muitas pessoas e fazer novos amigos². De fato, em agosto de 1942, na troca de correspondência com Maria Angélica, do Rio de Janeiro, que conheceu no hotel e de quem se tornou muito amiga, as jovens falam de passeios, festas e namoros. E a amiga pergunta: *E você firme com o namorado?* E encerra a carta destacando importante traço de Abigail: *Escreva-me sempre que só as tuas palavras já irradiam simpatia.*³

Havia sido no centro espírita, durante seu tratamento, que Abigail conhecera Armando, filho de Manoel Vidal, e se tornaram amigos. Como os dois jovens passaram a trabalhar nas atividades mediúnicas do Vinte e Quatro de Junho, pois

² É dessa época a foto que ilustra a capa deste livro.

³ Trechos desta carta estão no *ÁLBUM DE RECORDAÇÕES/Documentos*, p. 135 deste livro.

Armandinho, como era chamado, ali também desenvolvera sua mediunidade, se tornaram amigos e grande afinidade aflorou entre eles. Depois passaram a sair juntos, logo a seguir começaram a namorar e em 1943 ficaram noivos. Esse noivado encheu de alegria as famílias Vidal e Guimarães, que haviam se aproximado durante o transe difícil do processo obsessivo de Abigail e se tornaram muito amigas.

O casamento fora marcado para o mês de maio de 1944. Margarida encomendou à Salica, uma sua amiga costureira e colega de serviço no Hotel Imperial, o traje de Abigail. Tratava-se de um vestido simples, todo branco, mas de muito bom gosto para uma cerimônia civil, e que se assentava elegantemente no corpo bem feito da noiva. Um dia, durante uma prova do vestido, Abigail diz à Salica que estava muito feliz, que sua vida agora era tudo com que sonhara na sua tão tormentosa existência, e que a união com Armandinho iria coroar a felicidade imensa que vinha sentindo. Mas segredou à costureira: Salica, não comente com ninguém, mas no fundo, no fundo, eu não quero me casar. Tenho medo de infelicitar o Armando, tenho pressentimentos de que vou morrer logo. A amiga lhe disse: Qu'ê isso, Abigail! Afasta esses pensamentos. 'Oê já sofreu tudo que podia, minha filha. Nada de mal vai acontecer. Nem 'ocê nem seus pais merecem sofrer mais. Pare com essas ideias. Abigail sorriu, mirou-se no espelho, fez uma pose coquete puxando a ponta do vestido, depois, com um ar de tristeza, disse: Mas, Salica, se eu morrer, por favor, peça que me enterrem com este vestido... Essa confissão

Salica guardou, achou mesmo que era uma dessas cismas que as mocinhas casadoiras contam às suas costureiras.

Abigail Guimarães e Armando Coutinho Vidal se casaram numa discreta cerimônia civil na casa dos pais do noivo, no *Campinho*, no dia 17 de maio de 1944. Ambos possuíam, então, 18 anos. Como eram menores, houve necessidade de autorização de seus pais.

O casamento foi oficiado por Aristides da Silveira Machado, e foram testemunhas: Abner Astério, Yolanda Saunier, Trajano Teles Teixeira, Antônio Fernandes, José Maria Gonçalves e João Nascimento. A noiva passou a se assinar Abigail Guimarães Vidal.

O jovem casal veio a morar também no *Campinho*, em casa próxima da de seus pais, pois que ambas as famílias (de José Batista e de Manoel Vidal), por essa época, residiam nesse bairro. Armando trabalhava no comércio com seu pai, e Abigail continuou trabalhando no Hotel Imperial, onde era bastante estimada por todos os colegas.

Mesmo casada, Abigail continuava atenta à rotina de sua família, fazendo-se presente e ajudando no que pudesse. Da varanda de sua casa, às quartas-feiras, ficava vigiando o vendedor de carnes, quando ele parava diante da casa de Margarida, tabuleiro às costas, com os cortes já pesados e embrulhados. Se a mãe comprasse carne, ela também comprava. Se não comprasse, também não o fazia. E dizia para o

marido: Ah, Armandinho, não quero comer carne se minha mãe não pode comprar. Comprar pra ela também não posso, apesar de termos dinheiro. Papai não aceitaria nunca um gesto desses.

E a vida foi transcorrendo, com Abigail a toda hora na casa dos pais, a visitar a família, a comprar-lhes presentes, a envolvê-los em demorados abraços e carinhos, grata por tudo, de modo especial com Margarida, como se estivesse preparando o próprio espírito e o da mãe para um infortúnio sem conta.

Capítulo V - Desencarnação

22 – A maior de todas das dores

Onde está, ó morte, a tua vitória? Onde está, ó morte, o teu aguilhão?

(PAULO, I Coríntios, cap. 15, v. 55)

E a desventura, a mais imensa de todas, que estava por vir, sorratamente mostrou-se por meio de uma febre tifo que acometeu Nena, então com 11 anos. Abigail se desdobrou em cuidados com a irmã, procurando poupar sua mãe e descansá-la — essa mãe extremosa que tantas vezes a socorrera. Nena sofria, ardia em febres, suave a não mais poder, doíam-lhe as feridas da pele. Abigail limpava-lhe o rosto, secava-lhe os cabelos empapados de suor. A cabecinha da menina suave tanto que seus cabelos se grudavam ao couro cabeludo, e ela os perdia em grandes tufos. E Abigail ali, presente, dia e noite, assistindo a menina, orando, doando-lhe energia, aplicando-lhe passes, acalmando José, confortando Margarida, que mãe adoece com os filhos.

Por essa época, para essa espécie de infecção, causada pela bactéria *Rickettsia prowazekii*, usavam-se manipulados e vitamina C, visto que o *cloranfenicol*, o primeiro antibiótico eficaz, só mais à frente é que foi descoberto. O remédio, então, foi orar e esperar. Mas a febre foi cedendo, cedendo, Nena

passou a sorrir, as feridas cicatrizavam-se. Findava-se o mês de julho de 1944, quando a menina em definitivo ficou boa.

Quando o mês de agosto entrou, já encontrou Abigail com os sintomas da febre, pois que ela fora contaminada. Estava Margarida na sua faina na rouparia do Hotel Imperial no momento em que lhe deram a notícia — sentiu uma pontada sem par no coração, muito maior do que aquela que sofrera quando soube da doença de Nena. Sentia, tinha um pressentimento, alguma coisa lhe dizia, talvez fosse só suspeita boba de mãe... Deus, Oh, Deus! Não! Não pode ser, meu Deus! exclamou quando viu, com nitidez, a imagem da filha num caixão...

Abigail recebeu do doutor João Lisboa os medicamentos conhecidos, que ainda eram incipientes os estudos e o tratamento de doenças bacteriológicas. O médico, então, procurando estimulá-la, perguntou: — Menina, você quer sarar? Sim, quero doutor, ela respondeu. — Quem quer sarar, sara! Mas a bactéria insidiosa não encontrava obstáculos nos tímidos remédios de que a medicina então dispunha — e avançava.

Quando os sintomas da doença se agravaram, ela pediu ao esposo para ser tratada na casa de José e Margarida, e o marido bondoso consentiu. Queria dar seus últimos suspiros nos braços da mãe, sabia que esse era seu destino, que assim se daria o cumprimento da Lei. Assistida pelos familiares e amigos, ficou de cama por cerca de um mês. Armando, sempre ao seu lado, tocava-lhe os cabelos

que perdiam o vigor, acariciava seu rosto que se desbotava, beijava-lhe a mão que emagrecia, como se a doce esposa em nada estivesse mudando.

Margarida, sem demonstrar seu desespero íntimo, e crendo firmemente que não perderia Abigail, que a visão do caixão fora uma coisa sem sentido, tolice e preocupação exageradas de mãe, se desvelava em cuidar de sua “menina”, como dizia. Nena, tão criança ainda, suportara aquelas crises, sobrevivera... Abigail era mais forte, suportaria também, pensava, mas seu pensamento, tão febril quanto a doença da filha, girava, girava, ia e voltava, num *ritornelo* exasperador. E ela orava e pedia, procurando pôr-se forte para sustentar a filha e os familiares. Abigail recebia os carinhos da mãe como suavizadoras gotas divinas, de puro amor, mas, sem nada transparecer, ia aos poucos se despedindo dos seus e de sua mãezinha em cada gesto, em cada olhar, em cada lágrima, agradecida a Deus que lhe dera a oportunidade de estar juntinho dela, cuidada por suas mãos carinhosas, em hora tão torturante.

A doença de Abigail evoluiu com espantosa rapidez. No último dia de agosto ela estava semi-inconsciente, e já não falava. Nessa data, deu-se um fato que emocionou às lágrimas a equipe de trabalhadores do Vinte e Quatro de Junho: o Espírito de Abigail foi visto à mesa, sentado na cadeira que habitualmente ocupava, como se fosse trabalhar na sessão mediúnica da noite.

.....

Margarida, coração aos pedaços, suplicava em seu íntimo: Não! Não, meu Deus! Isso não vai acontecer! Depois de tanta luta, de tanto sofrimento, Pai Todo Poderoso, não permita que aconteça! E orava, e chorava às escondidas, e procurava manter-se firme, buscando forças no seu coração amoroso, na sua fé cristã. Jesus amado, que sentiu saudades de Lázaro, que sabe a dor humana de perder alguém, me ajude Divino Irmão! Ponha sobre Abigail, a quem livrou de tão grandes tormentos, suas mãos benditas. Lança sobre minha filha, Senhor, a energia com que retirou Lázaro da tumba! Eu sinto que ela já se vai, Senhor, mas não permita, traga ela de volta para mim, que sou sua mãezinha. Ah, Virgem Santíssima, que sabe como ninguém a dor de perder um filho. Senhora e Mãe Meiga, fortalece esta sua filha em desespero. Roga, Senhora, ao seu Filho. Me ajude, Mãe Amantíssima! Não suportarei perder Abigail, pois em meu peito há um vazio imenso, uma chaga a sangrar e doer...

.....

E fechou os olhos, e chorou, chorou, e as lágrimas lavaram-lhe a alma desalentada, e sentiu-se mais calma. Respirou a largo sorvo, tomou a mão pequena e pálida da filha querida, beijou-a terna e demoradamente. Pousou os olhos úmidos num retratinho de Padre Vítor que Abigail mantinha ao lado da cama, e pediu: Meu santo Padre Vítor, que tantos milagres fez em vida, Padre querido, assiste minha filha, pois sinto que vou perdê-la. Receba o seu Espírito, cuide dela pra mim! Cuide dela pra mim, meu amado irmão em Cristo! E lágrimas

ardentes correram-lhe pela face cansada, e tremeu o seu corpo exausto, e vibrou sua alma aflita.

.....

... Sentiu-se apertada pelos braços da mãe, e notou que já não tinha febre nem dor. — Mamãe, ela disse, e aproximou seu rosto. — Mas... Vovó, é você? E mamãe?... Onde está? E papai? ... E Armando? ... Meus irmãos, onde estão? — Ficaram, Gaí, você sabe, a luta deles ainda continua. Você já está na outra vida... E viu rostos conhecidos, parentes, amigos espirituais do Vinte e Quatro de Junho... E pressentiu, ao fundo, situado num plano acima, um ser iluminado, irradiando intensa energia, a impor as mãos sobre todo o grupo... E sentiu que desfalecia, e adormeceu tranquila nos braços da avó.

.....

Abigail desencarnou serenamente às sete horas da manhã do dia 2 de setembro de 1944.

.....



23 – O mais triste dos funerais

*Semeia-se o corpo natural, ressuscita-se o corpo espiritual.
Se há corpo natural, há também o corpo espiritual.*

(PAULO, I Coríntios, cap. 15, v. 44)

“O mais triste dos funerais é aquele em que os pais enterram os filhos.”

.....

Alberto Moreira Franco fez a prece de despedida assinalando a doce figura de Abigail, sua luta para curar-se, sua rápida, mas dedicada passagem pelo Vinte e Quatro de Junho, seus meses de felicidade conjugal. Confortou em seguida os familiares e reafirmou a crença cristã-espírita da imortalidade da alma.

.....

Ao sentir que se esvaíam os derradeiros momentos em que veria o rosto terno e afetuoso daquela filha tão maravilhosa, cujo sofrimento só fizera crescer a afeição profunda que as enlaçava, nesse momento em que seu coração pungia de modo intenso, Margarida se perguntou: Por quê? Deus meu! Por quê? Por que o Senhor leva agora minha filha? Por que depois de tudo que já havia sofrido? Por que depois que o Senhor a curou? Por que agora que tudo estava tão bem? Por que agora que a paz, enfim, chegou? Por quê? Deus meu!... Não compreendia as razões, não aceitava aquela perda! Mãe alguma se conformaria em perder uma filha daquele modo, tão rapidamente, tão na flor da idade, logo que formara

sua família, quando já vencera sua luta e desenvolvera os seus dons e lia o Evangelho e estudava Kardec. Por quê?, Deus meu! Por quê? Se o Senhor a tivesse levado antes, naqueles tempos de angústia, eu entenderia. Mas hoje?... Hoje eu não entendo! Eu não aceito! Eu não posso me conformar! E assim pensava, e assim se sentia, e assim chorava, surda, sofredamente. Se não estampava todo o desespero em seu rosto, ela bem sabia o fogo intenso que lhe pungia a alma. Alma de mãe, unha e carne com os filhos, aquela que mais sofre...

.....

Juntou o pouco de forças que lhe sobraram e foi se despedir. Beijou a filha, uma lágrima caiu-lhe e molhou a face de Abigail; secou-a com a mão trêmula, mas delicadamente, afastou-se um pouco e a meia distância contemplou sua filha ainda uma vez... E aquele rosto esmaecido pareceu que lhe sorria, e ela lhe devolveu o sorriso, e foi quando ouviu nitidamente a voz cariciosa de Abigail: Confia, mãezinha, confia na bondade do Pai, o Pai que você me ensinou a amar. E nesse instante não sofreu mais, invadida que foi por uma forte corrente energética que percorreu o fundo do seu ser e a anestesiou com suavidade.

.....

Então, Margarida disse a José:

—Vem se despedir. O caixão já vai ser fechado.

— Já beijei em vida, não vou beijar na morte. Margarida compreendeu os modos do marido, sentia quanto sua alma de pai dedicado sofria naquele momento. Ela possuía sua fé cristã, que cultivou

desde menina, que muito a sustentava naquele transe doloroso; José ainda estava aprendendo a lidar com a sua, que a doutrina espírita aos poucos lhe domava a alma e clareava o entendimento.

.....

Naquele passo doloroso, José e Margarida padeciam duramente, e isso era visível em suas faces esgotadas, mas nelas havia também como que um ar de serenidade, pois, se sofriam, também estavam convictos de que a filha continuava viva, que apenas mudara de plano, e que a mansidão e a coragem com que se houve no transe difícil de sua obsessão haviam burilado e iluminado o seu Espírito.

.....

A partir daquele dia seria preciso que remontassem das funduras do abatimento e se mantivessem firmes e equilibrados, pois deviam consolar os filhos, tranquilizar os familiares, amparar o genro, que, muito jovem, por demais pesaroso com a perda, inclinava-se às lamentações. Mas, sobretudo — e no imo de suas almas sabiam disso — precisavam dar testemunhos da sua fé, pois que assim honrariam a memória de sua filha e de todo o seu sofrimento, além do que unicamente a fé seria capaz de fazê-los enfrentar a dor da separação.

Foi Armando quem fechou o caixão, tomando a seguir a alça situada do lado do coração da esposa, que, vestida com a roupa do casamento, parecia-lhe tão linda e meiga como naquele dia que fora o mais feliz de suas vidas. Pesada chuva caiu antes que pequena multidão de amigos conduzisse o féretro,

que não passou por nenhuma igreja. José não acompanhou o enterro; Margarida só foi até a porta do cemitério, e dali retornou para estar próxima do marido, e recomeçar a vida, mais uma vez recomeçar a vida, e desta feita sem aquela filha tão querida, tão admirável.

No cemitério, os parentes e amigos deram emocionados adeuses à Abigail, e antes que se fechasse a tumba, José Maria Plínio, companheiro de trabalho no Imperial, dedicou-lhe belas e sentidas palavras de despedida. Eram seis horas da tarde de um sábado, uma tarde nublosa, que o tempo virara e o sol há muito se escondera. Quando o coveiro começou o seu trabalho e as pessoas se retiravam, ouviu-se na igreja matriz o toque da Ave-Maria.

.....

Acordou bem disposta, sentindo que descansara longo tempo, quando escutou: — Sente-se, minha filha, componha-se, que este hospital humilde está recebendo ilustre visita, que faz questão de lhe dar um abraço. E a porta mansamente se abriu, e uma luminosidade intensa tomou o pequeno quarto, e ela não pôde ver o rosto de quem entrava, que esse rebrilhava ainda mais, mas viu que trajava uma batina, longa como a daquele padre que, em menina, a assustara no córrego, nas *Três Barras*... Mas se tratava agora de uma batina alva, banhada de luz... E alguém se aproximou e, abrindo os braços, disse: — Vem, filha querida, que sua redenção já se cumpriu...

.....

Capítulo VI - Missão

24 – As lições do sofrimento

*Não retarda o Senhor a sua promessa, como alguns a julgam demorada;
pelo contrário, ele está munido de paciência para convosco, não
querendo que nenhum pereça,
senão que todos cheguem ao arrependimento.*

(2 PEDRO, cap. 3, v. 9)

A breve existência de Abigail deixou significativas marcas. Sua brava luta, sua paciência, sua resignação, sua aceitação serena da morte são lições perenes para amigos e familiares, como também para a comunidade lambariense, que acompanhou os lances de sua vitória sobre as sombras, sobre a ignorância acerca dos fenômenos da mediunidade, sobre si mesma, porque prova tão afligente no geral tem matrizes remotas, profundas, em antigos e encobertos comprometimentos de vidas passadas. E, como sabemos, é da Lei que *os pecados nos procuram* (Nm 32:23). Assim também as faculdades mediúnicas são aquisições do passado, aptidões que a individualidade desenvolve ao longo das encarnações sucessivas, porque são, como diz o Apóstolo, frutos de um *dom que Deus concede a cada um, visando a um fim proveitoso* (I Coríntios, 12:7).

O caso de Abigail foi que despertou os trabalhadores do Centro Espírita Vinte e Quatro de Junho. Desafiados pela dureza e obstinação das entidades infelizes que subjugavam a médium, tiveram de fincar o pé na sua crença, rever métodos, mudar atitudes. Como ficou claro na mensagem de Francisco de Paula Vítor, esse desafio houvera sido também lançado à própria equipe espiritual. Ambos os agrupamentos — o da Terra e o do Espaço — souberam, no entanto, unir-se, disciplinar-se, fortalecer-se para serem capazes de se impor aos formidáveis adversários do plano invisível. E, como se sabe, em tais batalhas não há derrotados nem vencedores, visto que os Espíritos que, temporariamente, atuam nas sombras, envergarão, mais cedo ou mais tarde, a veste nupcial, ou seja, um corpo espiritual sem manchas, que os habilitará ao Banquete do Cristo. Realmente, o profeta há muito já dissera que *o Pai não quer a morte do ímpio, mas que ele se redima e viva (Ez. 18:23)*.

Por essa prescrição é certo que os que se arrependem e retornam sobre os próprios passos a fim de corrigir os erros que cometeram, também esses participarão do Festim Divino, porque Jesus afiançou que *aquele que viesse até Ele, de maneira nenhuma seria lançado fora (João, 6:37)*. De modo que os assim redimidos poderão mesmo acabar por repartir o pão ao lado dos irmãos que infelicitaram. Benedito José Coelho foi um desses, pois que, doutrinado e esclarecido, passou a trabalhar, em tarefas humildes, mas redentoras, por intermédio de Abigail, a doce menina a quem por tanto tempo prejudicara.

Os seus familiares próximos converteram-se ao Espiritismo. Margarida e Irene, a exemplo de Abigail, doaram seus fluidos para os trabalhos de assistência às pessoas e Espíritos necessitados. Joãozinho e Dé sempre se mantiveram na fé espírita, e José Batista estudou as obras de Allan Kardec, ajudou a construir a sede do novo centro, presidiu trabalhos nessa casa e, enquanto viveu, deu exemplos da mudança que o Espiritismo operou em sua alma.

Margarida, de crenças católicas tão arraigadas, desenvolveu virtudes mediúnicas notáveis e um dom de vidência tão apurado que viveu cinquenta anos encarnada enxergando simultaneamente os dois mundos — o da matéria e o do Espírito. Pôde ver Abigail viva, saudável e bonita em diversas oportunidades, e assim também viu o marido e os filhos Dé e Nena, que desencarnaram antes dela. E também a Padre Vítor, viu, extasiada, o doce benfeitor muitas vezes nas sessões mediúnicas do Vinte e Quatro de Junho e teve a honra de servir-lhe com suas faculdades psicofônicas.

O *Centro Espírita Vinte e Quatro de Junho*, com a nova sede, construída na década de 1940, cresceu e se desenvolveu, e novos trabalhadores surgiram, e muitas das gerações de seus fundadores permaneceram na fé de seus pais. Inúmeras pessoas foram beneficiadas pelos trabalhos da casa, incontáveis Espíritos necessitados também.

Como ocorre a toda instituição espírita, houve também épocas de dificuldades. Mas há anos a casa se mantém ativa. Em agosto de 1999, o centro

passou a se denominar *Casa Espírita Francisco de Paula Vitor*. Em agosto de 2009, inaugurou, nos fundos um segundo pavimento, com novas salas e um espaçoso salão para as reuniões públicas.

E, como na Economia Divina não há o que se perca, do resgate, da dor, do sofrimento, é possível extrair inúmeros benefícios espirituais, como esses que foram destacados, que, em síntese, constituíram uma espécie de missão de ABIGAIL.



25 – Testemunhos da fé

*Vai para tua casa e para os teus, e conta-lhes
quanto te fez o Senhor, e como teve compaixão de ti.
(MARCOS, 5:19; LUCAS, 8:39)*

Este livro, que representa um testemunho da crença espírita dos familiares de Abigail, foi intuído pelo Espírito de José Guimarães Silva há alguns anos, mas só tomou corpo no primeiro semestre de 2009, quando, aos materiais da lembrança familiar, se juntaram depoimentos de pessoas e pesquisas de documentos e fotografias.

À memória e conversação prazerosa de João Guimarães (Joãozinho), que viveu este drama, deve-se a reconstituição precisa de fatos, datas, nomes, costumes e lugares. Muitas recordações e impressões vieram de parentes de Alberto Moreira Franco e de José e Margarida, principalmente das netas, que tiveram contato mais estreito com Margarida, por terem convivido muitos anos com a avó, que essa viveu mais de noventa anos. Um testemunho importante dos fenômenos ocorridos e da mediunidade de Abigail foi dado por Idália Aparecida Cunha, atualmente com 92 anos de idade e ainda muito lúcida. Idália foi trabalhadora do Vinte e Quatro de Junho, e conheceu de perto a história de Abigail e de seus pais. Preciosas também foram as lembranças de Terezinha Brigagão Carlos, hoje com 83 anos, que foi vizinha e colega de escola de Abigail, e que se recordou com carinho da amiga e relembrou episódios de que os familiares já haviam se esquecido.

Coletados e organizados esses dados e documentos, em 1º. de maio de 2009, deu-se início aos primeiros esboços do texto. Nas semanas seguintes a essa data, algumas diretrizes e informações para construção da narrativa chegaram por meio da intuição e vidência de uma médium da família. Elas vieram principalmente do Espírito de José Guimarães Silva, que orientou que se iniciasse a narrativa com a cena do funeral e, a partir dela, se contasse o início, o meio e o final da história. Ele escolheu também o nome: *Abigail*.

Desse ponto em diante, enquanto os primeiros rascunhos da narrativa eram lidos e revisados pelos familiares mais próximos, os desencarnados aumentaram sua participação, não apenas intuindo certos trechos da narrativa, como também recordando fatos e pequenos incidentes e orientando aspectos técnicos e práticos da construção do livro. O nome do livro foi uma questão à parte, visto que os rascunhos estavam sendo titulados de *A história de Abigail*, e José Guimarães Silva deu uma ordem ao seu estilo: — *Como eu já disse, o nome do livro será simplesmente ABIGAIL.*⁴

Quando foi suscitada a possível revelação das razões cármicas desse drama familiar, das quais tínhamos apenas vagas informações, apresentou-se à vidência e clariaudiência da médium o Espírito de uma mulher (não identificada), que, bastante emocionada e pesarosa, pediu que não desvendássemos essas causas passadas, às quais, por certo, ela está

⁴ Por razões editoriais, após ABIGAIL foi necessário acrescentar, entre colchetes, a expressão: [Mediunidade e redenção]

enleada, visto o seu estado de sofrimento e as impressões que causou à médium.

No dia seguinte, comunicamos essa ocorrência, por meio do correio eletrônico, aos familiares próximos que nos ajudavam na redação do livro e que indagavam se havia chegado até nós alguma nova revelação. Cópia desse *e-mail* foi enviada à médium, e logo que ela iniciou a leitura, e antes de terminá-la, recebeu psiquicamente uma mensagem de um nosso familiar desencarnado, de quem não tínhamos notícias desde o seu passamento, há duas décadas. E foi uma pequena aula sobre *carma, reencarnação, reabilitação compulsória, esquecimento de vidas passadas, compromissos espirituais assumidos antes da encarnação*.

Esse Espírito confirmou as informações que possuíamos e acrescentou diversas outras, mas não revelou detalhes das vidas passadas, que esses ainda não podem ser desvelados, ele disse.

Mas é certo que esse grupo de familiares e seus descendentes estão ligados há séculos, desde o Velho Mundo, e daí, a partir do Século XVII, no Novo Mundo — na região Sul de Minas Gerais. O drama de Abigail, se aponta ao passado em razão de possível endividamento espiritual, aponta ao mesmo tempo ao futuro, pois que foi o instrumento para conduzir esse grupo de Espíritos à senda do Espiritismo e trazê-los à compreensão espiritual e à prática do bem. Que esses Espíritos reagiram resignadamente e sem revolta às inúmeras

provações (obsessão, dificuldades financeiras, insucessos materiais, doenças, mortes). Que é certo também que os descendentes desse grupo familiar estamos todos ligados por afetos e compromissos antigos, que os carmas se desdobraram, e que esses não são para ser ainda expostos, mas compreendidos e superados. Nesse passo das nossas vidas, conhecer detalhes cármicos — daí o “véu do esquecimento” de que fala Kardec — prejudicaria o andamento natural das coisas e poderia vir a quebrar a intenção de evoluir.

A elaboração deste pequeno livro se deu, assim, num *concerto* familiar, envolvendo encarnados e desencarnados, com a finalidade de fortalecer os laços dessa família em torno de sua fé espiritual, de seus resgates cármicos, de seus compromissos espirituais de divulgar e praticar o Evangelho de Jesus à luz do Espiritismo, de enfrentar com paciência e resignação as dores e dificuldades, de perseverar no Bem — que esse é o grande compromisso assumido antes da reencarnação.

Se mais à frente essas revelações nos chegarem e forem úteis à educação e edificação espiritual de quantos se interessarem, quem sabe não poderemos talvez complementar esta narrativa com novas luzes vindas da dimensão espiritual?

Notas Históricas

*Se você quer viver mesmo depois de morrer,
viva vida produtiva.
Realize muitas obras, divulgue suas ideias e seus belos ideais.
Grave bem seus pensamentos, seus sentimentos, seus feitos,
Em papel, tábua ou pedra.
Os séculos irão passando e seu espírito permanecerá.*

*(ALAÍDE LISBOA DE OLIVEIRA. O tempo passa
Escritora e educadora nascida em Lambari, MG)*

1 – NOTAS BIOGRÁFICAS, ADMINISTRATIVAS E GEOGRÁFICAS

Centenas de factos que pessoalmente observei em bons círculos de manifestação psychicas me autorizam a proclamar com absoluta segurança a verdade contida nas lições de Kardec.

Impressionaram-me sobretudo os phenomenos comuns de obsessão e possessão, destinados a reformar o estudo da psiquiatria e o tratamento adequado a um numeroso grupo de alienados (...) (AMÉRICO WERNECK. *Um punhado de verdades*)⁵

Américo Werneck – Nascido na cidade de Bemposta, RJ, foi jornalista, escritor, parlamentar atuante na câmara federal, onde se destacou em defesa da abolição da escravatura e da proclamação da república. Foi secretário de agricultura de Minas Gerais, no governo Silviano Brandão, e prefeito de Belo Horizonte (1898). Além de pintor, foi escritor; deixou romances, alguns inspirados na vida pessoal, e opúsculos sobre agricultura, política e comércio. Publicou, ainda, livros sobre questões jurídicas, sociais, constitucionais, tributárias, financeiras, educacionais e históricas. Traduziu, também, *Hamlet*, de Shakespeare.⁶

Werneck amava Lambari, ali viveu e participou ativamente de sua vida política. No ano de 1909 foi nomeado seu primeiro prefeito. O arrendamento que fez ao Estado de Minas Gerais, em 1912, para explorar a estância de Águas Virtuosas, durou até 1915; nessa época, realizou as obras do cassino, do lago, do farol, da cascata e muitas outras mais. A rescisão do contrato mencionado resultou num litígio histórico, em razão dos brilhantes juristas que

⁵ WERNECK, Américo. *Um punhado de verdades*. Rio de Janeiro : A. Gomes Pereira & Cia., Editores, 1923, pág. 185. Há uma versão disponível para download neste link: http://www.allnetmind.com.br/interna_punhadodeverdades.htm

⁶ MILEO, 1970; MARTINS, 1971; CARROZZO, 1998.

participaram da causa, entre eles Rui Barbosa, J. X. de Carvalho Mendonça, Esmeraldino Bandeira, Heitor de Souza e Edmundo Lins, esses dois últimos membros do Supremo Tribunal Federal. Tal caso ficou conhecido como a *Questão Minas x Werneck* ⁷

No *Museu Américo Werneck*, em Lambari, há um volume do livro *Um punhado de verdades*, publicado por Werneck em 1923. Nesse livro, fica-se sabendo que ele começou a estudar a codificação de Allan Kardec em 1905, e que foi estudioso e experimentador dos fenômenos psíquicos. Sua obra nesse campo, intitulada *O Espiritismo perante a Ciencia*, foi escrita em 4 volumes; no primeiro — *Um punhado de verdades* — aborda a questão sob o aspecto político, jurídico, social e religioso; no segundo — *Através de Lombroso* — expôs os estudos do psiquiatra italiano; no terceiro — *No campo das Hyphoteses* — analisou as teorias de Sage e outros; e no quarto, sem título, apresentou suas próprias experiências realizadas com o médium José de Araujo. Ao que se sabe, o último volume não foi publicado, mas há referências a essas experimentações de Werneck em obras de terceiros.

Vê-se, assim, que Werneck não era positivista⁴, pois *Um punhado de verdades* encerra uma bela confissão de fé na doutrina codificada por Kardec e uma extraordinária defesa dos postulados espiritistas.⁸ Nesse livro, Werneck anotou: “Ao espiritismo, que... dizem ser obra do diabo, devo as maiores consolações da vida.”

⁷ BARBOSA, Rui. *Questão Minas x Werneck*. Obras Completas de Rui Barbosa. Volume XLV 1918 – Tomo IV e V. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1980. 4 PORTUGAL, Henrique Furtado. *Velho livro de Américo Werneck*. O Triângulo, Uberlândia, MG, 19 nov. 1974.

⁸ LINHARES, Temístocles. *História crítica do romance brasileiro – 1728 – 1981*
- São Paulo : USP, 1987, Vol. 1

José dos Santos – Médico de espírito bondoso e humanitário, que clinicou longos anos em Lambari. Foi prefeito da cidade no período de 1959-1962.⁹

João Lisboa Júnior – Natural de Lambari, médico, foi prefeito da cidade em dois períodos: 1935-1945; e de 1951-1954. Antes do final do segundo mandato, deixou Lambari para assumir a Cátedra de Cronologia na Faculdade Minas Gerais em Belo Horizonte.¹⁰

Foi na Farmácia da Empresa, de propriedade de Osvaldo Lisboa, que João Guimarães (Joãozinho) e José Guimarães Filho (Dé) trabalharam; Joãozinho lá ficou por mais dez anos (1939-1948). Nessa farmácia, certa época, trabalhou ainda José Carlos Lisboa, irmão de João e Osvaldo¹¹, que era formado em farmácia, mas que depois seguiu carreira de professor universitário e escritor no Rio de Janeiro.

Vital Brasil – Doutor Vital Brasil Mineiro da Campanha, médico, natural de Campanha, MG (1865). Dedicou-se ao estudo do veneno das serpentes e nessa área alcançou renome mundial. Fundou o Instituto Butantã em São Paulo (1899) e o Instituto Vital Brasil de Niterói (1919). Descobriu soro antiofídico mais eficaz do que os da medicina francesa e estudou as propriedades das águas minerais de Lambari. Frequentou essa estância por quarenta anos e chegou a ser nomeado prefeito da cidade, em 1931, mas não pôde exercer o cargo, em face de prolongada doença que o acometeu. Possuía em Lambari casa de veraneio, adquirida em 1921, e depois comprou uma propriedade rural, no final do bairro *Pinhão Roxo*, onde passou os últimos anos de sua

⁹ CARROZZO, 1988.

¹⁰ MILEO, 1970; CARROZZO, 1988; RODRIGUES, 1999.

¹¹ João de Almeida Lisboa, pai de João, Osvaldo e José Carlos, acima mencionados, também era formado em farmácia, e seguiu carreira política, tendo sido deputado estadual, inclusive.

vida, e na qual José Batista trabalhou arando terras. Morreu no Rio de Janeiro (1950), aos 85 anos de idade.¹²

Vivaldi Leite Ribeiro – Comerciante que, curado pelas águas minerais de Lambari, ali construiu dois importantes estabelecimentos: Hotel Imperial e Grande Hotel. Abigail, Margarida, José Batista, Joãozinho e, depois, Nena, todos trabalharam no Hotel Imperial.

Padre Barbosa – Padre Dr. Antônio Lemos Barbosa foi pároco de Lambari no período de 1938-1947. Homem culto, com cursos de aprimoramento em Roma, escreveu um Dicionário em Tupi-Guarani.¹³

Resumo histórico-administrativo – A atual cidade de Lambari, de povoação, foi elevada à categoria de Freguesia pela Lei-Provincial nº 487, de 28/06/1850, e a Distrito de Paz pela Lei nº 998, de 27/06/1859. Depois, tornou-se Distrito (Lei-Estadual nº 2, de 14/09/1891), e a seguir Município (Lei-Estadual nº 319, de 16/09/1901), o qual foi instalado em 2 de janeiro de 1902. Denominava-se, então, Águas Virtuosas da Campanha, e, a partir do Decreto nº 9.804, de 27/12/1930, passou a se chamar Lambari.¹⁴

Notas geográficas – No mapa do antigo Município de Águas Virtuosas, de 1926¹⁵, logo à frente, podem ser vistas as posições geográficas de cidades, áreas rurais, serras e rios mencionados neste livro:

- Serras: *Serra das Águas* e *Serra de Santa Catarina*.
- Cursos d'Água: *Córrego das Flores* e *Rio Mumbuca* (que no mapa figura com o nome de *Lambari Pequeno*. Sua cabeceira, no sopé da *Serra das Águas*, inicia-se

¹² RODRIGUES, 1999; MILEO, 1970, pág. 21.

¹³ VIOLA, 2002.

¹⁴ MARTINS, 1971; VIOLA, 2002.

¹⁵ Extraído do *Atlas Corográfico Municipal*, publicado em 1926. *Apud* CARROZZO, 1998.

próxima ao bairro rural *Mumbuca*, que aparece no mapa).

- Cidades: de Santa Izabel (atual Heliódora), São Gonçalo do Sapucaí, Conceição do Rio Verde, Campanha.
- Áreas rurais *São Bartolomeu*, *Nova Baden*, *Embirosal* (no livro: *Imbirizal*, e atualmente Bairro Rural *Capelinha do Imbirizal*).
- A área rural da *Ressaca* fica atrás da *Serra das Águas*, no município de São Gonçalo do Sapucaí. Para se chegar lá, pode-se partir de São Gonçalo do Sapucaí, ou de Campanha, ou de Lambari, via *Serra das Águas*. Nesse caso, sobe-se essa serra, chega-se ao *Alto da Serra*, passa-se por *Campo Grande* e *Santa Cruz*, e chega-se à *Ressaca*. Um trecho de mais ou menos cinco léguas, que era feito a cavalo. Todas essas localidades são mencionadas no livro.

Observações:

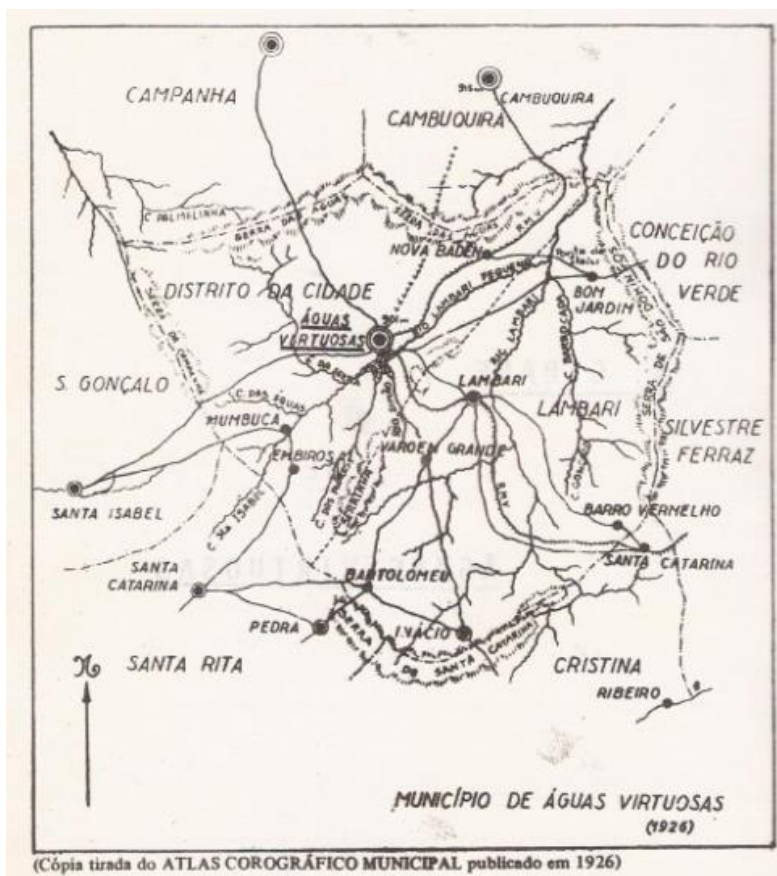
1. Lambari surgiu de extensão de terras desmembrada do município de Campanha. Antes de se tornar município, essa extensão chamou-se *Águas Virtuosas de Campanha*, e abrangia áreas correspondentes aos atuais municípios de Jesuânia e Conceição do Rio Verde.
2. Assim, a “Lambari” indicada no mapa se refere à antiga Lambari, que atualmente é a cidade de Jesuânia.
3. A “Águas Virtuosas” indicada no mapa se refere à atual Lambari.
4. Volta Grande não aparece no campo de visão do mapa, mas pertencia à cidade de São Gonçalo do Sapucaí, e corresponde hoje à cidade de Careçu.

5. Freitas não figura no mapa, mas situa-se, olhando-se à direita do mapa, mais ou menos entre Conceição do Rio Verde e Silvestre Ferraz (atual Carmo de Minas). No mapa, pode-se ver o trajeto do trem da RMV (Rede Mineira de Viação) até Freitas: saindo de Águas Virtuosas e passando pela antiga Lambari (atual Jesuânia).
6. Nele também se pode ver o trajeto da RMV para Cambuquira, passando por *Nova Baden*.
7. No mapa, e com sua terminologia, *Três Barras* e *Trinta Alqueires* situam-se, saindo de Águas Virtuosas, passando pelo bairro do *Pinhão Roxo* (no mapa, no comecinho do *Córrego das Flores*, que desemboca no lago da cidade), subindo na direção de *Embirosal* [*Imbirizal*] e *Santa Isabel*.

Notas do centro urbano – Relativamente aos bairros mencionados no livro:

- Conservam até hoje os mesmos nomes os seguintes: *Vila Nova*, *Campinho*, *Pinhão Roxo*.
- O antigo bairro de *Atrás do Morro* partia do pé do morro (próximo do *cassino*), passava por detrás do cruzeiro, seguia reto após a primeira curva do lago e terminava na ponte do *Córrego das Flores*, onde começava o *Pinhão Roxo*. É por esse caminho que se vai às *Três Barras*, aos *Trinta Alqueiras*, à *Capelinha do Imbirizal*, e chega-se em Heliadora. A única mudança se refere ao nome do bairro, que na atualidade se chama *Volta do Lago*.¹⁶
- No cruzamento da RMV (linha férrea) com o *Rio Lambari Pequeno* (*Mumbuca*) está o *pontilhão de ferro*, mencionado no livro. Aqui se finda o bairro da *Volta do Ó*, que conservou o mesmo nome.

¹⁶ MILEO, José N. *Ruas de Lambari*. Guaratinguetá, SP : Gráfica Vila, 1ª. edição, 1970.



(*) Extraído de CARROZZO, 1998.

Sobre **Águas Virtuosas de Lambari**, veja também:

<http://www.guimaguihas.prosaeverso.net/blog.php?idb=37704>

Sobre **Américo Werneck**, veja também:

<http://www.guimaguihas.prosaeverso.net/blog.php?idb=36346>

2 – Pequena memória do Centro Espírita Vinte e Quatro de Junho ¹⁷

Dá conta da tua administração.

(LUCAS, cap. 16, v. 2)

- **Excertos do estatuto original** – Conforme dados extraídos da ata realizada no dia 10 de novembro de 1938.
- **Data da fundação** – 24 de junho de 1938.
- **Componentes da mesa** – Presidente: Antônio da Silva Vidal; Vice-Presidente: Manoel Vidal Júnior; 1º. Secretário: José da Cunha Dutra; 2º. Secretário: Armando Vieira da Silva; Tesoureiro: Agustinho da Costa Pinto.
- **Do objetivo do Centro e seu programa** –
 - Estudo teórico e prático do Espiritismo, ensinamentos doutrinários, pelos meios que oferece a palavra escrita e falada em conformidade com o Evangelho de Jesus. Praticar a caridade moral e material.
 - Concorrer para a união e solidariedade entre associações espíritas brasileiras.
 - Praticar a caridade moral e material por todos os meios a seu alcance.
- **O centro realizará sessões:** a) *doutrinárias*, para estudo das obras doutrinárias; e b) *práticas*, para

¹⁷ Este tópico foi desenvolvido com o auxílio de Benedito Moreira Franco, filho de Alberto Moreira Franco. Como Benedito, outros filhos de Alberto Franco também se tornaram espíritas e frequentam o *Centro Espírita Vinte e Quatro de Junho*. Benedito presidiu a instituição durante algum tempo, e suas irmãs, Elvira e Genoveva, colaboram com a atual administração da casa.

obtenção e frequência dos fenômenos espíritas, suas aplicações morais e científicas, seguindo as normas da doutrina. As sessões *doutrinárias* serão públicas; das sessões *práticas*, somente pessoas autorizadas pela direção da casa poderão participar.

- **O Centro realizará sessões comemorativas** –

Natal; Aniversário natalício de Allan Kardec a 3/10; Lição fraternal da ceia do Senhor (Quinta-feira Santa); Lições continuadas das cenas do Calvário (Sexta-feira Santa)

- **São deveres dos sócios e trabalhadores** – Estudar e apreender a doutrina e, pelos meios práticos e morais desta, contar todos os seus atos esforçando constantemente para atingir o ideal de perfeição que ela a todos oferece.



Resumo de alguns casos de cura – Conforme testemunhos gravados.

- **1º. Caso – M. de A. M.** – M. de A. M. era sobrinha de um dos trabalhadores do centro, que a trouxe de

Luminárias para ser tratada no Vinte e Quatro de Junho. M. ficou seis anos isolada num quarto escuro, recusando-se a sair. Comia, bebia, tricotava e crocheta no escuro. Não saía do quarto para nada. Para ser trazida para Lambari, a fim de se tratar, os pais tiveram de inventar uma história de um piquenique, em que lonaram um caminhão, deixando um ambiente escuro no qual ela foi colocada. Assim fez a viagem e hospedou na casa do tio, tendo sido posta, outra vez, num quarto escuro. O tratamento, inicialmente foi feito a distância. Devagar ela aceitou que fosse aberta uma janela do quarto; depois outra, até se curar. O tratamento durou quase três anos.

- **2º. Caso – L. B.**– O caso de L. B. se deu quando Alberto Franco, que havia alugado um pequeno pasto de animais próximo do antigo Laticínio Silvestrini (aos fundos de onde se situa hoje o Posto Gregatti), foi ali procurado por um médico, que contou ser pai de L. B., moça formada, e que era cuidada por uma governanta. Soubera que Alberto Franco era espírita e falou do caso de sua filha e de seus acessos de loucura, explicando que fora tratada, sem resultados, por médicos e psiquiatras de três países (Alemanha, França, Inglaterra). Procurava, depois de longo sofrimento, ajuda espiritual. Pagaria o que fosse preciso. Alberto Franco explicou que os espíritas não cobravam por seus trabalhos, e, logo a seguir, foi dado início ao tratamento. Durante dois meses, os médiuns foram à casa da paciente a fim de realizar sessões preparatórias, visto a gravidade do caso e a violência da moça quando estava em crise. Quando pôde ir ao centro, o pai a acompanhou e participou da primeira sessão. A seguir, levada pela governanta, foi tratada durante três anos de um

grave caso de obsessão. Ao final do tratamento, as crises não mais ocorreram, conquanto tenham permanecido alguns tiques e movimentos involuntários, decorrentes de lesões mentoperispirituais mais profundas. Em agradecimento, o pai enviou do Rio de Janeiro inúmeras obras espíritas para a biblioteca do centro.

- **3º. Caso – B. M. F.** – B. M. F. apareceu com um problema nos olhos, não podia com claridade. Olhos vermelhos e doídos. Usava óculos escuros e cobria-se com um pano preto. Durante vinte dias ficou assim, pois em Lambari não havia oculista e nenhum remédio de farmácia fazia efeito. Foi conduzido ao centro pelo pai, para receber ajuda espiritual. Foi de olhos vendados, e até mesmo a pequena luz roxa, que mal iluminava o ambiente, o incomodava. Iniciada a sessão, a médium se põe de pé e bate a mão na mesa. A mesa vibra intensamente, como se um fluxo de grande força a fizesse tremer, durante segundos demorados. O paciente, que retirara a venda, assistiu a tudo, mesmo com o incômodo que a luz mortífera do ambiente produzia em seus olhos. Tratava-se de um Espírito desequilibrado, que havia desencarnado com problemas na vista. Ele fora atraído pelo campo mental de B. M. F. Ali, então, recebeu ajuda espiritual e foi doutrinado. Ao final da sessão, o paciente saiu do centro enxergando normalmente e sem se incomodar com a luz elétrica, que já se encontrava acesa. Nunca mais teve nada nos olhos.
- **L. S.** – L. S. era uma moça muito bonita, mulata alta e forte. Sofria de grave obsessão e quando em

crise, quatro homens não a podiam conter. Após longo tratamento de desobsessão, acabou curada.

Um caso de glossolália – Conforme testemunho de uma das personagens do caso, que foi gravado.

- **J. Z.** era um homem bastante estudado e cético em relação aos fenômenos psíquicos, e que gostava de discutir esses assuntos, de forma provocativa, com um amigo que frequentava o Vinte e Quatro de Junho. O tal amigo argumentava que J. Z. não conhecia a doutrina, nunca assistira a uma sessão e, sendo assim, seu julgamento era considerado. Então, J. Z., certo dia, convidado pelo amigo, resolveu ir ao centro. Durante a sessão, manifestou-se o Espírito de uma freira, que deu uma mesma mensagem psicofônica, de cunho evangélico, em três línguas, acerca do tema estudado naquela noite, com o *Evangelho Segundo o Espiritismo* sendo aberto ao acaso, como é comum nos centros espíritas. Ele entendeu a mensagem. Como pôde? Quem é a médium? Uma senhora que fizera apenas o primário, e não sabia línguas estrangeiras para se exprimir nelas tão corretamente. J. Z. não se tornou espírita, mas passou a não se expressar mais levemente sobre os fenômenos.

Fundação e evolução do C. E. Vinte e Quatro de Junho

- Fundação – 24 de junho de 1938
- Local: *Ponto Chic* – Rua do Campinho – Bairro Campinho – Cômodo anexo à casa de Manoel Vidal Júnior
- Ata de fundação – 10 de novembro de 1938
- Compra do imóvel (terreno 10 m x 20 m) a Fernando Leopoldo Lemos, feita por Alberto

Moreira Franco em 22 de abril de 1942 – Rua Afonso de Vilhena Paiva, nº 355, Bairro Campinho.

- No terreno acima, anos depois, foi construída a sede do centro; a obra durou cerca de 10 meses. Para construção dessa sede, colaboraram, entre outros, os irmãos Vidal, seus fundadores, Alberto Moreira Franco e José Guimarães Silva, que também puxou os materiais em seu carro de bois.
- Escritura do imóvel e transferência para a Federação Espírita Brasileira — FEB — 14 de março de 1963, feita por Ana Moreira da Silva (viúva de Alberto Moreira Franco, que desencarnara em agosto de 1958)
- O centro ainda funciona no mesmo endereço, tendo sido o imóvel reformado e ampliado.
- Em 1999, o nome do centro foi alterado para *Casa Espírita Francisco de Paula Vítor*.
- Em 2009, foi inaugurado, ao fundo, um novo pavimento, com salas e um salão de reuniões.
- No dia 24 de junho de 2018 a casa completou 80 anos e um evento comemorativo foi realizado. Veja aqui:
<http://www.aprendizadoespirita.net/visualizar.php?id=6375406>

Presidentes

Décadas de 1930 e 1940

- Antônio da Silva Vidal

Década de 1940 e 1950

- Alberto Moreira Franco

Décadas de 1950, 1960 e 1970

- Vicente Guimarães de Souza
- José Guimarães Silva
- José Gregatti Sobrinho
- Osvaldo Dutra

- Abner Astério

Década de 1970 e 1980

- Benedito Moreira Franco
- Guaracy Pereira Dias

Década de 1990 e 2000

- José Afonso Nogueira Paim
- Daisy Arantes
- Nélio Cardoso da Silva
- Ermita Menezes da Silva
- Naby José
- Carmen São Marcos Delfini

O guia espiritual da casa



Francisco de Paula Vitor
(Padre Vitor) [*]
Campanha, MG (12-04-1827)
Três Pontas, MG (23-09-1905)

Visão da última página do estatuto

pelo regulamento approved pela diretoria, no qual se observa:

A) — estabelecer o Centro logo que seja possível o receituário mediúnico para o tratamento das enfermidades físicas e morues.

B) — promover a distribuição de recursos materiais aos pobres a medida que for angariando ou por donativos ou por esmolas. Completa observancia as determinações da Diretoria, cujo presidente ou qualquer membro por ele indicado, presidirá suas sessões tanto administrativas como doutrinarias ou de trabalhos praticos para imprimir em qualquer trabalho o pensamento da Diretoria.

DISPOSIÇÕES GERAES

Artº. 38 — No caso de extinção desta sociedade, o seu patrimonio passará a uma associação, espirita do local, de fins congeneres, a mais antiga se houver mais de uma ou na ausencia delles a Federação Espirita Brasileira.

§ Unico — No caso de patrimonio reverterá em favor da Federação Espirita Brasileira, esta o destinará exclusivamente a propaganda do espiritismo.

Cidade de Lambary, Estado de Minas Geraes, Republica dos Estados Unidos do Brasil, aos 10 de Novembro de 1938.

Antonio da Silva Vidal — Presidente
Manoel Vidal Junior — Vice-presidente
José da Cunha Dutra — 1º. Secretario
Armando Vieira da Silva — 2º. Secretario
Agustinho da Costa Pinto — Thesoureiro

[*] Um resumo biográfico de Francisco de Paula Vitor, elaborado por Osvaldo Esteves Faria, foi publicado no livro *Vida e Mensagem*. Francisco de Paula Vitor/Raul Teixeira [Psicografia]. Niterói, RJ : Fráter, 1993.

Veja também o **ESPAÇO FRANCISCO DE PAULA VÍTOR**, aqui:

<http://www.guimaguinhas.prosaeverso.net/visualizar.php?id=4779307>

NOVO SALÃO DE REUNIÕES



VISTA EXTERNA



Álbum de Recordações

*Frágil tesouro da memória
— antes que a noite me desarme —
por algum tempo ainda resguardado.*

(HENRIQUETA LISBOA. *Memorando*
Poeta nascida em Lambari, MG)

DADOS BIOGRÁFICOS DA FAMÍLIA GUIMARÃES

JOSÉ GUIMARÃES SILVA, que também se assinou JOSÉ BATISTA GUIMARÃES, filho de João Baptista da Silva (também chamado João Batista Guimarães) e Francisca de Salles Ribeiro, nasceu em Madre de Deus, município de Turvo, MG, em 21/08/1902. Estudou os primeiros anos, mas não chegou a se formar no primário. Em adulto, leu muito e estudou as obras espíritas. Foi assinante e leitor assíduo da revista *O Reformador*, editada pela Federação Espírita Brasileira. Frequentou e dirigiu sessões no *Centro Espírita Vinte e Quatro de Junho*, mas não desenvolveu nenhuma mediunidade. Desencarnou em Lambari, MG, no dia 09/03/1977, com 74 anos.

MARGARIDA AUGUSTA GUIMARÃES – Filha de Antônio Ângelo Fernandes e de Francisca Finalda Fernandes, nasceu na *Ressaca*, município de São Gonçalo do Sapucaí, MG, em 23/06/1905. Estudou os primeiros anos do curso primário no Colégio Sion em Campanha, MG. Trabalhou no Hotel Imperial e no Grande Hotel. No Imperial, trabalhou na rouparia e lavanderia; indicada por Tereza, mulher do *maitre* Paulo Hanzgruber, veio a substituí-la no posto de governanta geral, e nessa função foi que se aposentou. Desenvolveu dons mediúnicos e belíssima vidência, trabalhou muitos anos nas sessões mediúnicas do *Centro Espírita Vinte e Quatro de Junho*. Desencarnou em Lambari em 04/08/1996, com 91 anos.

Abigail Guimarães (depois Vidal), apelidada *Gai*, não completou os estudos primários. Trabalhou no Hotel Imperial. Curada de terrível obsessão no *Centro Espírita Vinte e Quatro de Junho*, ali educou sua mediunidade e trabalhou como médium. Foi casada com Armando Coutinho Vidal. Desencarnou com 18 anos de idade, em 02/09/1944.

João Guimarães, apelidado *Joãozinho*, não completou os estudos primários. Aprendeu os ofícios de candeeiro e carreiro com o pai. Trabalhou na roça, arou terras, cortou lenha, tirou pedras na pedreira. Foi comi (Hotel Imperial) e garçom (Hotel Ideal). Com doze anos, entrou como aprendiz na Farmácia da Empresa, de Osvaldo Lisboa, na qual ficou por 10 anos. Em 1951, entrou para a Farmácia Santo Antônio, em Lambari, onde se aposentou. Não desenvolveu mediunidade, mas estudou o Espiritismo e frequentou sessões no *Centro Espírita Vinte e Quatro de Junho*. Casado com Clélia Raimundi Guimarães, com ela teve três filhos: Abigail, João Batista e Luciano. Enviuvou e se casou com Guiomar Astério Guimarães. Reside em Lambari, e possui hoje 82 anos. Atualmente, quando pode, ainda assiste a sessões da *Casa Espírita Francisco de Paula Vítor*, atual denominação do *Vinte e Quatro de Junho*. [Falecido em Lambari, MG, no dia 17/07/2015.]

Maria Vênus Guimarães, apelidada *Zita*, morreu ainda criança, com pouco mais de 2 anos de idade.

José Guimarães Filho, apelidado *Dé*, não completou os estudos primários. Trabalhou por algum tempo na roça com o pai, e praticou, ainda menino, na farmácia da família Lisboa. Por breve período, cortou lenha, tirou pedras na pedreira, trabalhou nas plantações de café no Norte do Paraná (Jacarezinho). Depois, foi comi e garçom no Hotel Ideal. A seguir, trabalhou de pintor de paredes, depois foi trabalhar na Farmácia Santo Antônio, em Lambari, onde ficou até se adoentar. Não desenvolveu mediunidade, mas estudou o Espiritismo e permaneceu nessa crença enquanto viveu. Frequentou o *Centro Espírita Vinte e Quatro de Junho* até antes de se casar. Casado com Neli Gentil Guimarães, com ela teve um filho: Antônio Carlos. Desencarnou em Lambari, com 49 anos, em 19 /08/1980.

Irene Guimarães (depois Pereira), apelidada *Nena*, estudou somente o primário. Trabalhou de doméstica na casa de Dr. João Lisboa Júnior, depois ingressou no Hotel Imperial como faxineira e arrumadeira. Desenvolveu dons mediúnicos e trabalhou muitos anos nas sessões mediúnicas do *Centro Espírita Vinte e Quatro de Junho*. Ainda jovem, teve um filho, de nome Adalberto. Depois, casou-se com Darci Batista Pereira, com quem teve quatro filhos: Idelfonso, Randolpho, Darcirene e Elisângela. Desencarnou em Lambari, no dia 04/03/1985, antes de completar 52 anos.

Marcelino Gaspar Ferreira – Filho de criação de José e Margarida. Nascido em São Gonçalo do Sapucaí em 10/03/1966. Seus pais Francisco Aparecido Ferreira e Tereza Francisca Ferreira são primos de Margarida. Desencarnou em São Paulo, em 31-05-1998.



De Abigail para margarida

Mãezinha querida Margarida:

Que Deus Nosso Pai nos abençoe. É com grande emoção que aqui estou a seu lado neste encontro maravilhoso de irmãos encarnados com irmãos desencarnados.

Quantos amigos aqui vieram e que me acompanham do outro lado da vida. (...) Dé está comigo, com sua filha Abigail que graças à Misericórdia Divina já está em um plano de luz. Agradeço, mamãe, as orações em meu favor. Estou feliz, muito feliz de vê-los nesta subida de evolução espiritual.

Haveremos, mamãe, de nos ver e de nos encontrar muitas vezes aqui nesta casa espiritual. Cuide-se, mamãe, cuide de sua saúde. Não se preocupe. Estamos muito bem. O nosso querido Dé veio com uma bagagem grande de virtudes e boas ações. Muito mais breve do que possam esperar, ele também estará trabalhando e vocês ficarão surpresos quando souberem em que equipe espiritual ele vai exercer as novas funções.

Agradeçam sempre em suas orações a evolução que teve este nosso ente tão querido. Até breve, mamãe. Você me viu, hoje pôde receber a minha humilde mensagem.

Voltarei, mamãe, e trarei mais notícias para vocês. Agradeça ao nosso Divino Mestre esta oportunidade que nos foi dada na noite de hoje.

Saudades.

¹⁸ Estas mensagens foram recebidas, em diferentes datas, na primeira metade dos anos 1980, no Núcleo Espírita André Luiz, em Carmo de Minas, MG. José Guimarães Filho (Dé), durante a doença por que passou, foi ali assistido espiritualmente. Após seu desencarne, em 19/08/1980, Margarida, então com mais de 76 anos, e outros familiares frequentaram sessões de cura naquele núcleo espírita. Ela fazia parte da corrente mediúnica que doava energia para essas sessões. Como está nas mensagens, Margarida costumava ver o Espírito de Abigail, mas nunca falara com ela nem recebera mensagens anteriormente.

Saudade sem dor, sem mágoa, sem revolta.

Saudade com amor.

Lembre-se: estamos juntas.

Da tua filha,

Abigail

Mãe querida:

Hoje a tua Abigail está presente, tendo a felicidade de captar o teu calor, a tua respiração e o imenso amor que reside em teu coração.

Mamãe, como estou feliz.

Feliz por me encontrar em um plano onde posso dar-me.

Cuido, mãezinha, dos doentes que aqui se encontram. E a senhora, melhor do que ninguém para saber como é sublime a gente se dar, como é divino podermos estender as mãos aos nossos irmãos carentes.

Que maravilha, mamãe, a vida deste lado em que me encontro. Como seria se todos pudessem ver a verdade?

Mamãe, peço a tua bênção.

Agradeço a todas as preces.

Agradeço os pensamentos que a mim foram dirigidos.

Deus abençoe a todos, abençoe a todos os nossos entes queridos.

Da tua sempre,

Abigail

De José Batista para margarida

Minha querida companheira de vida terrena:

Paz em Jesus!

Hoje aqui estou junto de nosso filho e aproveito para deixar algumas linhas para você.

Que alegria por vê-la junto a nosso querido neto nesta mesa sublime de trabalhos.

E ninguém melhor do que você para testemunhar o que digo.

Teus olhos tão pequenos, mas tão profundos, quanta coisa linda podem ver.

Que Deus a ilumine sempre para que um dia possamos nos encontrar na Divina Morada.

O abraço sempre carinhoso do teu esposo e companheiro de tantos momentos bons e tristes.

José Guimarães Silva

.....

À minha esposa, amiga, companheira, irmã Margarida:

Louvado seja Deus (...)

Com que alegria te vejo esta noite (...) sentada nesta mesa de trabalhos sublimes. Que grande emoção se apodera de mim, pois este era o meu grande desejo.

Estou feliz ao vê-la fazendo parte desta equipe, que está unida lutando pelo mesmo ideal que é a divulgação dos ensinamentos do Nosso Mestre. Nós nos vemos, nós nos sentimos, e por isto tens de estar nesta mesa de trabalho reunindo a sua volta irmãos de boa vontade.

Deus te ilumine querida companheira, bondosa esposa. Me orgulho de ter sido teu esposo durante a minha passagem pela terra. Foste sempre mãe sublime. E continuas sendo sublime em teus sentimentos, e isto me dá paz necessária, pois as tuas virtudes serão os degraus que estás construindo para um dia nos unirmos na Vida Maior.

Deus te abençoe, e abençoe também a todos os nossos queridos entes. Continue fazendo do Evangelho a bússola de tua vida.

E não deixe tua cadeira vazia. Precisamos de tua presença em nossos trabalhos.

Com muito afeto do companheiro, além de gratidão.

José Guimarães Silva

.....

Querida companheira da minha vida terrena:

Que Deus te abençoe sempre, te iluminando cada vez mais.

Quero aproveitar para te agradecer tudo de bom, de carinho, de compreensão que de ti recebi.

Fostes e és mãe exemplar de nossos filhos. Sofrestes com resignação, com fé, sem nunca reclamar.

És uma verdadeira mãe e foste uma companheira de todos os momentos, bons e alegres, maus e tristes, com a mesma vitalidade, irradiando sempre a tua força e coragem.

Agradeço ao Mestre ter me dado como companheira criatura extraordinária como tu.

És o alicerce, és o apoio, continuas sendo o Amor que sempre fostes. Perdoe-me os meus erros.

Receba a minha gratidão por tudo que ti recebi.

Deste que em vida foi teu companheiro, hoje amigo, irmão,

José Guimarães Silva

.....

De Dé para Margarida

Querida mãe:

Me abençoe na noite de hoje, querida mãe.

Hoje me dirijo a ti, mamãe, com muito carinho, com muita emoção, com muita alegria.

Eu sei, mamãe, quantas duras provas já passou, mas que dom maravilhoso te foi dado. Quantas mães gostariam de poder ver seus filhos como tu me vês.

E como é grande, mamãe, a tua responsabilidade diante de uma prova tão clara.

.....

Mamãe, cuide de sua saúde. Procure evitar os aborrecimentos. Já os teve tantos. Pense agora um pouco mais em ti mesma. Há várias formas de praticar a caridade.

Aos sobrinhos, ao meu filho e a ti, mamãe, e a todos os nossos entes queridos o meu abraço cheio de paz e ternura.

Do filho,

Dé, José Guimarães Filho

.....

De José Batista para os netos

Meus queridos netos,

que estão presentes neste dia tão feliz para mim. Feliz sim, porque além de vê-los posso ter a alegria de deixar estas humildes linhas para expressar o que vai na minha pequena luz de emoção.

A emoção deste momento é muito grande para mim. Quero abraçá-los carinhosamente através destas linhas.

Estou emocionado em ver meus entes muito amados recebendo as mensagens, os ensinamentos do Divino Mestre, e aproveito para pedir: Abracem, queridos netos, a doutrina da verdade para que não haja empecilho no nosso encontro um dia.

.....

Que Deus, Nosso Pai, nesta noite derrame sua Imensa Luz sobre todos.

Do velho amigo, esposo, avô, bisavô, hoje irmão e servo humilde,

José Guimarães Silva

.....



Documentos

The background of the page features a detailed illustration of a cotton plant, showing its branches, leaves, and bolls. A bright sunburst effect emanates from behind the plant, creating a glowing, ethereal atmosphere. The entire scene is rendered in a light, monochromatic color palette, likely a pale yellow or cream, against a white background.

Carta de uma amiga de Abigail, datada de 7 de agosto de 1942.

Rio de Janeiro, 7 de Agosto de 1942.

Querida Abigail,

Abraço-te.

Fiquei tão contente de receber a resposta da carta que te escrevi, e espero que continues bem quanto aos teus pais e irmãos. Tenho levado a vida em brincadeira para que o tempo passe mais depressa. Tu julgava que iria em me responder, devido o tempo que te escrevia. Mas sei que você ainda é solteira, amiga. Tem vontade de bicicleta? e tem vontade de homem ali? Não sei quando vou

te ver aqui com o marido? Eu não tenho, pois só penso em estudar. Não mais peço das muitas lembranças para todas, não esqueça de minha mãe. Há também um abraço na Sr. Teresa, se ainda estiver ali, e outro ao Sr. Romão

da bicicleta ainda a pouco, e não tenha mais assustos. Beceva-me sempre que só as tuas palavras, já irradiam simpatia.

Recomendas os teus abraços na tua mãe.

Mãe Am

Certidão de casamento

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL ESTADO DE MINAS GERAIS	
	REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS NATURAIS Comarca de Lambari Estado de Minas Gerais Travessa Simes nº 33 - centro - 37.480-000 Telefax (35) 3271-1941 e-mail - lucas@recivil.com.br Oficial - Bel. Lucas dos Santos Nascimento Substituta - Rosella Ribeiro Brandão Nascimento
=====	
CERTIDÃO DE CASAMENTO	
=====	
CERTIFICO que revendo no Serviço Registral a meu cargo, as Fls.221v sob o nº 785 do Livro B.6 de Registros de Casamentos conta o de:	
Com:	<u>ARMANDO COUTINHO VIDAL</u> <u>ABIGAIL GUIMARÃES</u>
Realizado aos	17 de maio de 1944
Sob o Regime de:	Nada Consta
ELE:	brasileiro, solteiro, comerciante
Natural de:	Barra Mansa - RJ
Nascido aos:	21 de julho de 1924
Filho de:	MANOEL VIDAL JÚNIOR
e de:	HERMENGARDA COUTINHO VIDAL
ELA:	brasileira, solteira, doméstica
Natural de:	Lambari - MG
Nascida aos:	04 de março de 1926
Filha de:	JOSE GUIMARÃES DA SILVA
e de	MARGARIDA AUGUSTA GUIMARÃES
Passou a assinar.	<u>"ABIGAIL GUIMARÃES VIDAL"</u>
Observações:	
O referido é verdade e dou fé.	
Lambari, 09 de junho de 2009.	
Lucas S. Nascimento Oficial Reg. Civl RG 41.1 065.799	

Certidão de óbito

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
ESTADO DE MINAS GERAIS

REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS NATURAIS
Comarca de Lambari - Estado de Minas Gerais
Travessa Simes nº 33 - Centro - 37480-000
Telefax (35) 3271-1941 e-mail - Lucas@recivil.com.br
Oficial - Bel Lucas dos Santos Nascimento
Substº - Rosêlia Ribeiro Brandão Nascimento

=====

CERTIDÃO DE ÓBITO

=====

CERTIFICO que revendo no Serviço Registral a meu cargo às fls. 47 sob o nº 1715 do Lvº C 6 de registro de óbitos consta o de:

"ABIGAIL GUIMARÃES VIDAL"

Natural de: Lambari - MG Profissão: com 18 anos de idade.

Residente em: Lambari - MG

Estado Civil.: casada com: ARMANDO COUTINHO VIDAL.

Filho(a) de: JOSÉ BATISTA GUIMARÃES
e de: MARGARIDA GUIMARÃES

Falecido(a) em: em domicílio - Lambari - MG
No dia: 02 de setembro de 1944 às 07:00 horas.

Vitimado(a) por: Septicemia

Atestado por: Dr. João Lisboa Júnior

Sepultado no: Cemitério Municipal local

Declarante: Manoel Vidal Júnior

OBSERVAÇÕES:

O referido é verdade e dou fé.

Lambari, 09 de junho de 2009.

Lucas S. Nascimento
Oficial Reg. Civil
mat. 66-1.011.200

ÁLBUM DE FOTOGRAFIAS



José Guimarães Silva (1920)



Margarida (1950)



José Guimarães Silva (1922)



Margarida com uniforme de trabalho do Hotel Imperial (1958)



Abigail Guimarães (Menina)



José Batista e a neta (1950)



João Guimarães (1948)



Abigail Guimarães (1942)



José Guimarães Filho (1953)



Irene Guimarães Pereira
(1955)



José Batista negociando
(1970)



Abigail Guimarães (1944)



Irene Guimarães Pereira
(1966)



João Guimarães (1975)



José Guimarães Filho (1970)



Alberto Moreira Franco



José e Margarida (1976)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

História de águas Virtuosas / Lambari, mg ¹⁹

BARBOSA, Rui. *Questão Minas x Werneck*. Obras Completas de Rui Barbosa. Volume XLV 1918 – Tomo IV e V. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1980.

CARROZZO, João. *História Cronológica de Lambari*. Piracicaba, SP : Shekinah Editora, 1^a. edição, 1988.

GARDEN, C. *Uma vilegiatura em Lambari*. Rio de Janeiro : A Noite, 1943. ¹⁷

GREGORI, Ana Elisa. *Entre a árvore e a estrada*. Belo Horizonte : Itatiaia, 1985. ²⁰

WERNECK, Américo. *Um punhado de verdades*. Rio de Janeiro : A. Gomes Pereira & Cia., Editores, 1923.
_____. *Judith*. Lisboa : A Editora Ltda., 1912 ²¹

LISBOA, José Carlos. *Vicente e o outro*. Rio de Janeiro : José Olympio Editora, 1985. ²²

MARTINS, Armindo. *Lambari – Cidade das Águas Virtuosas*. Rio de Janeiro : Linográfica Rio, 2^a. edição, 1971.

MILEO, José N. *Ruas de Lambari*.

¹⁹ Todas as obras aqui referidas sobre a história de Águas Virtuosas/Lambari podem ser encontradas no *Museu Américo Werneck*, em Lambari.

¹⁷ Esse romance de viagens descreve aspectos físicos do Hotel Imperial e de sua construção, que se deu com a aquisição e ampliação do Hotel Mello.

²⁰ Esse livro contém referências romanceadas à infância da autora, passada em Lambari.

²¹ Romance autobiográfico sobre sua primeira esposa, passado em *São Gonçalo da Campanha* (atual *São Gonçalo do Sapucaí*), que reconstrói costumes e tradições do Sul de Minas, na segunda metade do Século XIX. Nele já há referências a *Águas Virtuosas da Campanha*, a futura cidade de *Lambari*, onde o autor viria a morar.

²² Esse romance contém alusões romanceadas à cidade de Lambari, onde o autor nasceu e passou sua infância.

Guaratinguetá, SP : Gráfica Vila, 1ª. edição, 1970.

RODRIGUES, José Benedito. *O retrato do velho médico*. Belo Horizonte : Cutiara, 1993.

_____ *Casa Progresso*. Belo Horizonte : Editora O Lutador, 1999.

VIOLA, Paulo Roberto. *Lambari, como eu gosto de você*. Rio de Janeiro : Editora Navona, 2ª. edição, 2002.



PARTE 2

Breve Estudo Doutrinário

*Espíritas:
Amai-vos, este é o primeiro mandamento.
E instruí-vos, este é o segundo*

(O ESPÍRITO VERDADE)

BREVE ESTUDO DOUTRINÁRIO

Nascer, morrer, renascer ainda e progredir continuamente, tal é a lei.

(Inscrição no túmulo de ALLAN KARDEC)

Como complemento a esta narrativa da vida, mediunidade e redenção de Abigail, julgamos oportuno expor brevemente alguns conceitos doutrinários, fundados nas obras de Allan Kardec e de seus continuadores, além de incluir um pequeno glossário de termos espíritas.

Vamos nos ater ao essencial e às principais questões suscitadas pela história, quais sejam: *a realidade do Espírito como criação divina, a evolução espiritual, a vida futura, a reencarnação, a mediunidade, a intervenção dos Espíritos na vida corporal, a obsessão e desobsessão, a lei de causa e efeito*. É de notar também que esses textos e resumos postos a seguir têm sido utilizados em reuniões doutrinárias ou de estudos na *Casa Espírita Francisco de Paula Vitor*.

Além disso, para os que desejarem ter, rapidamente, uma compreensão do corpo doutrinário espírita (*resumo histórico e das principais questões doutrinárias — teoria e prática —, uma síntese geral do ensino dos Espíritos e uma coleta de máxima tirada desse ensino*), recomenda-se a leitura deste pequeno livro de Kardec, de pouco mais de 30 páginas: *O Espiritismo na sua mais simples expressão*.

1. Síntese doutrinária do Espiritismo ²³

*É assim que tudo serve, que tudo se encadeia na Natureza, desde
o átomo primitivo
até o arcanjo, que também começou por ser átomo.
Admirável lei de harmonia,
que o vosso acanhado espírito ainda não pode apreender em seu conjunto.*

(ALLAN KARDEC. *O Livro dos Espíritos*. Questão 540)

As pessoas novatas em Espiritismo costumam se admirar que doutrina tão abrangente, que toca todos os aspectos essenciais da vida humana sobre a Terra (e muitos outros fora dela), possa se apresentar resumida em poucos pontos fundamentais. Mas isso é possível.

Assim, o objetivo do quadro posto logo abaixo é dar uma visão geral da doutrina espírita. Para facilidade didática, seus principais fundamentais são expostos nestas quatro dimensões:

1. Causas primárias
2. Espírito Imortal
3. Intercomunicação espiritual
4. Evolução cósmica

Essas dimensões agrupam *princípios fundamentais*, calcados em *princípios gerais*, dos quais, ainda, decorrem alguns outros *princípios mais específicos*. Tais pontos doutrinários foram extraídos das obras de Allan Kardec²⁴, especialmente da obra fundamental, isto é, *O Livro dos Espíritos*²⁵, os quais foram cotejados e/ou complementados com citações bíblicas e evangélicas.

²³ O quadro-resumo a seguir baseia-se em Ariovaldo Cavarsan e Geziel Andrade.

²⁴ Todas as obras de Allan Kardec mencionadas neste texto estão disponíveis para *download* no endereço eletrônico: <http://www.febnet.org.br>

²⁵ KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*, 1.857.

Instituição:

Casa Espírita Francisco de Paula Vitor — Lambari, MG

REUNIÃO DE ESTUDOS DOCTRINÁRIOS

Tema *Síntese Doutrinária do Espiritismo*

CENTRO ESPÍRITA *Francisco de Paula Vitor – Lambari, MG*
 REUNIÃO DE ESTUDOS DOCTRINÁRIOS – *Síntese Doutrinária do Espiritismo*

Eixos	Princípios Fundamentais	Princípios Gerais	Princípios Decorrentes	Livro dos Espíritos (LE)	Bíblia
1	Deus Espírito (Princípio) Matéria (Princípio)	Fluido Cósmico Universal	Jesus	LE Questão 1 LE Questão 76 LE Questão 625	Gênesis – 1:2 João – 4:23-24 João 14:6
2	Evolução Imortalidade da Alma Encarnação/Reencarnação Livre-Arbitrio Causa e Efeito (Ação e Reação)	Vida Futura Perispírito Fluido Vital	Aperfeiçoamento/Recapitulação Esquecimento do Passado Reminiscências Espirituais "Pecado Original" Responsabilidade Caridade	LE Questões 190, 540, 607 e 607 a LE Questões 83, 153 e Conclusão III LE Questão 959 LE Questões 166 a,b,c, 167, 171 LE Questões 258, 843 LE Questões 192 a, 921, 999, 1002, 1009 (Mensagem de Paulo)	Lucas – 8:16-17 Lucas 9:30 João – 3:5 João – 5:29 Lucas – 9:23 João – 8:11
3	Mediunidade Intervenção dos Espíritos no Mundo Corporal Ação do Espíritos na Natureza	Mundo Espiritual	Intercomunicação entre "mortos" e "vivos" Interexistência Lei de Afinidade (Sintonia) Obsessão	LE Questão 135 a A Gênesis XIV itens 40-41 LE Questão 459 LE Questão 536 b	Atos – 16:9 Lucas – 9:39 Lucas – 8:24
4	Pluralidade dos Mundos Habitados Juizos Gerais	Miscigenação Espiritual	"Expulsão do Paraíso" Mundo de Regeneração Angelitude	LE Questão 55	João 14:2

2. Vida e morte – a dupla face da existência

Demonstrando a existência e a imortalidade da alma, o Espiritismo reaviva a fé no futuro, levanta os ânimos abatidos, faz suportar com resignação as vicissitudes da vida. (ALLAN KARDEC. O Livro dos Espíritos. Conclusão, III)

SUMÁRIO

- 2.1 – Vida e morte
- 2.2 – As causas primárias
- 2.3 – O evolucionismo espírita
- 2.4 – O homem trino
- 2.5 – Ser e estar – esta é a realidade
- 2.6 – Morte e desencarnação
- 2.7 – A Justiça Divina segundo o Espiritismo

2.1 – Vida e morte

Só entenderemos a morte, se compreendermos a vida. E falamos da vida que preexiste à passagem pela Terra e que prossegue além dela. Ou seja, da existência do ser espiritual. Sobre isso, a Doutrina Espírita, codificada por Allan Kardec, no século passado, na França, é extraordinariamente lógica e consoladora, como se verifica da breve síntese que vem a seguir.

2.2 – As causas primárias

Vejamos, em resumo, algumas considerações extraídas de *O Livro dos Espíritos*, acerca da origem do Universo: ²⁶

Tudo se encadeia na natureza, desde o átomo primitivo até o arcanjo, pois ele mesmo começou pelo átomo.

²⁶ KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*, de 1857.

O nada não existe.

A matéria existe em estado que não conheceis. Ela pode ser, por exemplo, tão etérea e sutil que não produza nenhuma impressão nos vossos sentidos, entretanto, será sempre matéria, embora não o seja para vós.

(A matéria é formada) de um só elemento primitivo. Os corpos que considerais como corpos simples não são verdadeiros elementos, mas transformações da matéria primitiva.

O que chamais molécula está ainda longe da molécula elementar.

(*Os Espíritos são imateriais?*) Imaterial não é o termo apropriado; incorpóreo seria mais exato; pois deves compreender que, sendo uma criação, o Espírito (a essência e o seu corpo espiritual) deve ser alguma coisa. É uma matéria quintessenciada, para a qual não dispões de analogia, e tão eterizada, que não pode ser percebida pelos vossos sentidos.

E mais este complemento tomado de *A Gênese*:²⁷

A solidificação da matéria, na realidade, não passa de um estado transitório do fluido universal [energia], o qual pode voltar ao seu estado primitivo quando as condições de coesão cessam de existir.

Segundo o Espiritismo, toda a realidade cósmica se resume à trindade universal: Deus (Inteligência Suprema e Causa Primária de todas as Coisas); o Princípio Inteligente (Espírito) e o Princípio Material (O Fluido Cósmico Universal), na expressão newtoniana adotada por Kardec, em meados do século XIX, que se aproxima, na atualidade, ao conceito de energia cósmica em expansão, da Cosmologia relativista.

²⁷ KARDEC, Allan. *A Gênese, os milagres e as predições segundo o Espiritismo*, de 1869.

O Princípio Inteligente organiza a matéria atuando sobre a energia primitiva e a alma nas várias formas de vida vegetal e animal,

e se elabora, se individualiza pouco a pouco e ensaia para a vida. É, de certa maneira, um trabalho preparatório, como o da germinação, em seguida ao qual o princípio inteligente sofre uma transformação e se torna ESPÍRITO. É então que começa para ele o período da humanidade.²⁸ (Grifamos.)

2. 3 – O evolucionismo espírita

Ainda em *O Livro dos Espíritos* colhemos:

(Não dissemos que tudo se encadeia na Natureza e tende à unidade?)

É nesses seres [seres inferiores da criação], que estais longe de conhecer inteiramente, que o princípio inteligente se elabora, se individualiza pouco a pouco e ensaia para a vida. [Numa série de existências que precedem o período que chamais de Humanidade.]

Juntamente com o progresso científico, o Espiritismo é evolucionista.²⁹ Mas, ao contrário do que admite a ciência, diz Antônio J. Freire³⁰, médico e escritor espírita português,

não há uma, mas sim duas evoluções paralelas, interdependentes, simultâneas, prestando-se mútuo auxílio e cooperação: a do organismo físico e a do organismo anímico — vida e forma; Espírito e matéria.

²⁸ KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*, de 1857. Questões 190, 607, 607a, 607b.

²⁹ O Espiritismo e a Ciência se completam reciprocamente; a Ciência, sem o Espiritismo, se acha na impossibilidade de explicar certos fenômenos só pelas leis da matéria; ao Espiritismo, sem a Ciência, faltariam apoio e comprovação. O estudo das leis da matéria tinha que preceder o da espiritualidade, porque a matéria é que primeiro fere os sentidos. [*O caráter da revelação espírita*. In KARDEC, Allan. *A Gênese, os milagres e as predições segundo o Espiritismo*, 1869.]

³⁰ FREIRE, Antônio J. *Da alma humana*. Rio de Janeiro : FEB.

Para o Espiritismo, o Espírito humano — criado simples e ignorante, isto é, sem conhecimento, mas perfectível — é posto a crescer espiritualmente, no início, nos mundos materiais, e depois, em outros mundos mais evoluídos, materiais e espirituais, até a destinação final de todos nós: a angelitude. Ou seja, devemos desenvolver potencialidades psíquicas de que todos somos portadores. Para isso nascemos e renascemos trazendo “o passado em ato e o futuro em potência”³¹, como sintetiza o filósofo espírita argentino Manuel S. Porteiro³². Somos, assim, do ponto de vista espiritual, “herdeiros de nós mesmos e artífices do nosso futuro.”

2. 4 – O homem trino

Vejamos, primeiramente, o pensamento de alguns autores:

Quereis saber o que é uma alma? Vede um corpo sem alma. (Padre VIEIRA)

Há corpos celestes e corpos terrestres. [O corpo espiritual é o corpo da ressurreição] (PAULO, I Coríntios 15:40)

Em época bem remota, o homem acreditava habitar uma Terra plana. Depois, descobriu que ela era redonda. Até o advento da Teoria da Relatividade Geral e da moderna Cosmologia, afirmava que o espaço físico era isento de curvaturas (euclidiano). Agora já suspeita que o espaço é encurvado, formando imensa figura cósmica tetradimensional. (...) Teríamos então uma quarta dimensão. Ela estaria fora do nosso espaço tridimensional. Pertenceria a um hiperespaço tetradimensional. (HERNANI GUIMARÃES ANDRADE)

Segundo Allan Kardec, “o homem é formado de três partes essenciais: (1) o corpo ou ser material, análogo ao dos

³¹ Em filosofia, *ato* designa aquilo que existe efetivamente; *potência*, aquilo que está para ser realizado.

³² PORTEIRO, Manuel S. *Espiritismo Dialético*. Disponível em:

http://www.viasantos.com/pense/down/ESPIRITISMO_DIALETICO_PORTEIRO.pdf

animais e animado pelo mesmo princípio vital; (2) a alma, Espírito encarnado que tem no corpo a sua habitação; (3) o princípio intermediário, ou perispírito, substância semimaterial que serve de primeiro envoltório ao Espírito e liga a alma ao corpo. Tais num fruto, o gérmen, o perisperma e a casca.” Em resumo, *somos* Espíritos; *possuímos* um perispírito (corpo espiritual); e *estamos* num corpo físico, transitório (Hermínio Miranda).

Costuma-se dizer que os seres vivos têm uma “duplicata energética” de seu organismo físico, conforme descoberto pelos físicos russos da Universidade de Kirov³³. A rigor, dá-se o contrário: temos uma “duplicata biológica”, pois o organismo espiritual (energético) precede a vida física e sobrevive a ela, sendo também o elemento modelador/sustentador do veículo biológico. Os Espíritos, com seu “soma energético”, vivem a vida espiritual, na dimensão espiritual, hoje suspeitada pela Física como o hiperespaço tetradimensional. ³⁴

2. 5 – Ser e estar – esta é a realidade

Ser ou não ser: Eis a questão. (SHAKESPEARE. *Hamlet*)

Para acompanhar-nos nessas reflexões estão convidados todos os hamletianos disponíveis. Afinal de contas, nada terão a perder senão suas dúvidas... (HERMÍNIO MIRANDA)

O escritor espírita Hermínio Miranda³⁵ escreveu que o dilema hamletiano

não consiste em ser ou não ser, já o somos. E seremos sempre, quer se acredite ou não na continuidade da vida

³³ OSTRANDER, Sheila; SCHROEDER, Lynn. *Experiências Psíquicas Além da Cortina de Ferro*. São Paulo : Cultrix, 1975.

³⁴ ANDRADE, Hernani Guimarães. *Espírito, Perispírito e Alma*. São Paulo : Pensamento, 1993.

³⁵ MIRANDA, Hermínio. *Alquimia da Mente*. Niterói, RJ : Lachâtre, 2005.

após a morte do corpo físico. A opção é: “...ser e estar, que se substantiva na dicotomia permanência/transitoriedade, compatível com uma realidade de há muito percebida, mas que somente agora começa a se difundir, isto é, a de que temos uma parte do ser mergulhada na matéria perecível e outra, bem mais ampla, na sutileza atemporal da realidade cósmica.”

Acrescenta que no cérebro físico encontra-se demonstrada essa dicotomia, essa interação matéria-espírito: No hemisfério esquerdo, vamos encontrar a alma, a personalidade atual, passageira, o consciente, a razão, a linguagem verbal (palavra) e, enfim, o *estar* (transitoriedade). No direito, está o Espírito, a individualidade imortal, o inconsciente, a intuição, a linguagem não verbal (símbolos), enfim, o *Ser* (permanência).

2. 6 – Morte e desencarnação

Nada perece e nada morre, a não ser o revestimento, a forma, o invólucro carnal, em que o Espírito, encarcerado, se debate, luta, sofre, aperfeiçoa-se. Morre a forma — essa carcaça — mas rebrilha a alma — esse gnomo de luz; e o que é essa existência do corpo — um sopro — perante a existência da alma — a eternidade? Mortos andamos nós, os vivos; mortos na vida, para ressurgir vivos na morte. (ALBERTO VEIGA)

O que dorme e desperta, desperta e vê que é homem; o vivo que morre desperta e vê que é Espírito. (VICTOR HUGO)

A conclusão atual, portanto, é que algo há nos resultados das experiências *psi* que exige certo tipo de ordem de realidade além do que é físico — seja *extrafísico*. (J. B. RHINE — Criador da Parapsicologia)

Na verdade, não vamos para o *além*. Nós *viemos* do além, e com a morte física, só estamos retornando para as plagas de origem. (ACG. Palestra *A morte não existe*)

Kardec entendia que para nos libertarmos do temor da morte era necessário encará-la sob o seu verdadeiro aspecto, penetrando pelo pensamento no mundo espiritual, fazendo dele uma ideia tão exata quanto possível. Os egípcios e os tibetanos conheciam bem desse mundo invisível e elaboraram seus Livros dos Mortos: “verdadeiros guias turísticos destinados a orientar o recém-desencarnado na exploração do território cósmico do além.” O escritor e filósofo espírita, Herculano Pires³⁶, anotou que Allan Kardec

realizou uma pesquisa psicológica exemplar sobre o fenômeno da morte. Por anos seguidos falou a respeito com os Espíritos de mortos. E, considerando o sono como irmão ou primo da morte, pesquisou também os Espíritos de pessoas vivas durante o sono. Isso porque, segundo verificara, os que dormem saem do corpo durante o sono. Alguns saem e não voltam: morrem. Chegou, com antecedência de mais um século, a esta conclusão a que as ciências atuais também chegaram, com a mesma tranquilidade de Sócrates, a conclusão de Victor Hugo: “Morrer não é morrer, mas apenas mudar-se.”

Nas culturas primitivas, das civilizações agrárias e pastoris, vivia-se em constante contato com os processos naturais e a morte era encarada com simplicidade. Curioso notar que houve povos que não desenvolveram a ideia de um “deus”, mas não houve nenhum que não tivesse alguma noção da sobrevivência *post mortem*. Diz Herculano Pires na obra citada que foram as religiões, nascidas da magia e amamentadas pela mitologia, na senda mesmo do desenvolvimento da civilização, e em razão da imaginação criadora que florescia, que deram origem aos rituais, às cerimônias e aos sacramentos, complicando a morte. E nesse rumo vieram as demais deturpações: as regiões infernais; a escuridão; o nada; o luto; a arquitetura da

³⁶ PIRES, José Herculano. *Educação para a morte*. São Bernardo do Campo, SP : Edições Correio Fraterno, 1984.

morte, com os mausoléus, as pirâmides, as mumificações; as carpideiras; as cantigas da morte; o desespero — enfim, o pavor da morte

Morte e desencarnação são fenômenos diferentes. Aquela se refere à cessação da vida orgânica; esta, à saída do Espírito do corpo físico. Tal *saída* é geralmente mais lenta e fica na dependência das qualidades espirituais do desencarnado. Como diz o escritor espírita Leon Denis³⁷:

...em todos os casos, a separação da alma e do corpo é seguida de um tempo de perturbação, fugitivo para o Espírito justo e bom, que desde cedo despertou ante todos os esplendores da vida celeste; muito longo, a ponto de abranger anos inteiros, para as almas culpadas, impregnadas de fluidos grosseiros.

2. 7 – A Justiça Divina segundo o Espiritismo

A desencarnação não nos tira a vida; não nos transforma em anjos nem em demônios; não nos modifica. Continuamos os mesmos, com o nosso cortejo de erros e acertos, aquisições e perdas, sofrimento e felicidades, semeadura e colheita, luzes e sombras.

(ACG. Palestra *A morte não existe*)

Quanto ao modo de elaboração, o Espiritismo procede exatamente de maneira semelhante à das ciências positivas, isto é, aplica o método experimental. Apresentam-se fatos de uma nova ordem, que não se podem explicar pelas leis conhecidas. Ele os observa, os compara e analisa, e chegando às causas através dos efeitos, chega até à lei que os rege. A seguir, ele deduz suas consequências e procura encontrar-lhes explicações úteis. Não estabelece nenhuma teoria preconcebida.

(ALLAN KARDEC. *A Gênese*, 1869)

No livro *O Céu e o Inferno*³⁸, Kardec estuda os conceitos teológicos de Céu, Purgatório e Inferno, bem como a

³⁷ DENIS, Leon. *Depois da morte*. Rio de Janeiro : FEB, 1994.

³⁸ KARDEC, Allan. *O Céu e o Inferno*, de 1865.

situação dos Espíritos após a morte física, identificando *céu* e *inferno* como estados conscienciais e de criação mental, e não locais geograficamente localizados. O *juízo final* é, portanto, um *juízo parcial*, feito pelo próprio Espírito, e conforme sua evolução, por meio de sua consciência, que tem inscrita em si mesma as leis divinas.

Nessa obra interessante, Kardec elabora o Código Penal da Vida Futura, em que faz um resumo da ação das leis da justiça divina e o resultado da sanção moral dos atos de cada criatura. Diz ele:

A alma ou Espírito sofre na vida espiritual as consequências de todas as imperfeições de que não se libertou durante a vida corpórea. Seu estado feliz ou infeliz é inerente ao grau de sua depuração ou das imperfeições. Três são as condições para apagar os traços de uma falta e as suas consequências: *Arrependimento, expiação e reparação*. *O perdão seria uma graça e não uma anulação da falta*. A expiação consiste nos sofrimentos físicos e morais que são a consequência da falta cometida, seja desde a vida presente, ou seja, após a morte, na vida espiritual, ou ainda numa nova existência corpórea, até que os traços da falta tenham desaparecido.

Na segunda parte do livro, Kardec coleciona mensagens de diversos Espíritos desencarnados e monta um quadro psicológico de sua situação na dimensão espiritual, segundo as condições morais com que aportaram no além-túmulo.



3. A Lei de Causa e Efeito na Codificação Espírita *Livre-arbítrio, Fatalidade, Escolha de Provas, Destino, Carma*

Porque aquilo que o homem semear, isso também colherá.

(PAULO, Gálatas, 6:8)

Então Jesus lhe disse: Embainha a tua espada; pois todos os que lançam mão da espada à espada perecerão.

(Jesus, MATEUS, 26:53)

Retorquiu Jesus: Em verdade, em verdade vos digo, que todo aquele que comete pecado é escravo do pecado.

(Jesus, JOÃO, 8:34)

Em verdade vos digo que tudo o que ligardes na terra terá sido ligado nos céus, e tudo o que desligardes na terra terá sido desligado nos céus.

(Jesus, MATEUS, 18:18) *Jesus disse ao paralítico: Filho, os teus pecados estão perdoados.*

(MARCOS, 2:5)

Respondeu ela: Ninguém, Senhor. Então Jesus lhe disse: Nem eu tão pouco te condeno; vai, e não peques mais.

(JOÃO, 8:11) *Porque o amor cobre multidão de pecados.*

(I PEDRO, 4:8)

A *Lei de Causa e Efeito*, ou de *Ação e Reação*, à qual se imbricam os princípios do *Livre-arbítrio*, da *Fatalidade*, da *Escolha de Provas*, do *Destino*, do *Carma*, é um dos temas mais difíceis e complexos do Espiritismo. Talvez por isso venha a ser estudado pela rama, não obstante a sabedoria com que é examinado na Codificação Kardequiana e

complementado por destacados autores encarnados e desencarnados.

Assim, não é incomum encontrar no movimento espírita uma visão fatalista — e antidoutrinária — do sofrimento, da dor e do carma, costumeiramente reforçada pela abordagem superficial e simplista do tema em alguns romances mediúnicos e livros de mensagens. Mas é preciso aprofundar a questão e estudá-la ainda em autores como Leon Denis³⁹, Gustave Geley⁴⁰, Manuel S. Porteiro⁴¹, Herculano Pires⁴², Carlos Rizzini⁴³, Richard Simonetti⁴⁴, como também em autores desencarnados respeitáveis, como André Luiz⁴⁵ e Bezerra de Menezes⁴⁶, por exemplo. Ou, ainda, examinar o caso de *Marcel, o menino do n.º. 4*⁴⁷ e a preciosa passagem evangélica do *cego de nascença*.⁴⁸

No *Roteiro de Estudos* que vem a seguir, buscou-se, com base na obra de Kardec, organizar, destacar e sintetizar os pontos fundamentais orientadores dessa questão. Uma leitura individual atenta, ou, ainda, num estudo em grupo (o que é mais indicado), dos textos transcritos e/ou

³⁹ *O Problema do Ser, do Destino e da Dor* – II Parte – Item XIX – A Lei dos Destinos. Rio de Janeiro : FEB.

⁴⁰ *Resumo da Doutrina Espírita* – Consequências da Doutrina, p. 94. São Paulo : LAKE.

⁴¹ *Livre Arbúrio e Determinismo* – Caderno Cultural Espírita, p. 5/17. Santos, SP : LICESP.

⁴² *O mistério do ser ante a dor e a morte* – Do sensível ao inteligível, p. 32/35. São Paulo : Paidéia; e *Curso Dinâmico de Espiritismo* – A trama de ações e reações na vida humana. Matão, SP : O Clarim.

⁴³ *O homem e sua felicidade* – Fatores que detêm influência sobre atos e destinos. São Bernardo do Campo, SP : Correio Fraternal, 1984.

⁴⁴ *A Constituição Divina*, págs. 99; 113; 117; 123. São Paulo : Editora São João. 23 *Evolução em dois mundos*. 2ª. Parte - Caps. Cap. XII, XIII, XIV, XVI, XVIII, XIX, XX. Francisco C. Xavier e Waldo Vieira. Rio de Janeiro : FEB, 1958.

⁴⁵ *Evolução em dois mundos*. 2ª. Parte - Caps. Cap. XII, XIII, XIV, XVI, XVIII, XIX, XX. Francisco C. Xavier e Waldo Vieira. Rio de Janeiro : FEB, 1958.

⁴⁶ *Dramas da obsessão*. A severidade da Lei, III. Yvonne A. Pereira. Rio de Janeiro : FEB, 7ª. ed., 1991.

⁴⁷ *V. O Céu e o Inferno* - III Parte - Expições Terrestres. Allan Kardec. Rio de Janeiro : FEB.

⁴⁸ *V. Sabedoria do Evangelho* - Vol 5., p. 99. Carlos T. Pastorino. Brasília, DF : Sabedoria.

referidos, permitirá a análise, a reflexão e o correto posicionamento doutrinário espírita sobre aspectos tais como:

- O objetivo primordial da encarnação dos Espíritos, ao suportar as vicissitudes da existência corporal, é evoluir e concorrer para a obra geral da criação.
- Nesse processo lento e multimilenar, os Espíritos sujeitam-se a provas e expiações. As expiações apontam ao passado; as provas, ao futuro.
- Encarnação não é punição. A Lei Divina não castiga, e sim educa e disciplina. O sofrimento é inerente à imperfeição. A dor deve ser vista também como uma lei de equilíbrio e evolução.
- As provas são resgastes escolhidos por Espíritos conscientes de seus débitos e necessidades de evolução. As expiações são resgastes que decorrem da ação da Justiça Divina em face de Espíritos recalcitrantes.
- A dor costuma ser a presença do “ontem” no nosso “hoje” (Martins Peralva), mas é importante verificar que o conceito de *expição* (expiar, expiatório) comporta mais de um sentido. Assim, por exemplo: **1.** Expição, prova, dor. **2.** Castigo, condenação. **3.** Purificação, reequilíbrio.
- Os Espíritos esclarecidos, conscientes, responsáveis, numa palavra, amadurecidos, estão em condições de assumir compromissos e cumpri-los. Assim, assistidos por Espíritos Superiores, podem programar os principais fatos de sua encarnação. Os Espíritos involuídos recebem também orientação e apoio de Espíritos Superiores antes da encarnação.

- Pode ocorrer, ainda, um *automatismo reencarnatório*, em que Espíritos envolvidos, por afinidades espirituais, são atraídos para (re)encarnações acidentais ou não programadas. Espíritos mais ou menos evoluídos — seja por afinidade, compromisso ou tarefa — podem também ser chamados a atender situações de *urgências reencarnatórias*. Espíritos outros há que solicitam *restrições* ou *constrições orgânicas*, como meio de não incorrer em falhas e deslizes do passado, ou de caráter, ou de sintonias com viciações, ou de fraquezas espirituais.⁴⁹
- Há, também, os casos de encarnações *missionárias*, entre as quais se sobreleva a do próprio Jesus⁵⁰, e as *intercessórias*, em que Espíritos abnegados se reencarnam para ajudar antigos afetos e/ou outros Espíritos necessitados.⁵¹
- A programação consiste num planejamento sumário da profissão, casamento, duração da vida corporal, prole, posição social. Essas escolhas geram uma espécie de “destino” para os fatos mais expressivos da vida material. Mas resta ainda uma larga faixa de riscos e opções pelo caminho, em vista do que o Espírito exerce o seu livre-arbítrio.

⁴⁹ Vide (1) *Ação e Reação*, págs. 19, 35 e 36, e Cap. 19 – Sanções e Auxílios. Francisco C. Xavier/André Luiz. Rio de Janeiro, FEB, 6ª. ed.; (2) *Evolução em Dois Mundos*. Cap. XIX – Alma e Reencarnação. Francisco C. Xavier; Waldo Vieira/André Luiz. Rio de Janeiro, FEB, 5ª. ed.; (3) o caso de Marita. In *Sexo e Destino*, págs. 275 e 305. Francisco C. Xavier/André Luiz. Rio de Janeiro, FEB, 8ª. ed.; (4) *Nos domínios da mediunidade*, págs. 237 a 239. Rio de Janeiro, FEB, 25ª. ed.

⁵⁰ Vide *A Caminho da Luz*. Comunidade de Espíritos Puros. Francisco C. Xavier/ Emmanuel. Rio de Janeiro : FEB.

⁵¹ Vide (1) o caso de Alcíone. In *Renúncia – Primeira Parte – I – Sacrifícios do Amor*. Francisco C. Xavier/Emmanuel. Rio de Janeiro : FEB; (2) o caso da mãe de André Luiz. In *Nosso Lar – 46 – Sacrifício de Mulher*. Francisco C. Xavier/ André Luiz. Rio de Janeiro : FEB; (3) o caso de Matilde. In *Libertação*, págs. 244/45. Francisco C. Xavier/André Luiz. Rio de Janeiro, FEB, 15ª. ed.; (4) o caso de Artêmis. In *Tramas do Destino*. In “In Limine”. Manoel Philomeno de Miranda/Divaldo P. Franco. Rio de Janeiro : FEB.

- Na vida humana na Terra podem, ainda, ocorrer imprevistos ou acidentes de jornada, que são pequenas provações decorrentes de contingências materiais inerentes à vida neste planeta, ou, ainda, o risco natural de se viver num mundo de provas e expiações (exemplos: acidentes reencarnatórios, choque anafilático, erros médicos, epidemias, balas perdidas).
- Atos e pensamentos formam o Espírito e refletem-se no perispírito, podendo lesar o corpo espiritual. Todas as vivências físicas e emocionais configuram o Espírito, quer determinando seu psiquismo (impulsos, necessidades, desejos), quer repercutindo na formação dos corpos somáticos em futuras encarnações.
- O acaso não existe, e todo efeito tem uma causa. O que não significa que tudo esteja escrito, como se diz.
- O carma constitui um determinismo espiritual interno. O exercício do livre-arbítrio gera consequências, e nossas escolhas determinam um sem número de acontecimentos futuros.
- O homem habita um mundo material e, assim, sujeita-se ao determinismo físico da matéria (circunstâncias materiais) em que se acha (re)encarnado. O mesmo ocorre em relação ao ambiente social em que vive. *Mas suas opções morais nunca estão predeterminadas.*
- Durante a vida terrena, e em face das vicissitudes da vida material, o homem pode: **1.** Credenciar-se no bem, isto é, praticar o bem e com isso angariar simpatias e créditos espirituais. **2.** Praticar o bem e, conseqüentemente, “apagar” faltas, “resgatar” débitos, “anular” carmas negativos. **3.** Sintonizar-se

com o bem, com o que atrairá boas companhias espirituais, boas vibrações, boas intuições.

ROTEIRO DE ESTUDOS

Lei de Causa e Efeito na Codificação

Para a compreensão que esse tema exige, além dos tópicos da obra básica constantes do item *Roteiro de Leitura*, logo abaixo, é conveniente complementá-lo com as obras indicadas nas notas de rodapé retrotranscritas, e associar tudo isso ao *Esquema das forças que atuam em nossas decisões e ações, conduta e destino*, elaborado por Carlos de Toledo Rizzini (RIZZINI, 1984, p. 210), que se reproduz, com pequenas alterações, logo à frente.

ROTEIRO DE LEITURA

Questões de *O Livro dos Espíritos*

- Encarnação não é punição (Dor “evolução”)
- Os Espíritos são criados simples e ignorantes
- Imperfeições — Aflições
- Escolha das provas
- Tribulações não são castigos
- Nem todas as dificuldades da vida estão previstas
- Acontecimentos secundários
- E se na Terra não tivesse meios dolorosos, como o Espírito sofreria suas provas?
- Nem sempre se é punido naquilo que se pecou (o amor pelo próximo pode resgatar)
- Flagelos destruidores
- A dor “crédito”
- Os flagelos podem ser conjurados
- Acidentes
- Nem todos os acontecimentos estão predeterminados
- As opções morais não estão determinadas
- Podemos influir nos acontecimentos da vida, ou alterá-los
- Nenhum Espírito tem a missão de praticar o mal

Questões de *O Evangelho segundo o Espiritismo*

- Necessidade da encarnação
- Fatalidade e livre-arbítrio
- Fatalidade e perda de entes queridos
- Fatalidade e sofrimento
- Pode-se pôr termo às provas do próximo?

Questões de *O Céu e o inferno*

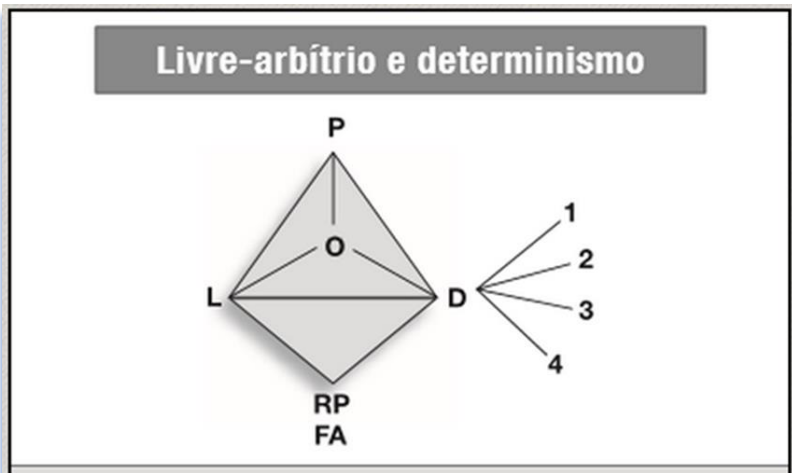
- As penas futuras segundo o Espiritismo — 1a.

Parte - Cap. VII

- Expições terrestres — *Marcel, o menino do n° 4* — 3ª. Parte

Questões de a Gênese

- Os milagres no Evangelho — *Cego de nascença* — n°s 24 e 25



REPRESENTAÇÃO ESQUEMÁTICA DAS FORÇAS QUE ATUAM EM NOSSAS DECISÕES E AÇÕES, CONDUTA E DESTINO

- Serve para dar uma ideia da complexidade das funções espirituais
- As letras exprimem:
 - L → Livre-arbítrio
 - D → Determinismo
 - P → Providência
- Esses são fatores máximos. A seguir vem:
 - RP → Restrições pedidas
 - FA → Fatalidade (misturas de L e D → liberdade exercida antes da corporificação. Depois se torna determinação.
- Os números expressam os fatores em que se subdividem as causas determinísticas (D):
 - 1 → **Circunstâncias** (determinismo físico, da matéria)
 - 2 → **Afetos** (impulsos, necessidades, desejos, etc., ou seja, determinismo psíquico)
 - 3 → **Carma** (determinismo espiritual interno)
 - 4 → **Obsessão** (determinismo espiritual externo)
- O ponto 0, o centro do triângulo, indica a convergência das 3 forças ou causas primaciais

- **Questões de O Livro dos Espíritos** ^{52 53}

Encarnação não é punição (Dor “evolução”) – LE Q. 132

Qual é a finalidade da encarnação dos Espíritos?

— Deus a impõe com o fim de levá-los à perfeição: para uns, é uma expiação; para outros, uma missão. Mas, para chegar a essa perfeição, eles devem sofrer todas as vicissitudes da existência corpórea; nisto é que está a expiação. A encarnação tem ainda outra finalidade, que é a de pôr o Espírito em condições de enfrentar a sua parte na obra da criação. E para executá-la que ele toma um aparelho em cada mundo, em harmonia com a sua matéria essencial, a fim de nele cumprir, daquele ponto de vista, as ordens de Deus. E dessa maneira, concorrendo para a obra geral, também progride.

A ação dos seres corpóreos é necessária à marcha do Universo. Mas Deus, na sua sabedoria, quis que eles tivessem, nessa mesma ação, um meio de progredir e de se aproximarem d’Ele. É assim que, por uma lei admirável da sua providência, tudo se encadeia, tudo é solidário na Natureza. Os Espíritos são criados simples e ignorantes – LE Q. 133

Os Espíritos que, desde o princípio, seguiram o caminho do bem, têm necessidade da encarnação?

— Todos são criados simples e ignorantes e se instruem através das lutas e tribulações da vida corporal. Deus, que é justo, não podia fazer felizes a alguns, sem penas e sem trabalhos, e por conseguinte sem mérito.

Imperfeições — Aflições — LE Q. 133.a

⁵² De *O Livro dos Espíritos*. Allan Kardec. Trad. Herculano Pires. São Paulo: LAKE, 1993.

Há uma versão eletrônica (e-book) desse livro disponível em: http://virtualbooks.terra.com.br/RocketEditions/o_livro_dos_espiritos.htm

⁵³ As sublinhas dos textos citados não são do original. Os textos **negritados** se referem aos comentários de Allan Kardec às respostas dos Espíritos.

Mas, então, de que serve aos Espíritos seguirem o caminho do bem, se isso não os isenta das penas da vida corporal? - Chegam mais depressa ao alvo. Além disso, as penas da vida são frequentemente a consequência da imperfeição do Espírito. Quanto menos imperfeito ele for, menos tormentos sofrerá. Aquele que não for invejoso, nem ciumento, nem avarento ou ambicioso, não passará pelos tormentos que se originam desses defeitos.

Escolha das provas – LE Q. 258

No estado errante, antes de nova existência corpórea, o Espírito tem consciência e previsão do que lhe vai acontecer durante a vida?

- Ele mesmo escolhe o gênero de provas que deseja sofrer; nisto consiste o seu livre-arbítrio.

Tribulações não são castigos – LE Q. 258.a

Não é Deus quem lhe impõe as tribulações da vida, como castigo?

- Nada acontece sem a permissão de Deus, porque foi Ele quem estabeleceu todas as leis que regem o universo. Perguntareis agora por que Ele fez tal lei em vez de tal outra! Dando ao Espírito a liberdade de escolha, deixa-lhe toda a responsabilidade dos seus atos e das suas consequências; nada lhe estorva o futuro; o caminho do bem está à sua frente, como o do mal. Mas se sucumbir, ainda lhe resta uma consolação, a de que nem tudo se acabou para ele, pois Deus, na sua bondade, permite-lhe recomeçar o que foi mal feito. É necessário distinguir o que é obra da vontade de Deus e o que é da vontade do homem. Se um perigo vos ameaça, não fostes vós que o criastes, mas Deus; tivestes, porém, a vontade de vos expordes a ele, porque o considerastes um meio de adiantamento; e Deus o permitiu.

Nem todas as dificuldades da vida estão previstas – LE Q. 259

Se o Espírito escolhe o gênero de provas que deve sofrer, todas as tributações da vida foram previstas e escolhidas por nós?

- Todas, não é bem o termo, pois não se pode dizer que escolhestes e previstes tudo o que vos acontece no mundo, até as menores coisas. Escolhestes o gênero de provas; os detalhes são consequências da posição escolhida, e frequentemente de vossas próprias ações. Se o Espírito quis nascer entre malfeitores, por exemplo, já sabia a que deslize se expunha, mas não conhecia cada um dos atos que praticaria; esses atos são produtos de sua vontade ou do seu livre-arbítrio. O Espírito sabe que, escolhendo esse caminho, terá de passar por esse gênero de lutas; e sabe de que natureza são as vicissitudes que irá encontrar; mas não sabe quais os acontecimentos que o aguardam. Os detalhes nascem das circunstâncias e da força das coisas. Só os grandes acontecimentos, que influem no destino, estão previstos. Se tomas um caminho cheio de desvios, sabes que deves ter muitas precauções, porque corres o perigo de cair, mas não sabes quando cairás, e pode ser que nem caias, se fores bastante prudente. Se ao passar pela rua uma telha te cair na cabeça, não penses que estava escrito, como vulgarmente se diz.

(*) V. Questão 470, abaixo.

Acontecimentos secundários – LE Q. 259

V. texto acima.

Os detalhes nascem das circunstâncias e da força das coisas

(*) V. Questões 859, 526/528, abaixo.

E se na Terra não tivesse meios dolorosos, como o Espírito sofreria suas provas? – LE Q. 260 - Q. 260.a

Como o Espírito pode querer nascer entre gente de má vida?

- É necessário ser enviado ao meio em que possa sofrer a prova pedida. Pois bem: o semelhante atrai o semelhante, e para lutar

contra o instinto do banditismo é preciso que ele se encontre entre gente dessa espécie.

Se não houvesse gente de má vida na Terra, o Espírito não poderia encontrar nela o meio necessário a certas provas?

— E deveríamos lamentar isso? É o que acontece nos mundos superiores, onde o mal não tem acesso. É por isso que neles só existem bons Espíritos. Fazei que o mesmo aconteça, bem logo, em vossa Terra.

Nem sempre se é punido naquilo que se pecou (o amor pelo próximo pode resgatar) LE Q. 399 - Q. 218

Sendo as vicissitudes da vida corpórea ao mesmo tempo uma expiação das faltas passadas e provas para o futuro, segue-se que, da natureza dessas vicissitudes, possa induzir-se o gênero da existência anterior?

— Muito frequentemente, pois cada um é punido naquilo em que pecou. Entretanto, não se deve tirar daí uma regra absoluta; as tendências instintivas são um índice mais seguro, porque as provas que um Espírito sofre, tanto se referem ao futuro quanto ao passado.

Chegado ao termo que a Providência marcou para a sua vida errante, o Espírito escolhe por si mesmo as provas às quais deseja submeter-se, para apressar o seu adiantamento, ou seja, o gênero de existência que acredita mais apropriado a lhe fornecer os meios, e essas provas estão sempre em relação com as faltas que deve expiar. Se nelas triunfa, ele se eleva; se sucumbe, tem de recomeçar.

O Espírito goza sempre do seu livre-arbítrio. É em virtude dessa liberdade que, no estado de Espírito, escolhe as provas da vida corpórea, e no estado de encarnado delibera o que fará ou não fará, escolhendo entre o bem e o mal, Negar ao homem o livre-arbítrio seria reduzi-lo à condição de máquina. Integrado na vida corpórea, o Espírito perde momentaneamente a lembrança de suas existências anteriores, como se um véu as ocultasse. Não obstante, tem às vezes uma vaga consciência, e elas podem mesmo lhe ser

reveladas em certas circunstâncias. Mas isto não acontece senão pela vontade dos Espíritos superiores, que o fazem espontaneamente, com um fim útil, e jamais para satisfazer uma curiosidade vã. As existências futuras não podem ser reveladas em caso algum, por dependerem da maneira por que se cumpre a existência presente e da escolha ulterior do Espírito. O esquecimento das faltas cometidas não é obstáculo à melhoria do Espírito, porque, se ele não tem uma lembrança precisa, o conhecimento que delas teve no estado errante e o desejo que concebeu de as reparar, guiam-no pela intuição e lhe dão o pensamento de resistir ao mal. Este pensamento é a voz da consciência, secundada pelos Espíritos que o assistem, se ele atende às boas inspirações que estes lhe sugerem.

Se o homem não conhece os próprios atos que cometeu em suas existências anteriores, pode sempre saber qual o gênero de faltas de que se tornou culpado, e qual era o seu caráter dominante. Basta que se estude a si mesmo, e poderá julgar o que foi, não pelo que é, mas pelas suas tendências. As vicissitudes da vida corpórea são, ao mesmo tempo, uma expiação das faltas passadas e provas para o futuro. Elas nos depuram e nos elevam, se as sofremos com resignação e sem murmúrios. A natureza das vicissitudes e das provas que sofremos pode também esclarecer-nos sobre o que fomos e o que fizemos, como neste mundo julgamos os atos de um criminoso pelo castigo que a lei lhe inflige. Assim, este será castigado no seu orgulho pela humilhação de uma existência subalterna; o mau rico e avarento, pela miséria; aquele que foi duro para os outros, pelo tratamento duro que sofrerá; o tirano, pela escravidão; o mau filho, pela ingratidão dos seus filhos; o preguiçoso, por um trabalho forçado, etc.

Deve então haver uma grande conexão entre duas existências sucessivas?

— Nem sempre tão grande como podias pensar, porque as posições são quase sempre muito diferentes, e no intervalo de ambas o Espírito pode progredir. **(Ver o item 216).**

Flagelos destruidores – LE Q. 738 - Q. 738.a

Deus não poderia empregar, para melhorar a Humanidade, outros meios que não os flagelos destruidores?

— Sim, e diariamente os emprega, pois deu a cada um os meios de progredir pelo conhecimento do bem e do mal. É o homem quem não os aproveita; então, é necessário castigá-lo em seu orgulho e fazê-lo sentir a sua fraqueza.

Nesses flagelos, porém, o homem de bem sucumbe como os perversos; isso é justo?

— Durante a vida o homem relaciona tudo ao seu corpo, mas após a morte pensa de outra maneira. Como já dissemos: a vida do corpo é um quase nada: um século do vosso mundo é um relâmpago na eternidade. Os sofrimentos que duram alguns dos vossos meses ou dias, nada são. Apenas um ensinamento que vos servirá no futuro. Os Espíritos que preexistem e sobrevivem a tudo formam o mundo real. (Ver item 85). São eles os filhos de Deus e o objetivo de sua solicitude; os corpos não são mais que disfarces sob os quais aparecem no mundo. Nas grandes calamidades que dizimam os homens eles são como um exército que, durante a guerra, vê os seus uniformes estragados, rotos ou perdidos. O general tem mais cuidado com os soldados do que com as vestes.

A dor “crédito” – LE Q. 738.b - Q. 739 - Q. 740

Mas as vítimas desses flagelos, apesar disso não são vítimas?

- Se considerássemos a vida no que ela é, e quanto é insignificante em relação ao infinito, menos importância lhe dariamos. Essas vítimas terão noutra existência uma larga compensação para os seus sofrimentos, se souberem suportá-los sem murmurar.

Quer a morte se verifique por um flagelo ou por uma causa ordinária, não se pode escapar a ela quando soa a hora da partida: a única diferença é que no primeiro caso parte um número ao mesmo tempo. Se pudéssemos nos elevar pelo

pensamento de maneira a abranger toda a Humanidade numa visão única, esses flagelos tão terríveis não nos pareceriam mais do que tempestades passageiras no destino do mundo.

Esses flagelos destruidores têm utilidade do ponto de vista físico, malgrado os males que ocasionam?

- Sim, eles modificam algumas vezes o estado de uma região; mas o bem que deles resulta só é geralmente sentido pelas gerações futuras.

Os flagelos não seriam igualmente provas morais para o homem, pondo-o às voltas com necessidades mais duras?

- Os flagelos são provas que proporcionam ao homem a ocasião de exercitar a inteligência, de mostrar a paciência e resignação ante a vontade de Deus, ao mesmo tempo que lhe permite desenvolver os sentimentos de abnegação, de desinteresse próprio e de amor ao próximo, se ele não for dominado pelo egoísmo.

Os flagelos podem ser conjurados – LE Q 741

É dado ao homem conjurar os flagelos que o afligem?

- Sim, em parte, mas não como geralmente se pensa. Muitos flagelos são a consequência de sua própria imprevidência. À medida que ele adquire conhecimento e experiência pode conjura-los, quer dizer, preveni-los, se souber pesquisar-lhes as causas. Mas entre os males que afligem a Humanidade, há os que são de natureza geral e pertencem aos desígnios da Providência. Desses, cada indivíduo recebe, em menor ou maior proporção, a parte que lhe cabe, não lhe sendo possível opor nada mais que a resignação à vontade de Deus. Mas ainda esses males são geralmente agravados pela indolência do homem.

Entre os flagelos destruidores, naturais e independentes do homem, devem ser colocados em primeira linha a peste, a fome, as inundações, as intempéries fatais à produção da terra. Mas o homem não achou na Ciência, nos trabalhos de arte, no aperfeiçoamento da agricultura, nos afolhamentos e nas irrigações, no estudo das condições higiênicas os meios

de neutralizar ou pelo menos de atenuar tantos desastres? Algumas regiões antigamente devastadas por terríveis flagelos não estão hoje resguardadas? que não fará o homem, portanto, pelo seu bem-estar material, quando souber aproveitar todos os recursos da sua inteligência e quando, ao cuidado da sua preservação pessoal souber aliar o sentimento de uma verdadeira caridade para com os semelhantes? (Ver item 707).

Acidentes – LE Q. 526 – Q. 527 – Q. 528

Tendo os Espíritos ação sobre a matéria, podem provocar certos efeitos com o fim de produzir um acontecimento? Por exemplo, um homem deve perecer: sobe então a uma escada, esta se quebra e ele morre. Foram os Espíritos que fizeram quebrar a escada, para que se cumpra o destino desse homem?

— É bem verdade que os Espíritos têm influência sobre a matéria, mas para o cumprimento das leis da Natureza e não para as derrogar, fazendo surgir em determinado ponto um acontecimento inesperado e contrário a essas leis. No exemplo que citas, a escada se quebra porque está carunchada ou não era bastante forte para suportar o peso do homem; se estivesse no destino desse homem morrer dessa maneira, eles lhe inspirariam o pensamento de subir na escada que deveria quebrar-se com o seu peso, e sua morte se daria por um motivo natural, sem necessidade de um milagre para isso.

Tomemos outro exemplo, no qual não intervenha o estado natural da matéria. Um homem deve morrer de raio: esconde-se embaixo de uma árvore, o raio estala e ele morre. Os Espíritos poderiam ter provocado o raio, dirigindo-o sobre ele?

— É ainda a mesma coisa. O raio explodiu sobre aquela árvore e naquele momento, porque o fato estava nas leis da Natureza. Não foi dirigido para a árvore porque o homem lá se encontrava, mas ao homem foi dada a inspiração de se refugiar numa árvore, sobre a qual ele deveria explodir. A árvore não seria menos atingida, se o homem estivesse ou não sob ela.

Um homem mal-intencionado dispara um tiro contra outro, mas o projétil passa apenas de raspão, sem o atingir. Um Espírito benfazejo pode ter desviado o tiro?

— Se o indivíduo não deve ser atingido, o Espírito benfazejo lhe inspirará o pensamento de se desviar, ou ainda poderá ofuscar o seu inimigo, de maneira a lhe perturbar a pontaria; porque o projétil, uma vez lançado, segue a linha de sua trajetória.

Nem todos os acontecimentos estão predeterminados – LE Q. 851 - Q. 859

Há uma fatalidade nos acontecimentos da vida, segundo o sentido ligado a essa palavra; quer dizer, todos os acontecimentos são predeterminados, e nesse caso em que se torna o livre-arbítrio? — A fatalidade não existe senão para a escolha feita pelo Espírito, ao encarnar-se, de sofrer esta ou aquela prova; ao escolhê-la, ele traça para si mesmo uma espécie de destino, que é a própria consequência da posição em que se encontra. Falo das provas de natureza física, porque, no tocante às provas morais e às tentações, o Espírito, conservando o seu livre-arbítrio sobre o bem e o mal, é sempre senhor de ceder ou resistir. Um bom Espírito, ao vê-lo fraquejar, pode correr em seu auxílio, mas não pode influir sobre ele a ponto de subjugar-lhe a vontade. Um Espírito mau, ou seja, inferior, ao lhe mostrar ou exagerar um perigo físico pode abalá-lo e assustá-lo, mas a vontade do Espírito encarnado não fica por isso menos livre de qualquer entrave.

Se a morte não pode ser evitada quando chega a sua hora, acontece o mesmo com todos os acidentes no curso da nossa vida?

— São, em geral, coisas demasiado pequenas, das quais podemos prevenir-vos dirigindo o vosso pensamento no sentido de as evitar, porque não gostamos do sofrimento material. Mas isso é de pouca importância para o curso da vida que escolhesteis. A fatalidade só consiste nestas duas horas: aquelas em que deves aparecer e desaparecer neste mundo.

As opções morais não estão determinadas – LE Q. 851

Há uma fatalidade nos acontecimentos da vida, segundo o sentido ligado a essa palavra; quer dizer, todos os acontecimentos são predeterminados, e nesse caso em que se torna o livre-arbítrio?

— A fatalidade não existe senão para a escolha feita pelo Espírito, ao encarnar-se, de sofrer esta ou aquela prova; ao escolhê-la, ele traça para si mesmo uma espécie de destino, que é a própria consequência da posição em que se encontra. Falo das provas de natureza física, porque, no tocante às provas morais e às tentações, o Espírito, conservando o seu livre-arbítrio sobre o bem e o mal, é sempre senhor de ceder ou resistir. Um bom Espírito, ao vê-lo fraquejar, pode correr em seu auxílio, mas não pode influir sobre ele a ponto de subjugar-lhe a vontade. Um Espírito mau, ou seja, inferior, ao lhe mostrar ou exagerar um perigo físico pode abalá-lo e assustá-lo, mas a vontade do Espírito encarnado não fica por isso menos livre de qualquer entrave.

Podemos influir nos acontecimentos da vida, ou alterá-los – LE Q. 859.a - Q. 860 - Q. 861

Há fatos que devem ocorrer forçosamente e que a vontade dos Espíritos não pode conjurar?

— Sim, mas que tu, quando no estado de Espírito, viste e pressentiste, ao fazer a tua escolha. Não acredites, porém, que tudo o que acontece esteja escrito, como se diz. Um acontecimento é quase sempre a consequência de uma coisa que fizeste por um ato de tua livre vontade, de tal maneira que, se não tivesses praticado aquele ato, o acontecimento não se verificaria. Se queimas o dedo, isso é apenas a consequência de tua imprudência e da condição da matéria. Somente as grandes dores, os acontecimentos importantes e capazes de influir na tua evolução moral são previstos por Deus, porque são úteis à tua purificação e à tua instrução.

Podem o homem, por sua vontade e pelos seus atos, evitar acontecimentos que deviam realizar-se e vice-versa? — Podem, desde que esse desvio aparente possa caber na ordem geral da vida que ele escolheu. Além disso, para fazer o bem, como é do

seu dever e único objetivo da vida, ele pode impedir o mal, sobretudo aquele que possa contribuir para um mal ainda maior.

V. Questão 470.

V. Questão 861.

V. Questão 872 (*Resumo teórico do móvel das ações humanas*)

O homem que comete um assassinato sabe, ao escolher a sua existência, que se tornará assassino?

— Não. Sabe apenas que, ao escolher uma vida de lutas terá a probabilidade de matar um de seus semelhantes, mas ignora se o fará ou não, porque depende quase sempre dele tomar a deliberação de cometer o crime. Ora, aquele que delibera sobre uma coisa é sempre livre de a fazer ou não. Se o Espírito soubesse com antecedência que, como homem, devia cometer um assassinio, estaria predestinado a isso. Sabei, então, que não há ninguém predestinado ao crime e que todo crime, como todo e qualquer ato, é sempre o resultado da vontade e do livre-arbítrio. De resto, sempre confundis duas coisas bastante distintas: os acontecimentos materiais da existência e os atos da vida moral. Se há fatalidade, às vezes, é apenas no tocante aos acontecimentos materiais, cuja causa está fora de vós e que são independentes da vossa vontade. Quanto aos atos da vida moral, emanam sempre do próprio homem, que tem sempre, por conseguinte, a liberdade de escolha: para os seus atos não existe **jamais** a fatalidade.

Nenhum Espírito tem a missão de praticar o mal – LE Q. 470

Os Espíritos que procuram induzir-nos ao mal, e que assim põem à prova a nossa firmeza no bem, receberam a missão de o fazer, e se é uma missão que eles cumprem, terão responsabilidade nisso?
— Nenhum Espírito recebe a missão de fazer o mal; quando ele o faz, é pela sua própria vontade e conseqüentemente terá de sofrer as conseqüências. Deus pode deixá-lo fazer para vos provar, mas

jamais o ordena, e cabe a vós repeli-lo. **Passagens de O Evangelho segundo o Espiritismo** ⁵⁴

Necessidade da encarnação – EV Cap. IV nº 25

NECESSIDADE DA ENCARNAÇÃO

• São Luís • Paris, 1859

25. A encarnação é uma punição, e somente os Espíritos culpados é que lhe estão sujeitos?

A passagem dos Espíritos pela vida corpórea é necessária, para que eles possam realizar, com a ajuda do elemento material, os propósitos cuja execução Deus lhes confiou. É ainda necessária por eles mesmos, pois a atividade que então se veem obrigados a desempenhar ajuda-os a desenvolver a inteligência. Deus, sendo soberanamente justo, deve aquinhoar equitativamente a todos os seus filhos. É por isso que Ele concede a todos o mesmo ponto de partida, a mesma aptidão, as mesmas obrigações a cumprir e a mesma liberdade de ação. Todo privilégio seria uma preferência, e toda preferência uma injustiça. Mas a encarnação, para todos os Espíritos, é apenas um estado transitório. É uma tarefa que Deus lhes impõe, no princípio da existência, como primeira prova do uso que farão do seu livre-arbítrio. Os que executam essa tarefa com zelo, sobem rapidamente, e de maneira menos penosa, os primeiros degraus da iniciação, e gozam mais cedo o resultado do seu trabalho. Os que, ao contrário, fazem mau uso da liberdade que Deus lhes concede, retardam o seu progresso. E é assim que por sua obstinação, podem prolongar indefinidamente a necessidade de se reencarnarem. E é então que a encarnação se torna um castigo.

Fatalidade e livre-arbítrio – EV Cap. XXVII, nº 5, 6 e 7

EFICÁCIA DA PRECE

5. *Por isso vos digo: todas as coisas que vós pedirdes orando, crede que as haveis de ter, e que assim vos sucederão. (MARCOS, XI:24).*

⁵⁴ De *O Evangelho segundo o Espiritismo*. Allan Kardec. Trad. Herculano Pires. São Paulo : Lake, 2003.

6. Há pessoas que contestam a eficácia da prece, entendendo que, por conhecer Deus as nossas necessidades, é desnecessário expô-las a Ele. Acrescentam ainda que, tudo se encadeando no universo através de leis eternas, nossos votos não podem modificar os desígnios de Deus.

Há leis naturais e imutáveis, sem dúvida, que Deus não pode anular segundo os caprichos de cada um. Mas daí a acreditar que todas as circunstâncias da vida estejam submetidas à fatalidade, a distância é grande. Se assim fosse, o homem seria apenas um instrumento passivo, sem livre-arbítrio e sem iniciativa. Nessa hipótese, só lhe caberia curvar a frente ante os golpes do destino, sem procurar evitá-los e não deveria esquivar-se dos perigos. Deus não lhe deu o entendimento e a inteligência para que não os utilizasse, a vontade para não querer, a atividade para cair na inação. O homem sendo livre de agir, num ou outro sentido, seus atos têm, para ele mesmo e para os outros, consequências subordinadas às suas decisões. Em virtude da sua iniciativa, há portanto acontecimentos que escapam, forçosamente, à fatalidade, e que nem por isso destroem a harmonia das leis universais, da mesma maneira que o avanço ou o atraso dos ponteiros de um relógio não destrói a lei do movimento, que regula o mecanismo do aparelho. Deus pode, pois, atender a certos pedidos sem derrogar a imutabilidade das leis que regem o conjunto, dependendo sempre do atendimento da Sua vontade.

Fatalidade e livre-arbítrio – EV Cap. XXVII, nº 12

12. Se dividirmos os males da vida em duas categorias, sendo uma a dos que o homem não pode evitar, e outra a das atribulações que ele mesmo provoca, por sua incúria e pelos seus excessos (Ver cap. V, nº 4), veremos que esta última é muito mais numerosa que a primeira. Torna-se, pois, evidente que o homem é o autor da maioria das suas aflições, e que poderia poupar-se, se agisse sempre com sabedoria e prudência. É certo, também, que essas misérias resultam das nossas infrações às leis de Deus, e que, se as observássemos rigorosamente, seríamos perfeitamente felizes. Se não ultrapassássemos os limites do necessário, na satisfação das nossas exigências vitais, não sofreríamos as doenças que são provocadas pelos excessos, e as

vicissitudes decorrentes dessas doenças. Se limitássemos as nossas ambições, não temeríamos a ruína. Se não quiséssemos subir mais alto do que podemos, não receariamos a queda. Se fôssemos humildes, não sofreríamos as decepções do orgulho abatido. Se praticássemos a lei de caridade, não seríamos maledicentes, nem invejosos, nem ciumentos, e evitaríamos as querelas e as dissensões. Se não fizéssemos nenhum mal a ninguém, não teríamos de temer as vinganças, e assim por diante.

Admitamos que o homem nada pudesse fazer contra os outros males; que todas as preces fossem inúteis para livrar-se deles; já não seria muito, poder afastar todos os que decorrem da sua própria conduta? Pois bem: neste caso concebe-se facilmente a ação da prece, que tem por fim atrair a inspiração salutar dos Bons Espíritos, pedir-lhes a força necessária para resistirmos aos maus pensamentos, cuja execução pode nos ser funesta.

Fatalidade e perda de entes queridos – EV Cap. 5, nº 21

PERDA DE PESSOAS AMADAS E MORTES PREMATURAS

• Sansão • Antigo membro da Sociedade Espírita de Paris, 1863

21. Quando a morte vem ceifar em vossas famílias, levando sem consideração os jovens em lugar dos velhos, dizeis frequentemente “Deus não é justo, pois sacrifica o que está forte e com o futuro pela frente, para conservar os que já viveram longos anos, carregados de decepções: leva os que são úteis, e deixa os que não servem para nada mais; fere um coração de mãe, privando-o da inocente criatura que era toda a sua alegria.”

Criaturas humanas, é nisto que tendes necessidade de vos elevar, para compreender que o bem está muitas vezes onde pensais ver a cega fatalidade. Por que medir a justiça divina pela medida da vossa? Podeis pensar que o Senhor dos Mundos queira, por um simples capricho, infligir-vos penas cruéis? Nada se faz sem uma finalidade inteligente, e tudo o que acontece tem a sua razão de ser. Se perscrutásseis melhor todas as dores que vos atingem, sempre encontraríeis nelas a razão divina, razão regeneradora, e vossos miseráveis interesses representariam uma consideração secundária, que relegaríeis ao último plano.

Acreditai no que vos digo: a morte é preferível, mesmo numa encarnação de vinte anos, a esses desregramentos vergonhosos que desolam as famílias respeitáveis, ferem um coração de mãe, e fazem branquear antes do tempo os cabelos dos pais. (...)

.....

Vós que compreendeis a vida espiritual, escutai as pulsações do vosso coração, chamando esses entes queridos. E se pedirdes a Deus para os abençoar, sentireis em vós mesmas a consolação poderosa que faz secarem as lágrimas, e essas aspirações sedutoras, que vos mostram o futuro prometido pelo Soberano Senhor.

Fatalidade e sofrimentos – EV Cap. V, nº 4 e 5

CAUSAS ATUAIS DAS AFLIÇÕES

4. As vicissitudes da vida são de duas espécies, ou, se quisermos, têm duas origens bem diversas, que importa distinguir: umas têm sua causa na vida presente; outras, fora desta vida.

Remontando à fonte dos males terrenos, reconhece-se que muitos são a consequência natural do caráter e da conduta daqueles que os sofrem. Quantos homens caem por sua própria culpa! Quantos são vítimas de sua imprevidência, de seu orgulho e de sua ambição! Quantas pessoas arruinadas por falta de ordem, de perseverança, por mau comportamento ou por não terem limitado os seus desejos!

Quantas uniões infelizes, porque resultaram dos cálculos do interesse ou da vaidade, nada tendo com isso o coração! Que de dissensões, de disputas funestas, poderiam ser evitadas com mais moderação e menos suscetibilidade! Quantas doenças e aleijões são o efeito da intemperança e dos excessos de toda ordem!

Quantos pais infelizes com os filhos, por não terem combatido as suas más tendências desde o princípio. Por fraqueza ou indiferença, deixaram que se desenvolvessem neles os germes do orgulho, do egoísmo e da tola vaidade, que ressecam o coração.

Mais tarde colhendo o que semearam, admiram-se e afligem-se com a sua falta de respeito e a sua ingratidão.

Que todos os que têm o coração ferido pelas vicissitudes e as decepções da vida, interroguem friamente a própria consciência. Que remontem passo a passo à fonte dos males que os afligem, e verão se, na maioria das vezes, não podem dizer: “Se eu tivesse ou não tivesse feito tal coisa não estaria nesta situação”.

A quem, portanto, devem todas essas aflições, senão a si mesmos? O homem é, assim, num grande número de casos, o autor de seus próprios infortúnios. Mas, em vez de reconhecê-lo, acha mais simples, e menos humilhante para a sua vaidade, acusar a sorte, a Providência, a falta de oportunidade, sua má estrela, enquanto, na verdade, sua má estrela é a sua própria incúria.

Os males dessa espécie constituem, seguramente, um número considerável das vicissitudes da vida. O homem os evitará, quando trabalhar para o seu adiantamento moral e intelectual.

5. (...) Mas Deus vê o progresso de todas as criaturas. Eis porque não deixa impune nenhum desvio do caminho reto. Não há uma só falta, por mais leve que seja, uma única infração à sua lei, que não tenha consequências forçosas e inevitáveis, mais ou menos desagradáveis. Donde se segue que, nas pequenas como nas grandes coisas, o homem é sempre punido naquilo em que pecou. Os sofrimentos consequentes são então uma advertência de que ele andou mal. Dão-lhe a experiência e o fazem sentir a diferença entre o bem e o mal, bem como a necessidade de se melhorar, para evitar no futuro o que já foi para ele uma causa de mágoas. Sem isso, ele não teria nenhum motivo para se emendar, e confiante na impunidade, retardaria o seu adiantamento, e portanto a sua felicidade futura.

Mas a experiência chega, algumas vezes, um pouco tarde; e quando a vida já foi desperdiçada e perturbada, gastas as forças, e o mal é irremediável, então o homem se surpreende a dizer: “Se no começo da vida eu soubesse o que hoje sei, quantas faltas teria evitado; se tivesse de recomeçar, eu me portaria de maneira inteiramente outra; mas já não há mais tempo!” Como o

trabalhador preguiçoso que diz: “Perdi o meu dia”, ele também diz: “Perdi a minha vida”.

Mas, assim como para o trabalhador o sol nasce no dia seguinte começa uma nova jornada, em que pode recuperar o tempo perdido, para ele também brilhará o sol de uma vida nova, após a noite túmulo, e na qual poderá aproveitar a experiência do passado e pôr em execução suas boas resoluções para o futuro.

Pode-se pôr termo às provas do próximo? EV Cap. V, nº 27

27. Deve-se pôr termo às provas do próximo, quando se pode, ou devemos, por respeito aos desígnios de Deus, deixá-las seguir o seu curso?

• Bernardim • Espírito protetor, Bordeaux, 1863

- Já vos dissemos e repetimos, muitas vezes, que estais na terra de expiação para completar as vossas provas, e que tudo o que vos acontece é consequência de vossas existências anteriores, as parcelas da dívida que tendes a pagar. Mas este pensamento provoca em certas pessoas reflexões que devem ser afastadas, porque podem ter funestas consequências.

Pensam alguns que, uma vez que se está na Terra para expiar, é necessário que as provas sigam o seu curso. Há outros que chegam a pensar que não somente devemos evitar de atenuá-las, mas também devemos contribuir para torna-las mais proveitosas, agravando-as. É um grande erro. Sim, vossas provas devem seguir o curso que Deus lhes traçou, mas acaso conheceis esse curso? Sabeis até que ponto elas devem ir, e se vosso Pai Misericordioso não disse ao sofrimento deste ou daquele vosso irmão: “Não irás além disto?” Sabeis se a Providência não vos escolheu, não como instrumento de suplício, para agravar o sofrimento do culpado, mas como bálsamo consolador, que deve cicatrizar as chagas abertas pela sua justiça?

Não digais, portanto, ao verdes um irmão ferido: “É a justiça de Deus, e é necessário que siga o seu curso”, mas dizei, ao contrário “Vejam os meus irmãos, o meu Pai Misericordioso me concedeu, para aliviar o sofrimento de meu irmão. Vejam se o meu conforto moral, meu amparo material, meus conselhos, poderão ajudá-lo

a transpor esta prova com mais força, paciência e resignação. Vejamos mesmo se Deus não me pôs nas mãos os meios de fazer cessar este sofrimento; se não me deu, como prova também, ou talvez como expiação, o poder de cortar o mal e substituí-lo pela bênção da paz”.

Questões de *O Céu e o inferno* ⁵⁵

- As penas futuras segundo o Espiritismo — 1ª. Parte — Cap. VII
- Expições terrestres — *Marcel, o menino do n.º 4* — 3ª. Parte

Questões de *a Gênese* ⁵⁶

- Os milagres no Evangelho — *Cego de nascença* — n.ºs 24 e 25

⁵⁵ *O Céu e o Inferno* ou *A Justiça Divina segundo o Espiritismo*. Allan Kardec. Trad. J. Herculano Pires e João Teixeira de Paula. São Paulo : Lake, 2002.

⁵⁶ *A Gênese, os milagres e as predições segundo o Espiritismo*. Allan Kardec. Trad. Guillon Ribeiro. Rio de Janeiro : FEB, s/d.

4 – Terapia das obsessões

Essa doença moral (a obsessão) existiu desde todos os tempos, mas o Espiritismo bem compreendido e bem praticado pode dela preservar a criatura e, se atingida, curá-la mais eficazmente do que qualquer outra ciência ou doutrina, uma vez que revela a verdadeira causa do mal, bem como a forma de nos livrarmos dele. (PREFÁCIO DOS EDITORES BELGAS. A obsessão. Ed. O Clarim)

SUMÁRIO

- 4.1 – Kardec, o “descobridor do Espírito”
- 4.2 – A evolução das ciências médicas e psicológicas
- 4.3 – Terapias médicas e espirituais para tratamento da obsessão
- 4.4 – Terapêutica espírita da desobsessão

4.1 – Kardec, o “descobridor do Espírito”

Se o microscópio possibilitou a Pasteur revelar o mundo “invisível” da vida bacteriana, a mediunidade foi o instrumento de que Kardec se serviu para desvendar a existência “invisível” dos Espíritos e de suas intervenções no mundo corporal.⁵⁷

Allan Kardec pode, assim, ser considerado o moderno “descobridor do Espírito” e um dos precursores da pesquisa sobre o inconsciente, valendo assinalar que, logo após o lançamento de *O Livro dos Espíritos*, em 1858, ele fundou uma sociedade de pesquisas — a *Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas* — e uma revista mensal de estudos espíritas — a *Revue Spirite*, que já adotava um subtítulo revelador: *Jornal de estudos psicológicos*.

⁵⁷ E sabiamente o Espírito Emmanuel anotou: *A mente é mais poderosa para instalar doenças e desarmonias do que as bactérias e vírus conhecidos*. In *Leis do amor*. Francisco C. Xavier/Emmanuel. São Paulo: FEESP, 1963.

No Espiritismo, nos diz o prof. Herculano Pires⁵⁸, o papel de Kardec é o de sábio, visto que ele realizou a codificação por meio dos métodos científicos de então: pesquisas e análises, apoiadas na lógica e no raciocínio. De fato, no livro *A Gênese*⁵⁹, de 1869, Kardec deixa transparecer o seu método cuidadoso e o seu respeito aos critérios científicos:

Assim como a ciência propriamente dita tem por objetivo o estudo do princípio material, o objetivo especial do Espiritismo é o conhecimento das leis do princípio espiritual. Ora, como este princípio constitui uma das forças da natureza, e reage incessantemente sobre o princípio material, e reciprocamente, disso resulta que o conhecimento de um não pode ser completo sem o conhecimento do outro. O Espiritismo e a ciência se completam mutuamente: a Ciência, sem o Espiritismo, fica impossibilitada de explicar certos fenômenos pelas leis da matéria; o Espiritismo, sem a Ciência, careceria de apoio e controle. O estudo das leis da matéria devia preceder o da espiritualidade, porque é a matéria que impressiona primeiramente os sentidos. O Espiritismo, surgido antes das descobertas científicas, teria sido uma obra malograda, como acontece com tudo que vem antes do tempo.

Ao adotar métodos científicos para estudar fenômenos de outra dimensão, Kardec deixou bastante claro, também, que

as Ciências ordinárias assentam nas propriedades da matéria, que se pode experimentar e manipular livremente; os fenômenos espíritos repousam na ação de inteligências dotadas de vontade própria e que nos provam a cada instante não se acharem subordinadas aos nossos caprichos. Portanto, o Espiritismo não é da alçada da Ciência.³⁸

E, no tocante aos processos de cura espírita, assim como ocorreu a Pasteur no campo das doenças bacterianas, Kardec foi também incompreendido e perseguido, mas

⁵⁸ No prefácio de *Leon Denis na intimidade*. Claire Baumard. Matão, SP : O Clarim, 1982.

⁵⁹ KARDEC, Allan. *A Gênese, os milagres e as predições segundo o Espiritismo*, Cap. I, 16. 38 KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. Introdução, VII. Rio de Janeiro : FEB.

soube afastar os argumentos e falácias materialistas, e ainda profetizar:

Quando as ciências médicas tiverem na devida conta o elemento espiritual na economia do ser, terão dado grande passo e horizontes inteiramente novos se lhes patentearão. As causas de muitas moléstias serão a esse tempo descobertas e encontrados poderosos meios de combatê-las.⁶⁰

Assim, num quadro histórico de profunda ignorância espiritual e extremado materialismo, no qual os “demônios” eram responsabilizados pelas doenças mentais e suas vítimas encarceradas em condições subumanas,

Kardec redireciona a interferência dos Espíritos não só na etiologia de doenças mas em todo cotidiano de nossas vidas. Os Espíritos na concepção ditada a Kardec deixam de ser criaturas voltadas eternamente ao mal para serem vistos como nós mesmos, seres humanos que ora percorremos a jornada da vida encarnados e ora convivemos na dimensão espiritual com todos aqueles que, irmãos nossos, aguardam a oportunidade de uma nova encarnação.⁶¹

4.2 – A evolução das ciências médicas e psicológicas

Considerando a evolução do homem sobre a terra, só muito recentemente as terapias médicas e psiquiátricas convencionais foram capazes de prestar algum socorro aos casos de enfermidades da mente em desequilíbrio.

Assim, conquanto a falta da visão espiritual do ser humano, como ocorre na maioria dos casos, os recursos clínicos e farmacológicos constituem valiosas conquistas da civilização e não podem deixar de ser buscados para tratamento de distúrbios de natureza psíquica. E esse

⁶⁰ KARDEC, Allan. *Obras Póstumas*, PRIMEIRA PARTE – 1. O perispírito como princípio das manifestações, item 12. Rio de Janeiro : FEB.

⁶¹ FACURE, Núbior O. *A Ciência da Alma – De Mesmer a Kardec*. São Paulo : Fé, 2000.

ponto fundamental, na tradição de Kardec, é constantemente repisado nas instituições espíritas.

De outra parte, são inegáveis os avanços alcançados em algumas áreas da Medicina e da Psicologia com a adoção das perspectivas espiritual, social e holística do ser humano, nas quais podem ser citadas, entre outras, as terapêuticas psicossomáticas, a terapia de vidas passadas, a medicina social de combate aos vícios e aos estresses da vida moderna.

4.3 – Terapias médicas e espirituais para tratamento da obsessão

Há, na atualidade, pesquisadores e médicos, espíritas e não espíritas, bastante interessados nos fenômenos da mediunidade e da obsessão. O neuropsiquiatra espírita Sérgio Felipe de Oliveira assim responde à questão: *O tema “mediunidade” já é reconhecido pela ciência?*

O Código Internacional de Doenças (CID) nº 10 (F 44.3), de certa forma, já a reconhece; do mesmo modo que o Tratado de Psiquiatria de Kaplan e Sadoc, no capítulo das Teorias da Personalidade, quando aborda o estado de transe e a possessão por Espíritos. Carl Gustav Jung, por sua vez, estudou uma médium possuída por Espíritos. Enfim, já há abertura para se discutir o tema do ponto de vista científico.⁶²

No Brasil, ao lado do trabalho anônimo de inúmeros médiuns, tarefeiros e instituições, registra-se, ainda, um histórico de profissionais da saúde interessados no estudo da mediunidade e do tratamento da obsessão, mediante a conjugação de terapias médicas e espirituais, na linha doutrinária kardequiana. Com efeito, nesse campo, numa sucessão histórica, entre os mais importantes, podem ser

⁶² *Saúde e Espiritualidade*. Associação Médico-Espírita – AME-Brasil, São Paulo, 2004.

citados os trabalhos de Bezerra de Menezes, de Inácio Ferreira e José Lacerda de Azevedo.⁶³

Devem ser lembradas também instituições médico-espíritas votadas a esses propósitos, tais como, o *Sanatório Espírita de Uberaba* (Uberaba, MG), o *Hospital Espírita de Porto Alegre* (Porto Alegre, RS), o *Hospital Espírita de Psiquiatria Bom Retiro* (Curitiba, PR) e o *Hospital Espírita André Luiz* (Belo Horizonte, MG), além de associações espíritas dedicadas ao estudo e debates desses temas, como a *Associação Médica Espírita — AME-Brasil* e as diversas *AMEs Estaduais*. É importante registrar também a existência da *AME-Internacional*, da qual fazem parte inúmeros médicos e especialistas brasileiros. E, por final, os eventos, nacionais e internacionais, orientados para esse tema, entre eles congressos nacionais e internacionais de médicos espíritas.

4.4 – Terapêutica espírita da desobsessão

Para qualquer terapia dos problemas de natureza espiritual, nossos corações e mentes naturalmente tomam a Jesus de Nazaré como a referência central. Por essa razão é que Kardec dedicou capítulos importantes de sua obra para estudar a mediunidade e as curas de Jesus, entre elas as inúmeras libertações de obsidiados e possessos.⁶⁴

Baseada no Evangelho de Jesus e nos estudos de Allan Kardec, a terapêutica desenvolvida no âmbito das instituições espíritas é o conjunto de recursos prescritos para o tratamento da individualidade, isto é, o ser humano

⁶³ Veja-se o item INDICAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS/Mediunidade, obsessão, desobsessão, no final deste livro.

⁶⁴ Vejam-se: *Os milagres do Evangelho*, no Cap. XV do livro *A Gênese; Manifestações dos Espíritos*, na Primeira Parte do livro *Obras Póstumas*; e *Reconciliar-se com o adversário*, no Cap. X, *Os falsos profetas da erraticidade*, no Cap. XXI, e *Dar de graça o que de graça receber*, no Cap. XXVI, e a *Coletânea de preces espíritas*, Cap. XXVIII, todos no livro *O Evangelho segundo o Espiritismo*.

visto pela sua essência, pela realidade espiritual. Ela geralmente compreende duas partes:

- 1) **autoequilíbrio:** processo pessoal que o paciente deve empreender, orientado pela Doutrina Espírita; e
- 2) **recursos espíritas:** práticas que a Doutrina Espírita oferece como recursos eficazes para a cura da obsessão.

Observando que o paciente deve ser também um agente da própria cura, e que os processos obsessivos têm conexões profundas com a família e outros afetos da pessoa sob tratamento, a terapêutica espírita se faz mediante práticas simples, tais como:

- atendimento fraterno (*conversa fraterna e orientação evangélica*)
- água fluidificada (*água energizada*)
- passes (*doação de energia dos médiuns e Espíritos*)
- sessões de desobsessão (*sessão de atendimento aos enfermos encarnados e desencarnados*)
- orientação doutrinária aos pacientes, familiares e amigos
- mudança de hábitos mentais, pela compreensão da realidade espiritual
- leituras edificantes
- prece diária e sincera (*magnetização espiritual*)
- Evangelho no Lar (*melhoria do clima espiritual positivo no ambiente familiar*)

Por fim, é relevante registrar o pensamento de conhecido médico espírita de que a terapia da desobsessão praticada no contexto espírita dispõe

(...) de um endereço certo. Não é concorrente da medicina oficial com o intuito de substituí-la, contudo, surge como um complemento

terapêutico indispensável à resolução dos transtornos *espirituais* acusados atualmente pela humanidade.⁶⁵

⁶⁵ COSTA, Vítor Ronaldo. *Enfermidades da Alma e a proposta terapêutica espírita*. São Paulo : DPL, 2001.

5 – Glossário de termos espíritas ⁶⁶

A mediunidade é o meio direto de observação; o médium é o instrumento de laboratório.

(KARDEC. *Revue Spirite*, 1868)

Alma. O Espírito encarnado no corpo. Apresenta-se sempre com seu envoltório fluídico (perispírito).

Atuar. 1. Dar atividade a; pôr em ato; desempenhar um papel; exercer ação; exercer influência. **2.** No sentido espírita, significa exercer ação (o Espírito) sobre (quem o recebe).

Assim: *Atuado, o homem passou a blasfemar violentamente.* Isto é, sobre influência espiritual, passou a blasfemar violentamente.

Carma. [Do sânscrito *karmam*, ação. Filofia hindu.]. Conjunto das ações do homem e suas consequências, quer negativas, quer positivas. No Espiritismo, adota-se o conceito de que *a cada uma será dado conforme suas obras* (Causa e Efeito ou Ação e Reação).

Clariaudiência. Faculdade de ouvir os Espíritos.

Erraticidade. Intervalo de tempo, passado no plano espiritual, que medeia as encarnações dos Espíritos. Dizse também *Intermissão*.

Espírito errante é o que se encontra momentaneamente desencarnado.

⁶⁶ Baseado nas obras indicadas em REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS/Dicionários e glossários espíritas, postas no final deste livro.

Espíritos. Seres inteligentes da Criação, que povoam o Universo, fora do mundo material, e constituem o mundo invisível.

Espírito. Ser desencarnado, e *vivo* no plano espiritual (alma+ perispírito). Também assim se pode expressar:

- *Homem vivo* = homem encarnado.
- *Homem morto* = homem desencarnado.

Fenômeno. Fato, aspecto ou ocorrência, que pode ser observado, ou, ainda, descrito e explicado cientificamente.

Fenômeno espírita. Fenômeno do Espiritismo, que ocorre na presença de um *sensitivo*, isto é, o indivíduo que possui faculdades extrassensoriais, podendo ser ou não médium.

Podem ocorrer dois tipos de fenômenos no campo de estudos do Espiritismo: o *anímico* e o *mediúnico*.

Fenômeno anímico é o produzido pelo Espírito (encarnado) do próprio sensitivo (não médium). Portanto, um fenômeno espírita não mediúnico, produzido por uma ação extracorpórea de um indivíduo vivo (=encarnado). Os mais comuns, conforme nomenclatura utilizada pela Parapsicologia, são a *clarividência* (visão sem olhos), a *telepatia* (linguagem da mente), a *pré-cognição* (visão do futuro), a *psicocinesia* (movimento de objetos).

Fenômeno mediúnico é o que ocorre no campo da mediunidade, ou seja, aquele produzido por um Espírito (desencarnado) por meio de um sensitivo (médium). São, por exemplo, os casos de *psicofonia* (comunicação oral feita por um desencarnado) e de *psicografia* (comunicação escrita feita por um desencarnado).

Homem. **1.** Indivíduo encarnado (alma + perispírito + corpo). **2.** Ser espiritual *vivo* no plano material. **3.** No homem, o *Espírito* é a substância, a essência; o *perispírito*, a forma a organização; o *corpo*, a manifestação material do ser.

Incorporação. **1.** Tomada do corpo do médium por um guia ou Espírito; descida, transe mediúnico. **2.** Ação e efeito de o médium receber em si entidade espiritual.

Na Doutrina Espírita, dá-se preferência ao termo *psicofonia* (comunicação do Espírito, através do médium, pela palavra falada), visto que o termo *incorporação* pode sugerir a falsa ideia de que o Espírito comunicante penetra no corpo do médium, o que, em verdade, não ocorre.

Individualidade. É o Ser, o Espírito, no qual está a memória integral.

Médium. Aquele que serve como intérprete ou intermediário entre o plano material e o espiritual.

Mediunidade. Faculdade para relacionar-se com os Espíritos. É inerente ao homem e de todos os tempos e lugares. Manifesta-se em diversos graus e depende de disposições orgânicas, e pode ocorrer a qualquer pessoa, pouco importando sua crença, vontade ou qualidades morais. Seu exercício, no Espiritismo, se faz com base nas lições de Kardec e ao amparo dos ensinamentos de Jesus.

Memória integral. É a memória total do Espírito, formada ao longo da sua evolução por meio das encarnações sucessivas. É a que se destina ao mundo espiritual, onde vivemos depois da morte física.

Obsedar (do francês *obséder*). Que obseda; obsessivo; obsidiante. O mesmo que **obsidiar** ou **obsediar**.

Desses derivam:

Obsedado. O mesmo que obsidiado

Obsessivo. Que causa ou em que há obsessão. Obsedante. Obsidiante. Obsessor. Obsidente. Obsessional.

Obsidiado. Aquele que padece de obsessão. É o mesmo que obsedado ou obsessivo.

Obsessor. (do latim *obsessore*). **1.** Que causa obsessão; que importuna. **2.** Espírito que perturba, que persegue, que influencia mal, que obseda. **3.** Espírito que causa obsessão.

Obsessão. (do latim *obsessionem*). Segundo Allan Kardec, é a influência ou o império persistente que Espíritos inferiores exercem em determinados indivíduos.

Ainda segundo Kardec, a **obsessão** apresenta caracteres muito diferentes, que vão desde a simples influência moral, sem perceptíveis sinais exteriores, até a perturbação completa do organismo e das faculdades mentais. Nessa perspectiva, ela compreende quatro principais variedades:

Obsessão simples. Influência de um Espírito malfazejo que se imiscui no campo mental de uma pessoa e a importuna de várias maneiras: psicológica, física ou moralmente.

Obsessão física. É aquela que consiste nas manifestações ruidosas e obstinadas de alguns Espíritos, que fazem se ouçam, espontaneamente, pancadas ou outros ruídos.

Fascinação (do latim *fascinationem*). Perturbação mais grave do que as anteriores, que se constitui de uma ilusão produzida pela ação direta de um Espírito sobre o pensamento de um indivíduo e que, de certa maneira, lhe paralisa o raciocínio.

Subjugação. (do latim *subjugationem*). Constrição exercida por Espírito (ou Espíritos) inferior, a qual paralisa a vontade de um indivíduo e o leva a cometer atos irrefletidos ou aberrantes. Pode ser *moral* ou *corporal*. No primeiro caso, o indivíduo, pensando estar agindo com sensatez, é levado a tomar resoluções absurdas ou comprometedoras. No segundo, atuando sobre a mente do indivíduo, o Espírito provoca no indivíduo movimentos involuntários, muitas vezes ridículos.

Passe. Transusão de energia psíquica através das mãos. Num *passé espírita*, o magnetismo do *passista* (indivíduo que aplica o passe) é suplementado e aumentado pela ação dos Espíritos. Num *passé espiritual*, os Espíritos podem atuar diretamente e sem intermediário sobre um encarnado.

Perispírito. Envoltório semimaterial do Espírito, que sobrevive à morte e o acompanha no mundo espiritual. Também assim se pode expressar:

- *Nossas almas têm corpos* (corpo espiritual, ou perispírito)
- *Nossos corpos têm alma* (Espírito encarnado)

Personalidade. É o Ser numa etapa encarnatória, na qual possui somente memória parcial de suas vidas sucessivas como Espírito imortal.

Perturbação espiritual. **1.** Influência obsessiva de um Espírito sobre determinado indivíduo. **2.** Estado de turbacão que se segue à morte, análogo ao que se experimenta ao acordar, necessário para que o Espírito retome o conhecimento de si mesmo. A duração desse estado pode ser de horas, dias, meses ou até mesmo anos, dependendo do gênero de morte e do grau de evolução de cada Espírito.

Sensitivo. Pessoa dotada de faculdades extrassensoriais, que pode ser instrumento de fenômenos espíritas. Um sensitivo pode produzir fenômenos anímicos, e, se for também médium, fenômenos mediúnicos. Assim, todo médium é sensitivo, mas nem todo sensitivo é médium.

Somático. [Do gr. *somatikós*.]. Referente ao corpo. Daí, corpo somático, ou *soma*, isto é, o corpo físico.

Transe. Estado de baixa tensão psíquica, em que ocorre a passagem para outro estado de consciência.

Vidência. Faculdade de ver os Espíritos.

INDICAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

MEDIUNIDADE, OBSESSÃO, DESOBSESSÃO

O Livro dos Médiuns. Allan Kardec. Trad. J. Herculanio Pires. São Paulo : Lake, 2004.

[Extratos sobre] A Obsessão. Allan Kardec. Trad. Wallace Leal V. Rodrigues. Matão, SP : O Clarim, s/d.

Resumo da lei dos fenômenos espíritos. Allan Kardec. Trad. Salvador Gentile. Araras, SP : Ide, 1997.

Kardec e o magnetismo. Eckstein Tenório de Lima. Brasília, DF : Comunicação Espírita, 1967.

No invisível. Leon Denis. Rio de Janeiro, FEB, 1991.

Depois da Morte. Leon Denis. Rio de Janeiro, FEB, 1994.

Nosso Lar. André Luiz/Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro : FEB, 10ª. edição, s/d.

Missionários da Luz. André Luiz/Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro : FEB, 12ª. edição, s/d.

Nos domínios da mediunidade. André Luiz/Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro : FEB, 25ª. edição, 1998.

Entre a terra e o céu. André Luiz/Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro : FEB, 9ª. edição, 1983.

Mecanismos da mediunidade. André Luiz/Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira. Rio de Janeiro : FEB, 4ª. edição, 1977.

Desobsessão. André Luiz/Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira. Rio de Janeiro : FEB, 13ª. edição, 1992.

Paulo e Estevão. Emmanuel/Francisco C. Xavier. Rio de Janeiro : FEB.

Renúncia. Emmanuel/Francisco C. Xavier. Rio de Janeiro :

FEB, 11^a. ed., 1981.

Pensamento e vida. Emmanuel/Francisco C. Xavier. Rio de Janeiro : FEB, 1958.

O Consolador. Emmanuel/Francisco C. Xavier. Rio de Janeiro : FEB, 7^a. edição, 1977.

Loucura e obsessão. Manoel P. de Miranda/Divaldo P. Franco. Rio de Janeiro : FEB, 1988.

Grilhões partidos. Manoel P. de Miranda/Divaldo P. Franco. Salvador, BA : Alvorada.

Tramas do destino. Manoel P. de Miranda/Divaldo P. Franco. Salvador, BA : Alvorada, s/d

Dramas da obsessão. Bezerra de Menezes/Yvonne A. Pereira. Rio de Janeiro : FEB, 1963.

Possessão espiritual. Edith Fiore. Trad. Octavio Mendes Cajado. São Paulo : Pensamento, 1990.

A viagem. Ivani Ribeiro [Texto literário de J. Herculano Pires. Prefácio de Francisco C. Xavier]. São Paulo : Bels, 1976.

Mediunidade na Bíblia. Henrique Neyde Gimênez. São Paulo : FEESP, 1996.

O Evangelho da mediunidade [Os Atos dos Apóstolos comentados à luz do Espiritismo]. Eliseu Rigonatti. São Paulo : Lake, 1975.

Recordações da Mediunidade. Yvonne A. Pereira. [Orientada por Bezerra de Menezes]. Rio de Janeiro : FEB, 1966.

Mediunidade (Vida e Comunicação). J. Herculano Pires. São Paulo : Edicel, 1979.

Estudando a mediunidade. Martins Peralva. Rio de Janeiro : FEB, 7^a. ed., 1979.

Técnica da mediunidade. Carlos Torres Pastorino. Brasília, DF : Sabedoria, s/d

Dimensões da mediunidade. L. Palhano Jr. Rio de Janeiro : CELD, 1998.

Do sistema nervoso à mediunidade. Ary Lex. São Paulo : FEESP, 1994.

O que é fenômeno mediúnic. Hermínio C. Miranda. São Bernardo do Campo : Correio Fraternal, 1990.

A diversidade dos carismas. Hermínio Miranda. Niterói, RJ : Arte e Cultura, 1991.

Mediunidade: caminho para ser feliz. Suely Caldas Schubert. Votuporanga, SP : Didier, 1999.

20 Lições de Mediunidade. Asfolfo Olegário de Oliveira Filho. Londrina, PR : Leopoldo Machado, 2003.

Médium: quem é, quem não é. Demétrio Pável Bastos. Juiz de Fora, MG : Instituto Maria.

As sessões práticas do Espiritismo. Spártaco Banal. Rio de Janeiro : FEB.

Diretrizes de Segurança. Divaldo P. Franco e Raul Teixeira. Rio de Janeiro : Fráter, 1990.

Dirigentes de sessões e práticas espíritas. Emílio Manso Vieira. São Paulo : Lake.

Reuniões mediúnicas – Teoria e Prática. L. Palhano Jr. Niterói, RJ : Lachâtre, 2001.

Qualidade na prática mediúnic [Projeto Manoel P. de Miranda]. Salvador, BA : Alvorada, 2000.

Vivência mediúnic [Projeto Manoel P. de Miranda]. Salvador, BA : Alvorada, 1996.

A Obsessão: Instalação e Cura. [Coletânea das obras de Manoel P. de Miranda/Divaldo P. Franco]. Adilton Pugliese [Org.]. Salvador, BA : Alvorada, 2000.

Vampirismo. J. Herculano Pires. São Paulo : Paidéia, 1980.

Obsessão/Desobsessão. Profilaxia e Terapêuticas Espíritas. Suely Caldas Schubert. Rio de Janeiro : FEB, 1981.

A obsessão e seu tratamento espírita. Celso Martins. São Paulo : Edicel, 1982.

A obsessão e seus mistérios. Carlos Bernardo Loureiro. Salvador, BA : Mnêmio Túlio, 1995.

Tratamento da obsessão. Roque Jacintho. São Paulo : Luz no Lar, 1990.

A obsessão e suas máscaras. Marlene R. S. Nobre. São Paulo : Fé, 1997.

Quem tem medo da obsessão? Richard Simonetti. Bauru: Gráfica São João, 1993.

Você e a obsessão. Wilson Garcia. Capivari, SP : EME, 1997.

Perturbação espiritual. Roque Jacintho. São Paulo : Culturesp, 1983.

Obsessão: o passe, a doutrinação. J. Herculano Pires. São Paulo : Paidéia, 1982.

Diálogo com as sombras. Teoria e prática da doutrinação. Hermínio Miranda. Rio de Janeiro : FEB, 1979

Desobsessão por corrente magnética. Pesquisa Bibliográfica, Relatos, Interpretações e Manual de Aplicação. Colegiado dos Vínculos Fraternais. Maurício Neiva Crispim [Coord.]. Brasília, DF : Auta de Souza, 1996.

Esclarecendo os desencarnados. Umberto Ferreira. Goiânia, GO : Kelps, 1996.

O Regresso – O retorno à vida espiritual segundo o Espiritismo. Ariovaldo Caversan; Geziel Andrade. Capivari, SP : ABC do Interior, 1987.

O regresso de Glória [Contos]. Jorge Rizzini. São Paulo : Nova Luz, 1998.

Morte – uma luz no fim do túnel. Hernani Guimarães Andrade. São Paulo : Fé, 1999.

Nossa vida no além. Marlene R. S. Nobre. São Paulo : Fé, 1998.

Mundo dos Espíritos. Salvador Gentile. Araras, SP : Ide, 1988

Ciência Espírita e suas Implicações Terapêuticas. J. Herculano Pires. São Paulo : Paidéia, 1979.

A cura pelos fluidos, segundo o Espiritismo. Carlos Toledo Rizzini. Juiz de Fora, MG : Instituto Maria, 2000.

Doenças, cura e saúde à luz do Espiritismo. Geziel Andrade. Capivari, SP : EME, 1992.

A loucura sob novo prisma. Bezerra de Menezes. São Paulo : Feesp, 1982.

Novos rumos à medicina. Inácio Ferreira. São Paulo : Feesp, 1990.

A psiquiatria em face da reencarnação. Inácio Ferreira. São Paulo : Feesp, 1987.

Espírito/Matéria – Novos horizontes para a medicina. José Lacerda Azevedo. Porto Alegre, RS : Palotti, 1988.

Energia e Espírito. José Lacerda Azevedo. Sobradinho, DF : Edicel, 1993.

Apometria – Novos horizontes da Medicina Espiritual. Vítor Ronaldo Costa. Matão, SP : O Clarim, 1997.

Enfermidades da alma e a proposta terapêutica espírita. Vítor Ronaldo Costa. São Paulo : DPL, 2001.

Mediunidade e medicina – vasto campo de pesquisa. Vítor Ronaldo Costa. São Paulo : O Clarim, 1996.

Muito além dos neurônios. Núbior O. Facure. São Paulo : AME-São Paulo, 1999.

A ciência da alma. Núbior O. Facure. São Paulo : Fé, 2000.

Doenças da Alma. Roberto Brólio. São Paulo : Fé, 1997.

Psicologia da Alma. Roberto Brólio. São Paulo : Fé, 1998.

Psiquiatria e mediunismo. Leopoldo Balduino. Rio de Janeiro : FEB, 1993.

Espiritismo e Psiquismo. Alberto de Souza Rocha. São Bernardo do Campo, SP : Correio Fraternal, 1993.

Psicologia e Espiritismo. Carlos Toledo Rizzini. Matão, SP : O Clarim, 1996.

Medicina oficial e práticas espirituais de cura. Adhemar Ramires. Brasília : Lede, 1996.

O novo paradigma holístico. Denis M. S. Brandão; Roberto Crema [Org.]. São Paulo : Summus, 1991

Psicoterapia Reencarnacionista. A terapia da finalidade da encarnação. Mauro Kwitko; Mara de Oliveira. Porto Alegre, RS : Samadhi, 1997.

Terapia de vida passada e Espiritismo. Distâncias e aproximações. Milton Menezes. Rio de Janeiro : Leymarie Editora, 1999.

Reencarnação – Processo educativo. Adenauer Novaes. Salvador, BA : Fundação Lar Harmonia, 1998.

Reencarnação em Xequê. Ricardo Di Bernardi. Londrina, PR : Universalista.

Muitas moradas. A reencarnação segundo Edgard Cayce. Gina Cerminara. Trad. Syomara Cajado. São Paulo : Pensamento, 1991.

As várias vidas da alma. R. J. Woolger. São Paulo : Cultrix, 2ª. ed., 1997.

Jung na fronteira do Espírito. José Carlos Leal. Rio de Janeiro : Leymarie, 1999.

Jesus terapeuta. Cláudio Fajardo. Belo Horizonte : Ediamé, 2002.

Princípios do tratamento espírita dos distúrbios mentais. In Tratado psíquico para o homem moderno. Carlos Toledo Rizzini. Sobradinho, DF : Edicel, 8ª. ed. Aumentada, 1990, parte III.

Obsessão e transtornos psíquicos – Terapêutica Espírita. Célio Allan Kardec de Oliveira. Belo Horizonte : Ediamé, 2000.

Porque adoecemos – Novos horizontes do Conhecimento Médico-Espírita. Associação Médico-Espírita de Minas Gerais — AME-Minas Gerais — Vol. 1 (1996) e Vol. 2 (2004).

Desafios em saúde mental – Contribuições da terapêutica espírita. Belo Horizonte, MG : Fonte Viva, 1997.

Depressão e mediunidade – Sob o ponto de vista da Doutrina Espírita, da Psiquiatria e da Psicologia. Célio Allan Kardec de Oliveira [et. al]. Belo Horizonte : Itapuã, 2001.

Saúde e Espiritismo. Associação Médico-Espírita do Brasil – AME-Brasil, 1998.

O homem sadio – uma nova visão. Alcione Albuquerque de Andrade; Roberto Lúcio V. de Souza. Belo Horizonte : AMME, 1992.

Boletim Médico-Espírita. Associação Médico-Espírita de São Paulo – AME-São Paulo.

Dicionários e glossários espíritas

Moderno Dicionário Espírita. Antonio Espechit. Belo Horizonte : DGF Edições, 1ª. edição, 1987

Dicionário de Filosofia Espírita. L. Palhano Jr. Rio de Janeiro : CELD, 1997.

Definições Espíritas. Allan Kardec. [Org. Notas L. Palhano Jr.] Niterói, RJ : Lachâtre, 1997.

Léxico Kardequiano – Manual de Termos e Conceitos Espíritas – L. Palhano Jr. Rio de Janeiro : CELD, 1997

Dicionário de Doutrina Espírita. ADGMT. Rio de Janeiro : Gráfica Esperanto, 1963.

Dicionário Enciclopédico Ilustrado de Espiritismo, Metapsíquica e Parapsicologia. João Teixeira de Paula. Porto Alegre: Bels, 3ª. edição, 1976.

Doutrina Espírita no tempo e no espaço – 800 verbetes especializados. A. Merci Spada Borges. São Paulo : Editora Panorama, 2000.

Perispírito [*Cap. XI — Perispírito e Mediunidade; Cap. XII — Perispírito e Reencarnação; Cap. XIV — Perispírito e Obsessão*]. Zalmينو Zimmermann. Campinas, SP : Centro Espírita Allan Kardec, 2000.

Autor

E-BOOK - Capa do livro: José Carlos Saldanha/Antônio C. Guimarães
FICHA CATALOGRÁFICA
Abigail [Mediunidade e redenção] / Antônio Carlos Guimarães;
revisão de Astolfo Olegário de Oliveira Filho. -- Londrina, PR : EVOC,
2019.

202 p. : il.

1. Espiritismo. 2. Mediunidade. 3. Guimarães, Abigail, 1926-1944. 4. Guimarães, João, 1927-2015. I. Oliveira Filho, Astolfo Olegário. II. Título.



AUTOR: ANTÔNIO CARLOS GUIMARÃES É EXPOSITOR E AUTOR DE LIVROS ESPÍRITAS.

AUTOR DE TEXTOS DE ADMINISTRAÇÃO E COMUNICAÇÃO, PROFESSOR DE CONTABILIDADE, LEGISLAÇÃO FISCAL E ADMINISTRAÇÃO TRIBUTÁRIA E AUDITOR-FISCAL (APOSENTADO).

- SEU PERFIL ESTÁ AQUI: <https://goo.gl/S1otnz>
- SEUS LIVROS, QUE ASSINOU COM O PSEUDÔNIMO DE **ANTÔNIO LOBO GUIMARÃES**, PODEM SER VISTOS AQUI: <https://goo.gl/ivS8zR> e <https://goo.gl/wTkGEC>
- SEU SITE ESPÍRITA É: <http://aprendizadoespirita.net>
- SEU SITE PESSOAL É: <http://guimaguinhas.prosaeverso.net>
- CONTATOS: guimalam@hotmail.com

LEITURA E IMPRESSÃO

Recomenda-se a leitura on-line deste texto e a impressão somente do estritamente necessário.

Se for imprimir, use o modo *múltiplo* ou *livreto* (2 páginas por folha, frente e verso), que, em face da diagramação adotada, obterá um texto de boa visualização/leitura.

Se houver ANEXOS (mapas mentais, diagramas), imprima-os separadamente em formato normal (1 página por folha, deixando o verso em branco)

NOTA: A 1ª. e única edição em formato livro de ABIGAIL [MEDIUNIDADE E REDENÇÃO] foi publicada em 2009, à conta de autor, que a assinou com o pseudônimo de ANTÔNIO LOBO GUIMARÃES.

Esta edição, a primeira em formato e-book, é lançada pela **Editora Virtual O Consolador (EVOC)** e vai assinada por ANTÔNIO CARLOS GUIMARÃES, nome civil do autor.

Abigail

Uma emocionante história de luta e redenção espiritual

Ocorrida numa cidadezinha do interior de Minas Gerais nas décadas de 1930 e 1940, esta é uma história verdadeira e comovente, narrada de forma viva e tocante, que mostra o terrível processo de obsessão espiritual – uma das experiências mais dolorosas por que pode passar um ser humano – que acometeu uma menina de nome *Abigail*.

Este caso de redenção espiritual de *Abigail* e de seus familiares está entrelaçado à história do *Centro Espírita Vinte e Quatro de Junho* (atual *Casa Espírita Francisco de Paula Vitor*) e de seus fundadores, visto que foi nos primórdios dessa instituição espírita que ela obteve a sua cura, e onde também se deu o esclarecimento dos espíritos sofredores que lhe infligiram enormes padecimentos psíquicos.

